



Universidade Federal
de Campina Grande

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH

ROBERTO CARLOS DE FREITAS ALMEIDA

**INVENTANDO UMA “CIDADE FORRÓ”: A CONSTRUÇÃO DA CULTURA
MUSICAL DE MONTEIRO-PB, DESBRAVANDO OS ACORDES DA HISTÓRIA
MONTEIRENSE (1990 – 2024)**

CAMPINA GRANDE

2024

ROBERTO CARLOS DE FREITAS ALMEIDA

**INVENTANDO UMA “CIDADE FORRÓ”: A CONSTRUÇÃO DA CULTURA
MUSICAL DE MONTEIRO-PB, DESBRAVANDO OS ACORDES DA HISTÓRIA
MONTEIRENSE (1990 – 2024)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, como requisito para a obtenção do Título de Mestre em História. Linha de pesquisa em Cultura, Poder e Identidade.

Orientador: Prof. Dr. José Otávio Aguiar.

**CAMPINA GRANDE
2024**

A447i

Almeida, Roberto Carlos de Freitas.

Inventando uma "*Cidade Forró*": a construção da cultura musical de Monteiro-PB, desbravando os acordes da história monteirense (1990 – 2024) / Roberto Carlos de Freitas Almeida. – Campina Grande, 2024.

147 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2024.

"Orientação: Prof. Dr. José Otávio Aguiar".

Referências.

1. História Cultural. 2. História Oral. 3. Cultura Musical – Monteiro-PB. 4. Manifestações Culturais – Representação – Identidades e Memória. I. Aguiar, José Otávio. II. Título.

CDU 930.85(043)


ROBERTO CARLOS DE FREITAS ALMEIDA

INVENTANDO UMA “CIDADE FORRÓ”: A CONSTRUÇÃO DA CULTURA MUSICAL DE MONTEIRO-PB, DESBRAVANDO OS ACORDES DA HISTÓRIA MONTEIRENSE (1990 – 2024)


Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, como requisito para a obtenção do Título de Mestre em História. Linha de pesquisa em Cultura, Poder e Identidade.

Campina Grande, 20 de Setembro de 2024.


Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente
 JOSE OTAVIO AGUIAR
Data: 15/10/2024 13:06:23-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Professor Dr. José Otávio Aguiar
Universidade Federal de Campina Grande

Documento assinado digitalmente
 JOSE PEREIRA DE SOUSA JUNIOR
Data: 16/10/2024 11:11:31-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Professor Dr. José Pereira de Sousa Júnior
Universidade Federal de Campina Grande

Documento assinado digitalmente
 HILMARIA XAVIER RIBEIRO
Data: 16/10/2024 10:49:12-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Professora Dra. Hilmária Xavier Ribeiro
Universidade Estadual da Paraíba



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

As 16h (dezesesseis horas) do dia 20 (vinte) de setembro de 2024 (dois mil e vinte e quatro), de forma remota via videoconferência, a Comissão Examinadora da Dissertação para obtenção do grau de Mestre apresentada pelo(a) aluno(a) **Roberto Carlos de Freitas Almeida**, intitulada: Inventando uma "Cidade Forró": A Construção Da Cultura Musical De Monteiro-PB, Desbravando Os Acordes da História Monteirense (1990 – 2024), em ato público, após arguição feita de acordo com o Regimento do referido Curso, decidiu conceder ao mesmo o conceito "Aprovado", em resultado à atribuição dos conceitos dos professores doutores: José Otávio Aguiar - Orientador(a), José Pereira de Sousa Júnior - Examinador(a) Interno(a), Hilmária Xavier Ribeiro - Examinador(a) Externo(a). Assina também a presente Ata o Secretário do PPGH Yaggo Fernando Xavier de Aquino e a Coordenadora do PPGH Michelly Pereira de Sousa Cordão, para os devidos efeitos legais.

Parecer: Considerado aprovado pela Banca, que reconheceu a qualidade e a importância do trabalho apresentado, fundamentando a decisão com o conteúdo da versão final. aluno,

Lista de Presença

Orientador(a)	José Otávio Aguiar	PPGH/UFCG	
Examinador(a) Interno(a)	José Pereira de Sousa Júnior	PPGH/UFCG	Documento assinado digitalmente JOSE PEREIRA DE SOUSA JUNIOR Data: 20/09/2024 18:53:07-0300 Verifique em https://validar.iti.gov.br
Examinador(a) Externo(a)	Hilmária Xavier Ribeiro	CH/UEPB	Documento assinado digitalmente HILMARIA XAVIER RIBEIRO Data: 23/09/2024 09:27:28-0300
Secretário	Yaggo Fernando Xavier de Aquino		Documento assinado digitalmente YAGGO FERNANDO XAVIER DE AQUINO Data: 16/10/2024 10:07:28-0300 Verifique em https://validar.iti.gov.br
Coordenadora	Michelly Pereira de Sousa Cordão		Documento assinado digitalmente MICHELLY PEREIRA DE SOUSA CORDAO Data: 14/10/2024 09:24:50-0300 Verifique em https://validar.iti.gov.br

Campina Grande-PB, 20 de setembro de 2024.

DEDICATÓRIA

Há quem sempre segurou minha mão e nunca me desamparou, minha mãe e meu pai, dedico esse trabalho. Um sonho sonhado por eles

AGRADECIMENTOS

No mundo não existe ninguém que segure as nossas mãos como nossos pais. Por isso, assim como sou grato a Deus, que é minha maior força e sentido da minha vida, patamar de que não abro mão, eu inicio agradecendo a minha mãe, Vânia Reis, e meu pai, Zenon Almeida. Por toda dedicação, proteção, doação e cuidado ao longo de todos esses anos de vida. Eu costumo dizer e repetir: sem vocês, eu não seria absolutamente nada.

Não há como escrever essa parte e não encher os olhos de lágrimas, esse trabalho é sinônimo de força e de persistência, o caminho trilhado para alcançar os resultados me fizeram muitas vezes duvidar, a vida não é fácil, mas eu venci. Por isso, agradeço a Deus, pelo olhar e por me guiar, segurar na minha mão e mostrar que eu conseguiria. Juntamente aos meus pais, que de tudo fizeram para que eu conseguisse me formar e finalizar essa pós-graduação.

Sigo sendo grato por todas as pessoas que cruzaram meu caminho, pelas oportunidades que tive e por colher os frutos que agora me servirão de alimento. Agradeço, dessa forma, a minha melhor escolha: ser professor. Especialmente aos meus alunos, que, ao longo desses dois anos, deram-me força e suporte para buscar melhorar, especializar-me e ser um profissional que lhes desse orgulho. A cada um de vocês, eu agradeço pelo: “Você vai conseguir, professor”; “Estou torcendo por você”; “O senhor merece”. Afinal, é a inocência de uma criança me faz acreditar em um mundo melhor.

Agradeço, de forma mais que especial, a todos da minha família, meus irmãos, Carlos Eduardo e Paulo Ricardo, meus avôs (Dudu e Raulino), minhas avós (Edite e Margarida - *in memoriam*), minha cunhada (Dilma), meus sobrinhos (Cadu e Malu), primos, primas, tios e tias. E, para não levar um puxão de orelha, a minha Tia Zenaide, pelo feijão quentinho e o acolhimento e escuta de tantos anos e momentos em Campina Grande.

Sou extremamente grato pelo fato de não ter somente primas, mas irmãs, porque a irmandade é o laço que me fortalece e que mais preservo, por isso, deixo aqui meu agradecimento a vocês, minhas confidentes: Heidianne, Helenaide, Hilnara, Maria Edite (Maria Alice) e Niedja.

Por falar em Campina Grande, agradeço por todos os amigos que fiz nessa cidade, em especial a Milena Dôso, que muito mais que uma amiga, tornou-se

minha irmã de vida. Compartilhando comigo a verdadeira força do que é ser família, mesmo sem ser de sangue. Além dela, agradeço a Ruhama Figueiredo, a “Ruth” que vivenciei comigo esse sonho. Conseguimos. E a Gustavo Souza, sua oração chegou em mim, obrigado irmão. Você foi um presente que Campina Grande me agraciou, mostrando que Deus sempre dá um jeito de te aproximar de pessoas de fé.

Assim, não tenho como deixar de agradecer pelas minhas raízes, Monteiro - PB, lugar onde nasci e me criei, que fiz morada e se tornou o objeto de estudo da minha pesquisa. Agradeço de forma especial a todos os participantes desta pesquisa, que, através dos seus relatos, evidenciam a identidade construída em torno da música em Monteiro: Marlene, Claudinho, Deyse, Eliane, Flávio José, Ianka, Ilmar, Lidiane, Nal Nunes e Adma Andrade. Vocês mostraram que a cultura se faz com os seus e para os seus.

Agradeço, ainda, pela força e suporte necessário para realização e finalização desta pesquisa: Anna Lorena, prefeita de Monteiro; Ana Lima Feliciano, Secretária de Educação de Monteiro; Ary Prata, gerente regional; Christianne Leal, Secretaria de Cultura; Amélia Reis e Socorro Teixeira, gestoras da Escola Municipal Maria Lauriceia Freitas, minha segunda casa, e tantos outros nomes que me ajudaram nessa caminhada e estão guardados em minha memória e coração.

Sou grato ainda pelos grandes amigos que fiz na vida, que entre risadas, puxões, brigas e conselhos fazem parte de quem eu sou: Allan, Allyson, Arthur, Beatriz, Duda, Elyzama, Elyziane, Fabiana, Frank, Isaak, Ísis, Larissa Mendes, Laryssa Berto, Laryssa Caldas, Luiz, Márcia, Mônica, Neilson, Ranielly, Samanta, Thaynara, Thomaz, Valéria (Eloise), Waleska e Wesley. Obrigado a cada um de vocês.

Agradeço, de maneira mais que especial e sem palavras suficientes para expressar, meu orientador, Dr. José Otávio Aguiar, que me guiou, incentivou e olhou com humanidade e compreensão toda a luta e construção deste trabalho. Professor, sou completamente agradecido pela oportunidade de ter tido a sua orientação, talvez, se não fosse o senhor, eu não chegaria até aqui. Obrigado por ter compreendido cada fase da minha vida, entendendo que estudar e trabalhar na prática não é tão simples como tentam pregar e romantizar. Para perceber isso, é preciso ter um olhar sensível, como o senhor o teve. Um mestre que levarei para a vida. Assim como a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e a banca

examinadora desta dissertação, intitulada, Inventando uma “Cidade Forró”: a construção da cultura musical de Monteiro-PB, desbravando os acordes da história monteirense (1990 – 2024), agradeço por todas as contribuições.

Por fim, agradeço a você, caro leitor, que seja pela sede de conhecimento, necessidade ou a busca de uma narrativa cultural, chegou até aqui, que desfrute desta dissertação e que ela possa contribuir na sua busca.

EPÍGRAFE

“Se você não concordar
Não posso me desculpar
Não canto pra enganar
Vou pegar minha viola
Vou deixar você de lado
Vou cantar noutro lugar”
(Geraldo Vandré)

RESUMO

A música, para além de algo estético e sonoramente agradável, pode dizer muito mais do que os ouvidos podem escutar. A presente dissertação, apoiada nas teias da História Cultural, tem por objetivo apresentar uma proposta de análise em torno da influência das manifestações culturais na cidade de Monteiro - PB, onde a cultura musical é entendida como um objeto que proporcionou visibilidade e gerou transformações sociais, econômicas e culturais no município, modificando a dinâmica do lugar, especialmente nos últimos 30 anos, e sendo valorizada através de ações administrativas (por assim dizer) para preservação cultural. Assim, analisar a cultura do lugar se faz necessário para pensar o desenvolvimento da cidade a partir dela, os agentes envolvidos, os processos produzidos, as formas pelas quais a sociedade vivencia e consome cultura e, especialmente, se a população nativa se sente inserida nesse espaço, uma vez que são esses personagens que contribuirão para desencadear uma História que vai buscar encontrar os acordes históricos que evidenciam essa força cultural. Para a realização dessa análise, contamos, com os estudos de Demo (1985 e 1998); Chartier (1988); Hall (2006); Napolitano (2002); Pesavento (2012), entre outros autores como apoio teórico para entender os conceitos e mecanismos no que se refere ao trato dos objetos pesquisados. Nesse segmento, o estudo será amparado metodologicamente pela pesquisa qualitativa, suporte necessário a esse tipo de pesquisa, que legitima os procedimentos que serão desenvolvidos e que possibilitam a identificação do objeto pesquisado, neste caso, como a História Cultural e a História Oral – através de entrevistas semiestruturadas com participantes monteirenses envolvidos com a música e a cultura no referido município – podem ser um campo de possibilidades no auxílio ao estudo das práticas e representações que circulam na e pela sociedade.

Palavras-Chave: História Cultural; Monteiro - Paraíba; Representação; Memória, Identidades.

ABSTRACT

Music, besides being aesthetic and sonically pleasing, can say much more than what the ear can hear. This dissertation, based on the studies of Cultural History, aims to present a proposal for an analysis of the influence of cultural manifestations in the city of Monteiro - PB, where musical culture is understood as an object that has provided visibility and social progresses, economic and cultural transformations in the municipality, it also has changed the dynamics of the place, especially in the last 30 years, valuing through administrative actions for cultural preservation. Thus, analyzing the culture of the place, it's necessary to think about the development of the city based on it, the agents involved, the processes produced, the ways in which society experiences and consumes culture and, especially, whether the native population feels inserted in this space, since it is these characters who will contribute to unleashing a History that will seek to find the historical chords that highlight this cultural force. To carry out this analysis, we relied on the studies of Demo (1985 and 1998); Chartier (1988); Hall (2006); Napolitano (2002); Pesavento (2012), among other authors as theoretical support to understand the concepts and mechanisms regarding the treatment of the objects researched. In this segment, the study will be methodologically supported by qualitative research, a necessary support for this type of research, which legitimizes the procedures that will be developed and which make it possible to identify the object being researched, in this case, how Cultural History and Oral History - through semi-structured interviews with participants from Monteiro involved in music and culture in the city – these instruments can be fields of possibilities in helping the studies of practices and representations that circulate in and through society.

Keywords: Cultural History; Monteiro - Paraíba; Representation; Memory, Identities.

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. ACORDES INICIAIS: ENTENDENDO A IMPORTÂNCIA DA HISTÓRIA ORAL E SUA UTILIZAÇÃO CIENTÍFICA E METODOLÓGICA.....	32
2.1 DESBRAVANDO A HISTÓRIA ORAL: É POSSÍVEL CONTAR UMA HISTÓRIA VERDADEIRA E ABSOLUTA?	34
2.2 DESBRAVANDO A HISTÓRIA ORAL: ORALIDADE E SUBJETIVIDADE	37
2.3 DESBRAVANDO A HISTÓRIA ORAL: CAMINHOS SOBRE A INTERPRETAÇÃO .	41
2.4 DESBRAVANDO A HISTÓRIA ORAL: ORALIDADE, MARGINALIDADE E MEMÓRIA	45
3. ACORDES MÉDIOS: SONORIDADE DA HISTÓRIA DE MONTEIRO-PB	52
3.1 EM BUSCA DA SONORIDADE MONTEIRENSE: ONDE FICA MONTEIRO?	54
3.2 EM BUSCA DA SONORIDADE MONTEIRENSE: A LAGOA DO PERIPERI QUE SE TRANSFORMOU EM MONTEIRO	58
3.3 EM BUSCA DA SONORIDADE MONTEIRENSE: QUAIS AS CONFIGURAÇÕES DE MONTEIRO?	66
4. ACORDES FINAIS (SERÁ?): A CULTURA QUE EM MONTEIRO SE FAZ IDENTIFICA UM POVO QUE A TRADUZ	80
4.1 PROSEANDO E CANTANDO: MONTEIRO SEMPRE PROPAGOU CULTURA?.....	83
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	130
REFERÊNCIAS.....	134
ANEXOS.....	139

Lista de Figuras

Figura 1. Dados das cidades e vilas próximas de Monteiro	55
Figura 2. Dados território de Monteiro	56
Figura 3. Dados demográficos do Município de Monteiro	57
Figura 4. Procissão em frente a Igreja Matriz Nossa Senhora das Dores - Monteiro/PB.....	60
Figura 5. Interior da matriz Nossa Senhora das Dores – Monteiro/PB.....	62
Figura 6. Encenação do espetáculo ‘A Grande Ceia’ promovido pela Secretaria de Cultura e Turismo do município de Monteiro.....	65
Figura 7. Fachada lateral do Crença - Centro de Referência da Renda Renascença em Monteiro - PB	70
Figura 8. Echarpe em Renda Renascença produzido pela rendeira mestre Marlene Leopoldino.....	72
Figura 9. Modelo desfilando com vestido de Renda Renascença, desfile do estilista Ronaldo Fraga em parceria as rendeiras do Cariri Paraibano, 2020	73
Figura 10. Peças de renda renascença e stand no interior da loja Crença - Centro de Referência da Renda Renascença em Monteiro - PB. Decoração com elementos da cultura monteirese, parede lateral com imagem de Zabé da Loca.....	76
Figura 11. Peças em renda renascença produzidos pelas rendeiras do Cariri Paraibano, interior da loja CRENÇA	78
Figura 12. Parede de sala de aula com referência a Zabé da Loca e Pinto do Monteiro na Universidade Estadual da Paraíba - Monteiro/PB	86
Figura 13. Aula de música de sanfona com o músico e professor Claudinho de Monteiro na Universidade Estadual da Paraíba - Monteiro/Pb.....	88
Figura 14. Fotografia de Pinto do Monteiro na década de 80/90 mostrando a arte do repente	94
Figura 15. Cantoria de repente em Monteiro - PB.....	95
Figura 16. Público na cantoria de repente na cidade de Monteiro - PB	96
Figura 17. Quadrilha junina nos anos 90.....	100
Figura 18. Festival de quadrilhas do município de Monteiro - PB nos anos 2000 promovido pela gestão de 2016 – 2024	101
Figura 19. Apresentação cultural de grupo de dança no Festival Zabé da Loca.....	109
Figura 20. Apresentação cultural de grupo de dança no Festival Zabé da Loca.....	110
Figura 21. Bloco de prévia de Carnaval “Agita Monteiação realizada pela prefeitura de Monteiro e secretaria de Cultura e Turismo	112
Figura 22. Banda Filarmônica de Monteiro - PB.....	113
Figura 23. Grupo de banda de baile em Monteiro - PB nos anos 90.....	114
Figura 24. Fachada da estrutura do Sítio São Francisco no São João de Monteiro.....	118
Figura 25. Palco secundário no Sítio São Francisco no São João em Monteiro - PB	119
Figura 26. Mostra de Teatro e Dança realizada pela Secretaria de Cultura e Turismo em Monteiro - PB em agosto.....	122
Figura 27. Festival de Violeiros promovido pela Secretaria de Cultura e Turismo nos anos 2000.....	122
Figura 28. Palco principal do São João de Monteiro estampando o letrero “Cidade Forró”	125
Figura 29: artistas monteiresenses reunidos: Flávio José, Ilmar Cavalcante, Osmando Silva, Claudinho de Monteiro, Washington Marcelo, Nanado Alves e outros.....	129

1. INTRODUÇÃO

Eu nasci, me criei, posso dizer assim, só saí da cidade realmente aos 20 anos para alçar outros voos com a própria música, mas vivi a minha vida toda em Monteiro. Minha infância, minha adolescência, até a juventude. E, com certeza, isso tem total influência na minha carreira. Comecei muito cedo, aos 7 anos de idade. Eu já dava ali sinais de que iria cantar, de que queria cantar. A minha família, tanto por parte de pai quanto por parte de mãe, tem músicos. O meu pai é cantor. E na família da minha mãe tem todos os meus tios. A maioria deles toca, até hoje também estão exercendo. E, desde muito pequena, eu lido com a música... Dentro da minha casa, eu via pessoas como Walkryia, que estava sempre ali. A gente era da mesma rua, praticamente, estava sempre lá em casa. E, desde muito pequenininha, acompanhando os meus tios, acompanhando a minha família, eu pude ver Flávio José, Dejinha de Monteiro, ver a banda Magníficos e tantas outras preciosidades da nossa cidade. E aí, com certeza, isso desperta também na gente, esse desejo, essa vontade (Andrade, 2024).

As palavras de Adma Andrade iniciam a busca que esse trabalho defenderá, da Cultura enquanto um elemento que, sem dúvidas, contribui de maneira significativa para o processo de conhecimento de uma sociedade, haja vista que, através dessa, é possível que sejam observados jogos políticos, econômicos, sociais e toda uma rede de compartilhamento de informações e de estruturação de um lugar. Pensando nisso, o estudo em questão busca entender a importância da música e, portanto, da Cultura, em uma determinada cidade localizada na região do Cariri Ocidental Paraibano, Monteiro – PB. Um município cercado por poesia, música e representatividade cultural, o qual é exaltado pelo senso comum, tanto que se “estampa” nos slogans do lugar: “a cidade que respira forró”¹.

A partir desse conhecimento e, utilizando os conceitos da teoria que envolve a História Cultural, será abordado como a música, um exemplo de expressão cultural

¹ A presente dissertação parte da necessidade de continuar um estudo iniciado no ano de 2021 pelo estudante de graduação em História Roberto Carlos de Freitas Almeida, que traçou caminhos importantes e descritivos referente às manifestações culturais desenvolvidas na cidade de Monteiro – PB, e que, no decorrer desta pesquisa, serão evidenciadas, porém, evocadas a partir de uma nova perspectiva, para que agora seja possível observar o envolvimento dos agentes principais desses processos: os monteirenses. Caso o leitor deseje se inteirar da obra que caracteriza essas manifestações ler: ALMEIDA, Roberto Carlos de Freitas. Monteiro - PB, a "Cidade Forró" [manuscrito]: uma análise da cultura como guardião e representante da história de um lugar (1997 - 2019). 2021. 76 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2021.

rica e diversa no estudo de um fenômeno, pode tornar-se um objeto de investigação que proporciona visibilidade a um espaço, amparando-se à metodologia qualitativa para investigar principalmente os agentes envolvidos no processo e a representação dos artistas e cidadãos monteirenses.

Pode-se dizer que a música é uma espécie de manifestação artística que desempenha diversos papéis na vida dos seres humanos e que, claro, não inerte ao processo de avanço do tempo, ao longo das décadas sofreu inúmeras alterações, composições e influências, o que justifica o surgimento, nesse processo “evolutivo”, dos diversos gêneros e ritmos musicais existentes. Conforme Napolitano (2002) afirma a música pode se caracterizar como a apuração de diversas ideias que colabora para pensar a sociedade, justamente por carregar consigo as marcas do processo de mudança que sofreu, com inúmeras histórias e memórias, o que a torna um valioso objeto de caráter sociológico ocupando, por assim dizer, um lugar excepcional na história social e cultural.

Pensando dessa maneira, essa investigação refere-se a como manifestações, ou seja, práticas culturais, podem influenciar no desenvolvimento ou mesmo reconhecimento de um lugar. Sabendo, como pontua Hall (2016), que a Cultura é um conceito extremamente complexo dentro das ciências sociais e que há várias maneiras de ser utilizada dentro de um circuito diverso, essa se torna um fenômeno interessante, para que seja possível entender a influência da música na cidade de Monteiro, já que o município, como mencionado, é considerado pelos seus contemporâneos como um lugar de artistas, musicistas, música e o berço da poesia popular.

A partir desse contexto, podem-se fazer diversos questionamentos quanto à importância da música para um espaço, como por exemplo, “é possível reconhecer a identidade de um lugar através da cultura?”. Muitas cidades, como é o caso de Monteiro, são conhecidas por valorizar sua cultura local, possuindo assim eventos relacionados à valorização dos artistas e das tradições culturais, que, sem dúvidas, geram movimentação para a cidade, melhoram o comércio, a economia e, claro, atraem diversos turistas. Sendo assim, a música, entendida como uma manifestação cultural, torna-se objeto de investigação por promover visibilidade a um lugar e reconhecimento através de si. Para realizar essa investigação, nada melhor do que as pessoas dessa região contarem e reinventarem sua História e seus pontos de vista sobre tais “afirmações”.

Baseado nisso, o estudo em questão irá mostrar como a cultura, especialmente em torno de uma esfera musical e, até mesmo, poética, pode representar a história desse lugar, e se, de fato, tornou-se um meio de transformação social e econômica na vida das pessoas e da dinâmica da localidade, já que é uma espécie de representante de patrimônio local, perspectiva essa que no trabalho também se reflete. Se ancorando no método de investigação qualitativo como suporte metodológico para esse tipo de estudo – uma vez que é um tipo de abordagem de pesquisa que está relacionada com aspectos subjetivos de fenômenos sociais, pois, como coloca Demo (1985), realidades sociais se manifestam mais de maneira qualitativa –, a reflexão se dará em torno da cultura e sua influência na construção de uma identidade ligada à música.

A cultura é um elemento muito importante para analisar as diversas sociedades e, por isso – sobretudo a partir da década de 60, com a renovação historiográfica, devido à associação de novas abordagens de pesquisa na História que começa a ocupar dentro das universidades e em outros âmbitos acadêmicos um maior espaço – torna-se um novo objeto de escrita acadêmica com a influência da terceira geração da escola dos Annales (Reis, 2006). Dessa forma, essa passa a ser um objeto que permite analisar a representação e a história de um lugar, nesse caso, os conceitos que envolvem a História Cultural permitem que possa ser entendida como expressão cultural e, sendo assim, torna-se meio de transformação social e econômica de uma cidade.

Quanto ao método, mencionado assim, qualitativo, configura-se como um suporte para esse tipo de análise por “perseguir faces menos formalizáveis dos fenômenos, às quais damos o nome de qualidade” (Demo, 1998, p. 92), ou seja, objetos que muitas vezes são rejeitados pelos pesquisadores por possuírem o que alguns chamam de “lacunas”, e que na realidade são subjetividades, e, por se configurarem assim, são considerados por muitos como menos científicos, haja vista que a subjetividade diz respeito muitas vezes ao íntimo, ou ponto de vista, mas que na realidade é profundo e cheio de significados.

Mas isso vem mudando, uma vez que “outrora rejeitada como trivial, a história da vida cotidiana é encarada agora, por alguns historiadores, como a única história verdadeira, o centro a que tudo o mais deve ser relacionado” (Burke, 1992, p.23). Essa história, que é relacionada com aspectos culturais, sensíveis, identitários e locais, junto a métodos como o qualitativo e a campos como o da História Cultural,

vem ganhando força e destaque na historiografia. Por isso, os estudos teóricos de Chartier (1988), Demo (1998), Hall (2016), Moraes (2000), Napolitano (2002), Pesavento (2012), e outros são fundamentais para a compreensão desses aspectos relacionados com essa temática e são suporte para esta pesquisa.

Os trabalhos que giram em torno da cultura precisam diferenciar e alcançar determinados pontos, como por exemplo, compreender se seu estudo é referente à cultura como uma “ferramenta de lazer” ou como um instrumento de construção de uma identidade. Desse modo, é necessário entender como esses elementos (práticas) ajudam uma sociedade a valorizar sua tradição cultural local e como a cultura traz reconhecimento e visibilidade a um lugar, para que seja possível traçar os caminhos necessários para a construção de um estudo. Tendo em vista que são essas práticas o foco da História Cultural e sabendo que é a partir delas que o caminho é trilhado, determinamos que essa é a via principal da presente pesquisa. No entanto, é válido alertar que é possível, ainda dentro do estudo, desviarmo-nos, como todo pesquisador, e encontrar novas trilhas. Como revela Pesavento (2012),

práticas sociais podem valer como discursos, silêncios falam, ausências revelam presenças, coisas portam mensagens, imagens de segundo plano revelam funções, canções e músicas revelam sentimentos, piadas e caricaturas denunciam irreverência, senso de humor e deboche (Pesavento, 2012, p. 71).

Ou seja, analisar a cultura musical e a fala de uma população agente possibilita identificar as influências no processo de transformação social e econômica de um lugar em seus diversos setores, além de tornar-se representante da história local, garantindo que seja possível refletir sobre, a exemplo da música, o papel e as contribuições que derivam dessa forma de expressão cultural para uma sociedade, mostrando como essa pode ser uma fonte a ser estudada.

Pensar as práticas culturais que giram em torno de uma cidade e os processos que ocorreram através da cultura, identificando através das subjetividades a relação dos moradores com as práticas locais e as formas com que vivenciam e consomem cultura, independente do tempo, são movimentos que permitem revelar sentidos.

A partir da montagem, o historiador consegue encontrar caminhos muitas vezes desconhecidos ou silenciados, além de seu campo de trabalho e pesquisa ser

amplificado, sendo possível incorporar e percorrer por fontes como panfletos, recortes jornalísticos, fotografias, cordéis, registros manuscritos, poesias, relatos orais, canções, entre outras, que também se caracterizam como documento ou fonte histórica e que falam tanto quanto ou mais do que textos teóricos, pois “mais importante que botar defeito metodológico em tudo é fazer a pesquisa, ou seja, pôr-se à construção das ciências sociais” (Demo, 1985, p. 22). Assim diversificando o repertório, enriquecendo a pesquisa e levando em consideração os diversos tipos de relatos, para além dos ditos "oficiais":

Não mais a posse dos documentos ou a busca de verdades definitivas. Não mais uma era de certezas normativas, de leis e modelos a regerem o social. Uma era da dúvida, talvez, da suspeita, por certo, na qual tudo é posto em interrogação, pondo em causa a coerência do mundo. Tudo o que foi, um dia, contado de uma forma, pode vir a ser contado de outra. Tudo o que hoje acontece terá, no futuro, várias versões narrativas (Pesavento, 2012, p. 9).

O percurso para a construção do repertório de uma pesquisa não é simples, sobretudo, em um campo que possui questões ainda não tão exploradas, como é o caso da História associada à Música e à Cultura. Mas, é justamente apoiado a esse “recém determinado” campo, o da História Cultural, que a investigação pode fazer-se mais rica, devido aos conceitos que podem ser identificados e aplicados. Sendo possível, portanto, desenvolver um trabalho que permita a reflexão em torno da cultura de um lugar, pensando ainda as práticas e representações, na busca por dados que permitam contestar diversas problemáticas e apontar uma nova visão sobre essa ligação entre Cultura e História, que oferece tantos questionamentos, assim como novas possibilidades, validando esse processo e indicando a criação da vida, pois problematizar é reflexo da produção de conhecimento e, sendo assim, da confirmação da vida – através, principalmente, dos responsáveis por essa História, os monteirenses.

O fato de ainda existir uma produção um tanto quanto escassa sobre esse aspecto e mesmo sobre Monteiro, especialmente que seja de fácil acesso, foi determinante para a escolha do tema, recorte e da metodologia que serão investigadas no trabalho, trazendo um novo olhar para a cultura deste município

paraibano.² Afinal, a fomentação de cultura no interior é tão importante quanto o estudo das capitais e ajuda a entender práticas que muitas vezes são silenciadas e detêm grande importância para a sociedade. Desse modo, saber como uma sociedade valoriza uma tradição cultural local, o interesse pela cultura a partir de cada esfera social, se essa traz reconhecimento, se ocorre uma visibilidade a esse lugar e se uma identidade é constituída, são algumas das motivações para realizar a pesquisa e solidificar o estudo. E a partir de seus agentes principais, ou seja, os monteirenses, realizar uma pesquisa de campo para que possamos entender a relevância dessa temática para a História e como esse fenômeno se sustenta no município³.

Ante o exposto, é possível afirmar que o trabalho parte da necessidade de pesquisar e conhecer as raízes que sustentam a cultura de Monteiro, já que esse é um espaço de grande importância e representação para o estado da Paraíba, nada mais digno e interessante do que conhecer os artistas que florescem dessas raízes, como: Flávio José⁴, Adma Andrade⁵, Neno⁶, Walkyria Santos⁷, Dejinha de Monteiro

² Reiteramos que esse é um ponto importante que merece ser entendido no decorrer da pesquisa, apesar de existirem algumas produções que tratam da História de Monteiro volumosamente, esse número ainda é muito pequeno, por isso, o estudo torna-se importante para visibilizar a questão proposta e dar continuidade a temática proposta.

³ Esses pontos são de extremo destaque para que o monteirense possa expressar através de seus relatos a sua percepção e envolvimento com a cultura monteirense, tendo em vista que, embora o presente pesquisador já tenha elaborado um estudo que trata das manifestações culturais da cidade de Monteiro, o atual será focado no olhar dos agentes envolvidos e na sua questão identitária enquanto sujeito atuante desse(s) processo(s).

⁴ Flávio José é um cantor, intérprete, compositor e sanfoneiro, nascido na cidade de Monteiro – Paraíba no ano de 1951, iniciou sua carreira muito cedo, consagrando-se como um artista de grande sucesso em todo o Brasil, levando sua voz por diversos lugares e se tornando um grande nome do estilo musical Forró. Você pode encontrar mais sobre Flávio José e sua representação para o Município de Monteiro em: ALMEIDA, Roberto Carlos de Freitas. Monteiro - PB, a "Cidade Forró" [manuscrito]: uma análise da cultura como guardiã e representante da história de um lugar (1997 - 2019). 2021. 76 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2021.

⁵ A cantora e monteirense Adma Andrade é um nome que surgiu no cenário musical e vem ganhando muito destaque, atualmente a artista é vocalista da banda de forró Limão com Mel, já participou do programa da rede globo de televisão "The Voice Brasil" e representa um nome de sucesso na cidade de Monteiro. Outras informações sobre Adma podem ser encontradas na monografia: ALMEIDA, Roberto Carlos de Freitas. Monteiro - PB, a "Cidade Forró" [manuscrito]: uma análise da cultura como guardiã e representante da história de um lugar (1997 - 2019). 2021. 76 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2021.

⁶ Neno "O Magnífico" é um artista já consagrado na cidade de Monteiro, além de cantor, carreira que exerce desde menino, também tem paixão pelo futebol e se dedica a treinar jovens da cidade de Monteiro. Coleciona em sua trajetória grandes sucessos que

(*in memoriam*)⁸, Pinto do Monteiro (*in memoriam*)⁹, Zabé da Loca (*in memoriam*)¹⁰ etc., artistas que fizeram e, ainda fazem, muito sucesso no Brasil, sendo justo que possam, através de suas narrativas ou de contribuintes, mostrar o valor dos seus legados deixados através da arte, da música e de tantas histórias que podem ser contadas por eles e por seus familiares, contribuindo para a história da cidade.

No recorte temporal escolhido, 1990 – 2024¹¹, podem ser analisados dois contextos diferentes. O início dos anos 90, até a consolidação das primeiras festas juninas no município, que, como afirma Rafael (2011) e Almeida (2021), foi no ano de 1998 que de fato consolidou as festividades do mês de junho, o que é relatado pelos próprios moradores do município como uma grande mudança para o espaço,

emplacaram sua passagem pela Banda Magníficos, como ‘Carta Branca’ e ‘Cristal Quebrado’. Sendo mais um nome que representa a cultura no Nordeste. Outras informações podem ser acessadas no Site Globo, disponível em: <<https://ge.globo.com/pb/futebol/noticia/2023/06/26/idolo-do-forro-e-ex-magnificos-neno-e-treinador-de-futebol-em-um-projeto-social.ghtml>>. Acesso em: 02 de agos. 2023.

⁷ A ex-integrante da Banda Magníficos, cantora e dona de uma voz que eternizou músicas como “Me usa”, “Coração Magoadado”, “Meu tesão é você” entre outras, Walkyria Santos, nasceu no ano de 1978 na cidade de Monteiro, atualmente é cantora solo e agenciada pela produtora Camarote Shows, outro nome que integra a turma de artistas do Forró da cidade de Monteiro. Mais detalhes sobre a biografia da cantora, disponível em: <<https://paraibacriativa.com.br/artista/walkyria-santos/>>. Acesso em: 02 de agos. 2023.

⁸ O saudoso Dejinha de Monteiro foi um cantor e compositor que desde cedo mostrou seu talento e sua incomparável voz cantando forró com sua sanfona, nasceu na cidade de Monteiro no ano de 1952 e se configura até os dias de hoje como um nome de peso na música e na cultura do município paraibano e de todo o Nordeste. Informações sobre a sua vida e obra, disponível em: <<https://paraibacriativa.com.br/artista/dejinha-de-monteiro/>>. Acesso em: 02 de agos. 2023.

⁹ Pinto do Monteiro, nasceu no ano de 1895 na cidade de Monteiro, conhecido como “O cascavel do Repente”, foi um grande nome no que diz respeito à poesia e à arte do repente, compositor e cantador, tem seu nome marcado em diversos espaços públicos e privados da cidade do referido espaço paraibano. Exaltando o valor que o artista possui para o município e seu legado que jamais será esquecido. Ler mais sobre sua representação em: ALMEIDA, Roberto Carlos de Freitas. Monteiro - PB, a "Cidade Forró" [manuscrito]: uma análise da cultura como guardião e representante da história de um lugar (1997 - 2019). 2021. 76 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2021.

¹⁰ Zabé da Loca se consagrou como uma artista de grande representação para Monteiro, nasceu no ano de 1924 e ganhou destaque mundo afora através de sua arte de tocar pífano, um instrumento de sopro que possibilitou a essa artista mudar de vida e receber o título de ‘Rainha do Pífano’. Ler mais sobre sua importância e história em: ALMEIDA, Roberto Carlos de Freitas. Monteiro - PB, a "Cidade Forró" [manuscrito]: uma análise da cultura como guardião e representante da história de um lugar (1997 - 2019). 2021. 76 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2021.

¹¹ Apesar de a primeira vista esse recorte temporal parecer longo, os quase 30 anos que o mesmo contempla valida o envolvimento de Monteiro com as manifestações culturais que caracterizaram essa cidade. O que torna indispensável caminhar por esses anos para entender a atual configuração e identidade monteirense em torno da cultura.

haja vista que devido à introdução de cantores como Flávio José e Magníficos (naturais do município) na programação das festividades, a cidade começou a atrair muitos cidadãos para o local e a festa começou a crescer. A partir disso, é possível contextualizar e abordar as antigas tradições culturais também anteriores a esse momento, sendo possível realizar esse feito através dos relatos dos moradores mais antigos da cidade, que podem contar como a cidade se organizava antes desses investimentos culturais que geraram destaque ao município. E assim, atingir o processo influenciado pela iniciativa política e mesmo privada, que consolidou uma tradição com festas durante o ano e o São João com atrações locais e nacionais.

O último contexto que deve ser analisado é mais atual e diz respeito aos impactos ocasionados pela pandemia da Covid-19 no setor cultural, sabendo que a economia do município sofreu bastante impacto, uma vez que, segundo dados fornecidos pela secretaria de Cultura e Turismo, estima-se que a economia no período junino movimentou em média 600 mil reais no município (Almeida, 2021). Então, com a suspensão dessas e outras atividades relacionadas à cultura durante os anos de 2020 e 2021, a cidade sofreu impactos na economia e no setor cultural, fazendo-se necessário entender as formas com que a sociedade lidou com esse momento e a ação dos agentes envolvidos no processo de reinvenção que a cidade precisou executar.

Não é de hoje que Monteiro passou a ser conhecida popularmente como “Cidade Forró”, isso porque, ao longo do crescimento e desenvolvimento da cidade, muitos artistas acabaram ganhando destaque e renome, inclusive nacionalmente, não somente no que se refere à música, mas também à poesia e ao repente, como é o caso de Pinto do Monteiro, e ao pífano, com o nome ilustre de Zabé da Loca. Manifestações culturais caracterizadas pela pluralidade e diversidade, mostrando que há muito tempo essa região do Cariri carrega e evidencia o nome dos seus artistas como prova da representação que a cultura possui na região. É possível evidenciar esse fato na manchete do Jornal Correio da Paraíba de 1998:

Do Cariri, despontam hoje nacionalmente, artistas como Flávio José e Banda Metrópole, Banda Magníficos, Banda Percurso Musical, Novinho da Paraíba, Dejinha de Monteiro, Banda Skala, Ivan do Sax, Banda Laços de Amor, entre outras, que merecem referências, além do mais, a grande maioria das composições são de filhos da Terra, o que prova ser o Cariri um berço nato de talentos, daí a importância

deste festival que será sem dúvidas o grande evento da cultura do ano (Correio da Paraíba, 21/01/1998)¹².

Apoiada no campo da História Cultural e da Oralidade, será contada a História de uma cidade, a qual é caracterizada e apresentada por meio de suas formas de representação cultural, diferenciando as gerações identitárias da cidade, esperando, especialmente, contribuir para a historiografia local a partir deste estudo levantado no município de Monteiro. Assim, através da elaboração de uma pesquisa que compreende aspectos relevantes que, somados com o de outras Histórias locais dos variados municípios paraibanos, poder-se-á servir de modelo e inspiração para novas produções. Além de se buscar, mais uma vez, a contribuição almejada para a historiografia brasileira¹³, enriquecendo essa história que possui tão poucos registros através de algo que a cidade se orgulha tanto de exaltar – a sua cultura –, para tecer narrativas contadas a partir dela com rigor e criticidade.

É possível entender, assim, que a Música e o valor Cultural podem ser ferramentas para escrever a História do município de Monteiro quando apoiados, sobretudo, ao campo da História Cultural, possibilitando, dessa forma, a retratação da sociedade monteirense e demonstrando como essa se identifica em torno das práticas culturais, as quais representam e modificam a dinâmica da cidade, já que, através dos relatos dos moradores, poderão ser evidenciadas com uma riqueza maior de detalhes.

A pesquisa de campo através de entrevistas surge enquanto metodologia de grande importância no processo de investigação, pois, diante da análise desse material, será observado se é possível alcançar lacunas invisibilizadas, especialmente a partir das informações coletadas, fundamentais para compreender o processo de caracterização da cidade de Monteiro enquanto “Cidade Forró” e de seus agentes, ou seja, a população, em todo esse processo. Analisando dessa forma, a partir da teoria e da pesquisa de campo com a sociedade monteirense, como a cultura, especialmente em torno da música, desenvolveu-se e passou a representar a história desse espaço, tornando-se um meio de transformação social, por meio de dinâmicas que se solidificaram na cidade, como a econômica – pelo fato

¹² Esse recorte jornalístico catalogado e anexado aos documentos do pesquisador evidenciam o caráter singular, artístico e cultural que a cidade carrega desde o início dos anos 90.

¹³ Sua contribuição vai além da historiografia monteirense, servindo, portanto, de fonte e inspiração para a historiografia brasileira.

de uma injeção de capital ser aplicada pelo turismo e pelas festas regionais – e apontando como tudo isso influenciou na questão identitária do município, sobretudo no que se refere aos anos de 1990 a 2024.

Quando se propôs o referido estudo, foi necessário traçar caminhos e metodologias para alcançar os objetivos visados. Como já mencionado, o primeiro passo foi apontar a relação, através dos estudos historiográficos de autores como Chartier (1988), Ferreira (2000) e outros pensadores, entre os caminhos que podem possibilitar a estruturação da pesquisa em questão, como é o caso do entendimento do que é História Cultural e História Oral, garantindo que o leitor possa entender e diferenciar os conceitos empregados na dissertação e a construção da narrativa proposta, assegurando o entendimento total desses conceitos e tornando interessante, ainda, situar como o forró surge enquanto um estilo musical característico do Nordeste e como influenciou as dinâmicas socioculturais de Monteiro. Pois, para além de uma narrativa que busca evidenciar e registrar o valor da cultura no município, esta pesquisa busca ser uma referência também para pesquisadores que queiram trabalhar com a História Oral.

Assim é possível refletir acerca da história da cidade de Monteiro, pensando as manifestações culturais que giram em torno do município e os processos que ocorreram através da cultura, observando as formas que geram visibilidade ao lugar, as interligações entre passado e presente e os espaços envolvidos nesse processo. Dessa forma, problematizando, também, até o presente momento, as ações políticas tomadas pelos gestores do município, que “ajudaram” a construir representações que evidenciam Monteiro como uma cidade cultural. Entendendo, dessa maneira, a integração, olhares e divergências relacionadas às formas de consumo das práticas culturais, principalmente entre jovens e adultos, que permitam justificar uma identidade ligada ao forró e à cultura popular.

Perceber a identidade de uma sociedade não é algo tão simples quanto possa parecer, para isso, é preciso um estudo que viabilize uma renovação metodológica e teórica, sendo essa a proposta deste. Ou seja, o que se pretende aqui é pensar as práticas culturais que giram em torno de uma cidade e os processos que ocorreram através da cultura, identificando a partir das subjetividades, a relação dos moradores com as práticas locais e as formas com que vivenciam e consomem cultura, independente do tempo, sendo esse movimento capaz de revelar sentidos. Dessa maneira, é possível que seja construído um

caminho que revele pensamentos, intenções, frustrações e possibilidades, sejam para conhecimento próprio ou aporte teórico para outros estudos que façam parte dos domínios da cultura.

Desse modo, para possibilitar uma ampla e diversa discussão teórica no que diz respeito ao campo da História Cultural – especificamente como determinadas práticas culturais, ligadas a uma cultura musical, influenciaram no desenvolvimento e em uma identificação relacionadas à música e à cultura na sociedade monteirense –, reitera-se, o referencial teórico proposto a ser utilizado, sendo esse os estudos de Chartier (1988), concernente aos conceitos de práticas e representações; Pesavento (2012), garantindo uma visão aprimorada sobre a História Cultural e o conceito de representação; Napolitano (2002), pensando uma História em torno do desenvolvimento da Música; Demo (1985 e 1998), referente ao desenvolvimento da metodologia qualitativa; Delgado (2009) e Ferreira (2000), para o entendimento e utilização da História Oral como uma fonte metodológica; e demais teóricos que possibilitem o desenvolvimento e os objetivos do estudo. Assim, revelando, através da sociedade monteirense, dos seus moradores e artistas, a inserção e a visão desses sobre e em sua própria História.

Nesse contexto, a presente dissertação desenvolvida se enquadra no campo da História Cultural por aproximar-se de fontes catalogadas em arquivos públicos da cidade de Monteiro, bem como pelo diálogo com a sociedade e os representantes do Poder Público. Assim, busca-se apoio nos referidos autores para que possam contribuir na pesquisa, construindo uma narrativa que revele os métodos, as representações e a identidade monteirense a partir das manifestações culturais¹⁴.

A interdisciplinaridade torna-se uma aliada desse processo justamente porque o fechamento disciplinar, como aponta Demo (1998) “produz uma espécie de ‘cegueira’, como quer Morin, à medida que, olhando somente para certa coisa, não consegue ver nada mais além disso” (p. 90). Assim sendo, esse diálogo com o supracitado campo, é interessante, pois nesse segmento ele oferece uma parcela significativa de contribuição, visto que, além de permitir uma associação com as diversas ciências, humanas e sociais, também se associa com outros campos da história, permitindo tecer uma análise das modificações sociais, econômicas e

¹⁴ Para a montagem de uma pesquisa que envolve a música, é extremamente necessário dialogar com o campo da História Cultural, não existem “arrodeios”. Napolitano (2002) afirma que o foco sobre a música é de interesse de diversas ciências humanas como a linguística, antropologia, literatura, entre outras.

culturais, nesse caso, causadas pela influência da música através de práticas e representações em uma cidade.

Assim é possível enquadrar esse estudo como uma História Sociocultural, pois “alguns profissionais definem-se como ‘novos’ historiadores culturais, outros como historiadores ‘socioculturais’” (Burke, 1992, p. 24), mas atingem o mesmo seguimento. Os estudos que fazem parte do domínio da cultura até pouco tempo foram mais renegados pelos pesquisadores e pelas grandes correntes historiográficas existentes, principalmente durante o século XIX e XX, já que “o século dezenove foi a época em que a história se tornou profissionalizada” (Burke, 1992, p.16), por isso, não era comum, como ainda não é, encontrar grandes produções envolvendo o campo da cultura nesse período, haja vista que estudos econômicos e sociais eram mais privilegiados do que os culturais, pois, como menciona Pesavento (2012), esse era encaixado como último recurso:

Mesmo na sua crítica aos pressupostos marxistas, a história dos Annales privilegiava em sua análise os níveis econômico e social da realidade, relegando a cultura a uma terceira instância. Entretanto, após décadas de percurso, era acusada justamente de um vazio teórico e um reduzido poder explicativo (Pesavento, 2012, p. 7).

Porém, como refere Almeida (2021), a própria História vai se desenvolvendo e se apresentando de variadas formas em cada época da humanidade, uma vez que tudo está em constante evolução. E o século XIX é um dos mais importantes quando se tenta compreender as mudanças que ocorreram sobre esse novo olhar para a área, bem como para os campos que viriam a surgir, pois é nesse momento que novas possibilidades de escrita e pesquisa permitem a construção desse campo enquanto ciência. Como Barros (2013) caracteriza, esse é o “Século da História”.

Entretanto, é somente no século XX que ocorre uma “metamorfose” na forma de se pensar sobre essa ciência, com o surgimento de novos olhares em torno dessa, Burke (1992) caracteriza que “o movimento de mudança surgiu a partir de uma percepção difundida da inadequação do paradigma tradicional” (Burke, 1992, p.19). Isso ocorre justamente devido à reconfiguração no campo da disciplina, com o destaque de novos domínios historiográficos, como é o caso da História Econômica, Social, das Mentalidades e a Cultural, campo abordado neste estudo, e que proporcionaram uma heterogeneidade do saber histórico. Especialmente porque

é com a História Cultural que, reiterando Almeida (2021), começa-se a entender a cultura como “um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo” (Pesavento, 2012, p. 8).

Tal entendimento leva a crer que comportamentos, silêncios, estilos, tendências, expressões, discursos, instituições, normas, ritos, atitudes, formas, relações de sociabilidade, canto, música e entre milhares de manifestações, que possuem valor significativo para um lugar e que nesse sentido são elaboradas pelos indivíduos desse espaço para viverem e seguirem por elas, são objetos da História Cultural.

É necessário compreender que a sociedade detém objetos que surgem a partir de práticas e representações sociais, ou seja, “modos de executar” e “modos de observar”. Nesse sentido, o repertório cultural pode estar inserido nessas duas formas. Nesses casos sempre existirá algo (objeto, por exemplo) que se realiza ou esse por si só toma uma forma, e outro que enxerga essas manifestações, ou melhor, que descreve e visualiza esse algo (objeto). Lembrando que isso ocorre a partir principalmente da aproximação das novas ciências do século XX que emergem com o campo da(s) História(s), pois ocupam um novo espaço e uma história que busca “pensar como uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (Chartier, 1988, p. 17).

Diante do contexto supracitado, é pertinente perceber que a presença da música em uma sociedade é um tema importante porque permite que sejam analisadas quais as práticas culturais envolvidas nela e a partir dela, e, como sugere Barros (2011), a influência que essa manifestação pode ocasionar no segmento social, buscando assim entender e caracterizar as representações que essas práticas geram.

É necessário reiterar que práticas e representações, ainda destacando Barros (2011, p. 51), são “resultados de determinadas motivações e necessidades sociais”, assim sendo, essas manifestações são executadas por homens em suas diversas interações sociais, podendo ser com a finalidade de dominar, reforçar, obter privilégios, poder ou destaque. Por isso, é importante estar atento e investigar os sujeitos em suas interações:

Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas económicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio (Chartier, 1988, p. 17).

É, sobretudo, por isso que, entendendo as noções de práticas e representações, é viabilizado que seja observado como realidades sociais são edificadas, bem como a forma com que grupos podem impor suas concepções de mundo mediante representações, já que, através delas, são produzidas estratégias e práticas, assim compreende-se que discursos e atitudes não conseguem ser neutros e são sempre movidos por interesses. Sendo assim, a escuta dos agentes envolvidos torna-se outra vez relevante por possibilitar que sejam levantadas hipóteses sobre o objeto em questão e as redes e interesses que o cercam.

Dessa forma, as representações, através da execução pelos indivíduos envolvidos, comandam atos que têm o “poder” de descrever uma sociedade, da forma que se assemelha à realidade ou, de maneira recriada, validam a identidade de algo ou de um lugar, por exemplo, através daquilo que representa. Chartier (1988) deixa claro: “o mundo como representação, moldado através de séries e discursos que o apreendem e o estruturam” (p. 23). Portanto, através da representação, são constituídas práticas que reconhecem e corroboram a identidade de um lugar.

Assim, o reconhecimento ou aparecimento de uma História, a partir da Música ou do discurso que se fala ou mesmo que se canta, é um método extremamente válido que viabiliza a aproximação com os mais diversos âmbitos da sociedade, uma vez que, através do objeto em questão, é possibilitado o aumento da capacidade de comunicação e da investigação que se pretende fazer, gerando mais uma via de compreensão de uma realidade cultural, especialmente por ser culturalmente popular.

A música como destaca Moraes (2000, p. 208) é “a memória da cultura popular de um lugar”. E, ainda, segundo o autor (p. 210), é preciso “compreender aspectos gerais da linguagem musical e criar seus próprios critérios, balizas e limites na manipulação da documentação”, para que então seja permitido analisar ou (re)construir a realidade social e cultural (im)posta. Essa palavra é escrita assim,

com o sufixo entre parênteses, para que se possa ter a capacidade de refletir sobre o processo mencionado acima, de que realidades sociais são naturalmente “impostas”, justamente por não existir neutralidade, e são movidos por interesses com determinada finalidade, mesmo que muitas vezes isso esteja camuflado. Pois, como afirma Albuquerque Júnior (2007), a História está sempre pronta a desmanchar uma imagem do passado que já tenha sido produzida, institucionalizada, cristalizada.

Através das contribuições dos historiadores da cultura, que estudam as formas para que sejam decifradas as representações do homem sobre o mundo, agora é possível contar de outra forma uma versão que já existe, uma vez que a "História Cultural passa a trabalhar com o imaginário urbano, o que implica resgatar discursos e imagens de representação da cidade que incidem sobre espaços, atores e práticas sociais" (Pesavento, 2012, p. 46). O campo da História Cultural é apenas uma ferramenta, que possibilita, ou melhor, que auxilia na narração da história de um lugar, mesmo que já exista uma narrativa sobre. E, apoiada ao campo da História Oral, novas narrativas podem e devem ser viabilizadas, uma vez que por meio da fala “tempo, memória, espaço e história caminham juntos” (Delgado, 2009, p. 10) e a partir da incorporação de fontes que, muitas vezes, passam despercebidas, como é o caso da música como objeto de pesquisa, haja vista que “tudo pode vir a tornar-se fonte ou documento para a História, dependendo da pergunta que seja formulada” (Pesavento, 2012, p. 58).

É nessa perspectiva de se utilizar fontes várias, com destaque para os depoimentos orais dos cidadãos locais, que será tecida uma narrativa que contará a História de um lugar, Monteiro, a partir de uma fonte mais plural e do âmago da sua essência, ou seja, os próprios moradores e artistas do município. Como se é sabido, toda pesquisa, por mais simples ou densa que possa ser, precisa seguir determinados passos para caracterizar, ou melhor, afirmar seu rigor historiográfico. Nesse sentido, a presente pesquisa, metodologicamente, caracteriza-se como de cunho qualitativo.

Além da decisão por esse caminho metodológico, é válido expressar que o presente estudo busca se aprofundar em questões teóricas, mesmo em campos considerados, como já foi demonstrado, menos privilegiados entre os domínios da História. Isso se faz extremamente necessário, pois, como afirma Demo (1985) uma “boa bagagem teórica significa, assim, não somente domínio das teorias mais

importantes em sua área de pesquisa, mas principal e essencialmente capacidade teórica própria" (p. 24). Ou seja, é preciso ter em mente que, por mais que se tenha material, o suporte bibliográfico é essencial em uma pesquisa.

Devido aos conceitos utilizados nessa pesquisa e ao tipo de pesquisa mencionado, a metodologia qualitativa se faz essencial para o desenvolvimento desse tipo de estudo, especialmente porque, como afirma Demo (1998, p. 89), "a introdução dos métodos qualitativos veio como reivindicação das ciências sociais e humanas, inconformadas com a 'ditadura do método'", ou seja, algo que sempre seguia os mesmos passos, as mesmas regras e que caso desviasse desse caminho metódico, era desqualificada. Claro que isso vem mudando nos últimos anos, inclusive devido ao surgimento de novos campos historiográficos, como o da Cultura.

Em tempo, é importante frisar que os métodos qualitativos se preocupam com o que os estudiosos denominam de qualidade, isso seria, conforme aponta Demo (1998, p. 93), "a marca central das coisas e dos seres, aquilo que não se consome no tempo, que fica para sempre, que decide o que algo é definitivamente" e ainda, reiterando o autor, "trata-se de apanhar aqueles fenômenos que representariam conquistas históricas consideradas desejáveis ou que expressam realização humana relevante" (p. 93), isso não significa dizer que o estudo é voltado para grandes feitos e grandes heróis, mas para o cotidiano, tendo em vista que, no domínio da cultura, toda ação é relevante, tem sentido e conta uma história, como será feito com a História de Monteiro e seus moradores e artistas.

Para além do suporte teórico necessário em uma pesquisa, que nesse caso envolvem os estudiosos do domínio da cultura, com autores como Chartier (1988), Pesavento (2012) e Napolitano (2002) nesse seguimento, e Delgado (2009) no aporte para lidar com a História Oral, alguns aliados também se fazem importantes, já que o estudo é amparado na música como um objeto que pode proporcionar visibilidade a um lugar, sendo assim, recortes jornalísticos, reportagens, músicas e letras de canções são muito valiosos, pois como menciona Pesavento:

O historiador é aquele que, a partir dos traços deixados pelo passado, vai em busca da descoberta do como aquilo teria acontecido, processo este que envolve urdidura, montagem, seleção, recorte, exclusão. Ou seja, o historiador cria o passado e, para

Natalie Davis, a História é uma forma de ficção, tal como a Literatura (Pesavento, 2012, p. 31).

Logo, esses tipos de materiais são riquíssimos em seus acervos, contando fontes muito importantes e que podem auxiliar demasiadamente no estudo em questão, uma vez que não se tratam apenas de documentos, mas de leis, reportagens, filmagens, fotos, poesias, canções e a fala, pois Le Goff (1990) aponta que "a história faz-se com documentos escritos, sem dúvida, quando estes existem, mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem" (p. 466), ou seja, todo repertório é válido e constitui uma fonte importante. Devemos saber apenas manusear, pois, segundo Gil (2008), o levantamento bibliográfico e documental são procedimentos necessários para desenvolver os conceitos fundamentais no decorrer da pesquisa.

Reitera-se, então, que o caráter da pesquisa é qualitativa e está amparada na forma de participação observante, uma vez que entrevistas foram realizadas como forma de recurso utilizado, possibilitando que o presente pesquisador interagisse com os participantes da pesquisa, cuja amostra foi definida com 10 participantes¹⁵. Conforme evidencia a tabela I, abaixo, que possibilita uma melhor visualização dos participantes entrevistados:

Tabela 1. Quadro de entrevistados

PARTICIPANTE	IDADE	LOCALIDADE	TIPO
Adma Andrade	33	Monteiro - PB	Artista Monteirense
Claudinho Monteiro	44	Monteiro - PB	Músico e Professor Monteirense
Deyse Maria	59	Monteiro - PB	Cidadã Monteirense
Eliane Andrade	53	Monteiro - PB	Agente da Cultura
Flávio José	74	Monteiro - PB	Artista Monteirense
Ianka Targino	28	Monteiro - PB	Artista Monteirense
Ilmar Cavalcante	54	Monteiro - PB	Compositor Monteirense
Lidiane Ferreira	36	Monteiro - PB	Cidadã Monteirense
Marlene Leopoldino	54	Monteiro - PB	Rendeira Mestra

¹⁵ A amostra de 10 participantes foi escolhida para gerar uma maior integração de relatos, subjetividades e campos de competições, no sentido de gerar uma diversidade no trato do material coletado e dos agentes envolvidos. Todos os participantes se inserem no espaço monteirense e contribuíram para uma análise material do objetivo proposto.

Nal Nunes	63	Monteiro - PB	Agente da Cultura
------------------	----	---------------	-------------------

Fonte: Almeida, 2024

Cada entrevista foi realizada de maneira individual, analisando os pontos de interesse referente ao objeto de pesquisa, ou seja, entender como se deu a construção de uma identidade monteirense ligada à cultura. Dessa maneira, foi possível a construção das representações acerca do título Monteiro – PB como uma cidade forró. Contando sobretudo com a História Cultural como aparato teórico de análise e construção da narrativa desse estudo.

A pesquisa foi desenvolvida em alguns lugares específicos e necessários, mas, para garantir o recorte espacial e identitário desejado, a sua maior parte foi desenvolvida na cidade de Monteiro – Paraíba, localizada na região ocidental do cariri paraibano. Dessa forma, as entrevistas foram realizadas no município mencionado, em locais apropriados em que os participantes se sentissem confortáveis, ficando a escolha do entrevistado. A pesquisa foi realizada na cidade de Monteiro e no Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande.

Para a pesquisa, enquanto metodologia de cunho qualitativo, foi necessário recorrer à técnica da observação participante na qualidade de instrumento para a coleta de dados, assim sendo, o mais interessante foi configurar as entrevistas de maneira semiestruturadas, guiando o participante através da elaboração de pontos, ou, eixos problemáticos, que permitiu que eles se manifestassem e indicassem as minúcias que possibilitaram uma maior compreensão do objeto, garantindo ainda a observação para além das falas, dos movimentos, inquietações, gestos e silêncios, que possuem grande valia e relevam uma riqueza enquanto fonte documental para além do discurso oral.

Um estudo desse tipo é, portanto, dividido em duas etapas, primeiramente através do delineamento do material bibliográfico e documental para a construção do referencial teórico-metodológico, que investiga e descreve o fenômeno no espaço, no sentido de entender as mudanças que ocorreram a partir de aspectos da cultura, garantindo o domínio no que se refere ao trato dos objetos pesquisados e um maior repertório que possibilite a análise do que viria a ser a segunda etapa; e a segunda etapa se deu através da coleta de dados, ou seja, das entrevistas que investigaram o conhecimento, a relação dos moradores com a cultura local.

Pensar em entender um pouco sobre a relação dos moradores do espaço estudado com a cultura e por consequência qual a visão que estes possuem sobre os aspectos relacionados à cultura em uma sociedade, é um mecanismo interessante e que foi colocado em prática. Para isso, uma pesquisa de campo tornou-se outro aliado no estudo, onde foi elaborada uma entrevista semiestruturada, através de eixos-temáticos respectivos ao objetivo proposto, ou seja, para que, a partir das informações coletadas, seja interpretada a relação da sociedade com a cultura local. Isso possibilita que seja observado como os moradores da cidade consomem, vivenciam e se identificam com a cultura do lugar, além do desenvolvimento e representações do município a partir das práticas culturais manifestadas.

Assim, foi coletado o máximo de informações possíveis referente aos indivíduos que concordaram em participar do estudo, sendo esse público, os cidadãos civis, os artistas da terra e as autoridades competentes do município. Dessa forma, com cada participante foi realizada uma entrevista individual, em local apropriado para atender a todas as necessidades do entrevistado, atentando-se sempre para o bem-estar do participante na busca por uma entrevista fluida e confortável.

As entrevistas servirão de apoio para a construção da narrativa pertinente à pesquisa, analisando o material coletado junto ao aporte teórico. Esse caminho, metódico, torna-se importante, pois, como afirma Minayo (2000), é necessário para problematizar e interpretar o tema proposto do estudo, que nesse caso são as relações de uma sociedade com a cultura, para que seja apresentada, a julgar pelos procedimentos mencionados, os jogos socioculturais que mantêm a performance do município através de práticas e representações.

Afirma-se, dessa maneira, o caráter qualitativo desta pesquisa considerando que uma das primeiras etapas se liga ao fato da descrição de um objeto em suas variadas possibilidades, sendo considerada inclusive a subjetividade que esse objeto evoca. Segundo Ferreira (2015, p. 117), “a análise qualitativa é essencial para o entendimento da realidade humana, das dificuldades vivenciadas, das atitudes e dos comportamentos dos sujeitos envolvidos, constituindo-se um suporte teórico essencial”.

Combinando o referencial teórico junto a essa metodologia da pesquisa, o processo de análise dos dados, como descreve Delgado (2009), vai se dá a partir da

análise do fragmento na construção de um enredo com “registros, observações, silêncios, análises, emoções, reflexões, testemunhos. São eles sujeitos de visão única, singular, porém integrada aos quadros sociais da memória e da complexa trama da vida” (p. 23). Gerando, assim, uma maior investigação, interação e diversidade no estudo para além de significados e leituras prontas, valorizando as diversas posições existentes e o valor e o lugar de cada um, garantindo, dessa forma, no processo de transcrição da entrevista, a fiel movimentação do entrevistado, seja em suas falas, gestos, olhares, silêncios, pois, em cada palavra, será respeitada sua individualidade. E o leitor poderá, a partir das narrativas tecidas, conhecer com o rigor e a criticidade, garantidos, conhecer a História de Monteiro – PB, inventada e construída como a “Cidade que Respira Forró”.

2. ACORDES INICIAIS: ENTENDENDO A IMPORTÂNCIA DA HISTÓRIA ORAL E SUA UTILIZAÇÃO CIENTÍFICA E METODOLÓGICA

*“Se aqui eu vou falar
Você vai ter que escutar
Pois a História Oral
Tem muito a te contar
Sendo fonte cheia e rica*

Com Histórias a zelar [...]”
(Almeida, 2023, s.p.)¹⁶

A nossa pesquisa acadêmica, para além de um plano elaborado e científico, é uma jornada em busca do conhecimento, visando compreender, analisar e contribuir para o avanço do estudo da cultura a partir da investigação realizada na cidade de Monteiro – PB¹⁷, localizada na região ocidental do Cariri Paraibano, e assim abordar um campo do saber da História que merece entendimento e destaque. Uma das abordagens que tem ganhado grande notoriedade nas últimas décadas, especialmente a partir do século XIX, é a utilização da história oral como ferramenta de pesquisa.

A história oral é uma abordagem que visa coletar, preservar e analisar narrativas de indivíduos que vivenciaram eventos históricos ou que possuem conhecimentos relevantes sobre determinados assuntos. Esse método proporciona uma perspectiva única e valiosa, permitindo que vozes antes silenciadas ou marginalizadas sejam ouvidas, “re(des)velando” aspectos da história e da sociedade que podem ter sido negligenciados por outras abordagens ou mesmo pela sociedade.

Assim, exploraremos a importância do trabalho com a história oral na pesquisa acadêmica e como essa servirá de suporte e apoio para a construção da presente pesquisa, que busca analisar a importância, identificação e representação da cultural para um espaço, sobretudo a partir de seus agentes principais, os monteirenses, destacando suas vantagens, desafios e contribuições para a construção do conhecimento.

Nesse sentido, faz-se importante conhecer os principais pontos referentes à utilização da História Oral como uma abordagem e metodologia que proporciona um caminho para a elaboração da narrativa que se pretende fazer, uma vez que, embora seja um campo que vem ganhando destaque, pouco se sabe sobre o fazer oral.

¹⁶ O texto acima é um trecho de cordel de autoria do autor da presente dissertação.

¹⁷ Monteiro fica localizada na região geográfica ocidental do Cariri paraibano, a cerca de 300 km da capital João Pessoa. O município faz divisa ao Norte com o município da Prata (PB); ao Sul, com São Sebastião do Umbuzeiro e Zabelê (PB); ao Leste, com Camalaú e Sumé (PB); e, ao Oeste, com Sertânia, Iguaraci e Tuparetama (PE), fazendo parte de um polo de regiões circunvizinhas e divisa com o Pernambuco.

2.1 DESBRAVANDO A HISTÓRIA ORAL: É POSSÍVEL CONTAR UMA HISTÓRIA VERDADEIRA E ABSOLUTA?

A história oral, como já introduzido inicialmente, é uma metodologia que busca coletar, preservar e analisar relatos e acontecimentos de pessoas que testemunharam ou vivenciaram determinados eventos históricos ou cotidianos e que possuem ciência sobre certos tipos de temas, podendo revelar, através de suas narrativas, pontos-chaves para o processo que se busca alcançar. É importante evidenciar que a “ciência” da qual se trata na sentença anterior, não é relacionado ao fazer acadêmico, mas ao saber cotidiano. Pois, aqui será buscado entender a relevância da História Oral para uma pesquisa que irá abordar o fazer cultural a partir de manifestações culturais populares, sendo assim, muitos dos contribuintes a que recorreremos trarão, em seus relatos, minúcias que, por muitas vezes, poderão ser considerados irrelevantes, mas que, no fazer local, marcam a História do lugar.

É, dessa forma, portanto, que a História Oral elucida o seu caráter singular – pois diferentemente das fontes escritas e ditas convencionais ou oficiais, que muitas vezes são produzidas por elites ou grupos dominantes que a descrevem de acordo com o seu interesse social, já que através da representação que se pretende construir através de uma fonte, o sujeito constrói o seu objetivo (Chartier, 1988) –, que valoriza as vozes individuais e permite a inclusão de perspectivas variadas, especialmente, daqueles que historicamente foram marginalizados ou excluídos dos registros oficiais. Assim, a sociedade civil entra como agente importante no processo de busca e compreensão de relatos que contribuem para o nosso fazer historiográfico.

Isso não significa que a prática da História Oral garantirá que seja construída uma narrativa histórica verdadeira e absoluta, já que, em síntese, ela permite a participação dos sujeitos “invisibilizados” ou “negligenciados” da História. Pelo contrário, é necessário que fiquemos atentos aos cuidados e críticas referentes à construção de uma História dita verdadeira, uma vez que, segundo Bloch (2001), a ideia de verdade absoluta é questionável, pois a construção do conhecimento histórico é uma rede complexa e, sendo assim, necessita de uma abordagem problemática e criteriosa para lidar com os eventos, não cabendo a aplicação de uma história “verdadeira e absoluta” nesse contexto.

Bloch (2001), nesse sentido, reconhece que a busca pela verdade histórica é um ofício complexo, assim como o fazer historiográfico, devido às limitações das fontes disponíveis e à inevitável influência da subjetividade do historiador na interpretação dessas fontes. Assim, a História Oral entra nesse campo da delicadeza por exigir minúcias no seu trato, não sendo possível contemplar uma verdade cem por cento exata, mas uma "verdade aproximada", uma compreensão que se aproxime o máximo possível dos eventos reais, não sendo totalmente fiel devido às limitações inerentes das fontes e da interpretação humana.

Cada interpretação que se estrutura a partir dos relatos obtidos é moldada pelas experiências, valores e pontos de vista do pesquisador, tendo em vista que as experiências podem ser múltiplas e levar a diferentes interpretações de um evento histórico (Gadamer, 1997). Ao analisar um único acontecimento, pesquisadores distintos podem ter opiniões também distintas sobre aquele "fato" histórico, no sentido de que, ao fazer o movimento de análise, o Historiador pode levantar inúmeras questões, podendo essas serem, sociais, emocionais, afinidades e criticidade, o que pode influenciar de maneira positiva ou negativa, a depender da visão de cada um. Portanto, a verdade histórica muitas vezes, ou sempre, reflete uma perspectiva particular, em vez de ser absoluta, já que "toda interpretação está obrigada a entrar nos eixos da situação hermenêutica a que pertence" (Gadamer, 1997, p. 578).

Dessa forma, entende-se que a busca por uma verdade absoluta é também problematizada pela escassez de fontes primárias, ou seja, fontes que não tenham sofrido ação do tempo e do homem, e pela possibilidade de viés nas interpretações dos pesquisadores, já que essa ação está sujeita a sofrer a influência de enganos, manipulação, crenças pessoais, contextos políticos, econômicos e culturais, o que, segundo Jenkins (2001), pode distorcer a compreensão dos eventos passados. Isso leva à compreensão de que a verdade histórica é, ou pode ser, uma construção interpretativa e não uma realidade imutável.

Mas a busca pela verdade histórica não deve ser ignorada e nem resumida a mera exposição de fatos, e sim a compreensão profunda das circunstâncias, motivações e contextos que cercam os eventos, por isso, a importância do rigor crítico e problematizador nesse contexto, já que, como Bloch (2001) observava, a história é uma ciência interpretativa que busca capturar o enredamento das experiências e ações humanas e, ao fazer isso, nós historiadores devemos nos

submeter a examinar diversas perspectivas e considerar múltiplas fontes para se aproximar da verdade.

Afinal, essa tarefa dedicada e muitas vezes exaustiva considera a compreensão e interpretação dos eventos do passado, ou mesmo do presente, essenciais para alcançar a luz ou, no caso desse estudo, a sonoridade de um fato. Nesse contexto, os historiadores desempenham um papel crucial ao analisar e descrever as narrativas que representam a humanidade. No entanto, a busca pela verdade absoluta na história é um caminho complexo ou, para alguns, inexistente.

São variados os fatores que podem ser citados para entender a fragilidade que os historiadores enfrentam ao lidar com o seu ofício, a começar pela fragmentação de informações provenientes de fontes e pela falta delas, podendo ser variadas e muitas vezes dispersas ou manipuladas. Isso deixa um pouco mais evidente que a verdade histórica, como supõe Evans (1997), é obscurecida pela falta de evidências concretas e pela insuficiência dos registros do passado. Mas isso não determina que não seja possível realizar o fazer histórico, por mais que o fator interpretativo, como menciona Bloch (2001), guie o procedimento historiográfico. Então, se as fontes são inúmeras, o procedimento é que deve ser cuidadoso. É nesse sentido, que a História Oral aparece como ponto forte para nosso estudo.

Uma das principais vantagens da história oral é sua capacidade de permitir que sejam capturados particularidades e detalhes que podem passar despercebidos em fontes escritas, que muitas vezes elucidam somente o que se acha relevante. As emoções, comportamentos, reações, os valores, os dilemas e as experiências pessoais são pontos que ganham destaque nas narrativas orais, enriquecendo a compreensão dos eventos históricos para além do que é dito oficial. Além disso, a história oral permite resgatar a memória coletiva de uma comunidade, preservando saberes tradicionais, culturas e entendendo o modo de vida de como uma sociedade passou a ser representada.

Essa abordagem também desempenha um papel fundamental na socialização da história, pois abre espaço para diferentes vozes e perspectivas. Agentes sociais civis, cantores populares, minorias, marginalizados, mulheres e outros segmentos da sociedade que frequentemente foram, ou ainda são, negligenciados na narrativa histórica oficial agora têm a possibilidade de contar suas histórias e reivindicar seu lugar na construção da memória representativa coletiva.

É importante salientar que a narrativa possibilitada pela História Oral é somente mais uma fonte e a garantia de que outros agentes possam contar sua(s) história(s), não existindo uma competição entre fontes, sobre qual a verdadeira, até mesmo, porque, segundo Carr (1961), a verdade é estruturada pelas ações do presente e cada geração interpreta o passado de acordo com suas próprias motivações e perspectivas. Essa ideia elimina a possibilidade de alcançar uma verdade objetiva e imutável na história. Justamente porque a subjetividade que está associada à interpretação histórica é produto da influência das estruturas narrativas na construção do passado (White, 2019).

Mas não devemos desistir da busca pela verdade. Levando em consideração os métodos historiográficos que devem ser críticos e com análises rigorosas em todos os tipos de fontes disponíveis, a constante revisão das interpretações perante as descobertas é uma ferramenta importante na busca por uma compreensão mais precisa da História, mesmo com a verdade absoluta na narrativa histórica sendo um ideal difícil de ser alcançado, algo que inclusive, para Bloch (2001) , é uma meta inalcançável, dada a natureza fragmentária e subjetiva das evidências históricas. Dessa forma, mesmo existindo, por parte, uma busca incessante por uma verdade imutável, é necessário manter sempre uma abordagem rigorosa e crítica, em que os historiadores estejam conscientes de suas próprias (con)fluências e limitações, a fim de construir uma compreensão mais completa e aproximada dos eventos pesquisados.

2.2 DESBRAVANDO A HISTÓRIA ORAL: ORALIDADE E SUBJETIVIDADE

Não há como negar que, embora a História Oral apresente suas vantagens no sentido metodológico apresentado, ela se configura na mesma medida com desafios correlacionados ao processo de desenvolvimento. A subjetividade, por exemplo, é uma característica que marca as narrativas orais, e pode levar a distorções ou reconstruções equivocadas dos eventos. Sendo, dessa forma, um desafio necessário para lidar, já que esse campo metodológico está rodeado, ou melhor, em torno da subjetividade (Rodrigues, 2004).

Portanto, assim como em diversos campos, nos domínios da História, Cultura e da Oralidade, o conceito de subjetividade é amplamente discutido e se faz cada vez mais presente, tendo em vista que, como argumenta Dosse (2003), nos

últimos tempos, as ciências sociais passaram de abordagens objetivas para observações cada vez mais subjetivas, pois carregam, em seu âmbito, a influência de perspectivas individuais, sentimentos, experiências e pontos de vista das pessoas na compreensão das dinâmicas sociais, o que, muitas vezes, abre caminho para uma lacuna mais aberta e amplamente discutível.

Devido a isso, foi necessário que houvesse uma mudança no paradigma estabelecido, reconhecendo a importância da subjetividade junto a abordagens interdisciplinares na análise histórica, social e cultural (Pesavento, 2012).

Nesse sentido, é necessário destacar como a memória humana é falível e está sujeita a influências externas ao longo do tempo, o que pode afetar a precisão dos relatos, sendo outro ponto que muitas vezes causa um enviesamento dos fatos e processos. Embora a memória se configure como um aliado importante no processo da História Oral.

Nessa linha, a história oral, centra-se na memória humana e sua capacidade de recordar o passado enquanto testemunha do vivido. Podemos entender a memória como a presença do passado, como uma construção psíquica e intelectual de fragmentos representativos desse mesmo passado, nunca em sua totalidade, mas parciais em decorrência dos estímulos para a sua seleção (Matos; Senna, 2011, p. 96).

Além disso, o entrevistador tem um papel crucial na forma como as narrativas são coletadas e interpretadas, o que pode introduzir vieses conscientes ou inconscientes a depender de quem o faz, para o que o faz e como o faz, já que esses relatos são formados a partir da memória do sujeito. Isso acontece porque a história oral viabiliza essas reflexões para que, a partir dos fatos e indagações coletados, possam ser formadas fontes e utilizadas como documento (Albrecht; Romig, 2021).

A preservação dessas fontes geradas a partir da oralidade é um dos desafios mais significativos no processo de quem está trabalhando com a História Oral. Foi mencionado acima que, a partir dos relatos coletados, esses devem passar por um processo de transformação para materiais escritos, pois possibilitam uma durabilidade maior e são mais facilmente armazenados, podendo ser arquivados e acessados ao longo do tempo, tendo em vista que as gravações de áudio e vídeo podem, acidental e eventualmente, acabar se deteriorando com o passar dos anos,

o que exige um cuidadoso trabalho de preservação e digitalização para garantir a sua disponibilidade às gerações futuras, impedindo, como mencionada Le Goff (1996), um esquecimento social:

De fato, o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores (Le Goff, 1996, p. 535).

Assim, os pesquisadores, no processo de montagem e armazenamento dos materiais coletados, garantem uma preservação dos objetos históricos, e, portanto, de um Patrimônio Histórico Cultural.

A fonte oral pode acrescentar uma dimensão viva, trazendo novas perspectivas à historiografia, pois o historiador, muitas vezes, necessita de documentos variados, não apenas os escritos. Vale mostrar aqui a evolução de uma prática importante que compõe parte da historiografia contemporânea (Matos; Senna, 2011, p. 96).

Apesar das vantagens consideráveis, a história oral também enfrenta desafios que os pesquisadores devem combater de maneira sensível e metodologicamente rigorosa, por isso, o destaque a se fazer referente aos cuidados com o enviesamento no processo de reconstrução do passado. Assim, um dos desafios que merecem um olhar aprofundado é o viés pessoal resultante da memória seletiva. Ainda segundo Matos e Senna (2011):

Portanto, a memória é sempre uma construção feita no presente a partir de vivências ocorridas no passado. Memórias individuais e coletivas se confundem; não somos ilhas e, portanto, estamos sujeitos a influências, bem como a influenciar, os grupos a que pertencemos e com os quais nos identificamos (Matos; Senna, 2011, p. 97).

A memória humana não é infalível e pode ser influenciada pelo viés pessoal, o que pode resultar em distorções precipitadas nos relatos, por esse motivo, os pesquisadores devem ser atenciosos ao interpretar esses relatos e considerar o contexto em que foram coletados e, justamente, pelo fato da memória humana ser

extremamente seletiva e susceptível a distorções ao longo do tempo. Dessa forma, o pesquisador não pode simplesmente considerar algo como verdade absoluta, exemplificando o caso da pesquisa em questão, se um morador monteirense informar que “Monteiro é considerada a melhor e maior cidade na preservação da Cultura Local”, é preciso que haja questionamentos do tipo: “Será?”; Como o entrevistando pode e a partir de que revelar uma afirmação dessas? Os informantes podem lembrar eventos de maneira imprecisa ou influenciada por viés, por isso, tais afirmações devem ser investigadas e problematizadas, pois fazem parte de processos sociais em que existem narrativas e memórias divergentes ou distorcidas (Vinasco; Castro, 2021).

Nesse sentido, verificar a autenticidade e relevância dos relatos se torna um passo crucial nesse processo, pois, embora validar a precisão das informações e a consistência dos depoimentos seja um momento criterioso, levando em consideração o tempo, emoção, silêncios, esquecimentos, influências, viés, e demais questões que envolvem os eventos, é necessário que se utilizem métodos que possam validar os testemunhos (Joutard, 2000). Nesse caso, é preciso realizar a comparação dos relatos associados a fontes, documentos e teóricos que possam corroborar com as evidências. Assim,

Como procedimento metodológico, a história oral busca registrar—e, portanto, perpetuar —impressões, vivências, lembranças daqueles indivíduos que se dispõem a compartilhar sua memória com a coletividade e dessa forma permitir um conhecimento do vivido muito mais rico, dinâmico e colorido de situações que, de outra forma, não conheceríamos (Matos; Senna, 2011, p. 97).

Seguindo essa linha, a interpretação e análise dos depoimentos torna-se um dos passos mais importantes e que exigem um cuidado minucioso, pois, devido à presença da subjetividade dos relatos, pode haver uma dificuldade e uma generalização dos resultados. Os pesquisadores devem, portanto, evitar ao máximo esses tipos de generalizações e considerar o contexto histórico e cultural ao interpretar as narrativas. Portanto, os pesquisadores devem adotar abordagens metodológicas sólidas para análise e interpretação dos padrões, tendências, silêncios e assim por diante. Inclusive se apoiando na interdisciplinaridade, pois:

Para estarmos melhor armados para estas batalhas e combates, devemos insistir na necessidade da interdisciplinaridade e da multidisciplinaridade. Nós, os historiadores, nos vemos na premente necessidade de pedir recursos emprestados à psicologia, à antropologia, à etnologia, à sociologia, à geografia, à demografia etc, para compreender os relatos e interpretar os silêncios, os esquecimentos, as intenções, as tergiversações (Meyer, 2000, p. 115).

Além disso, todo o processo que envolve a História Oral, desde o processo de coleta, transcrição, as problemáticas relacionadas ao viés, memória seletiva, autenticidade, análise e interpretação dos depoimentos, torna esse percurso demorado e trabalhoso, pois isso requer recursos consideráveis de termos em tempo, equipamento e pessoal. Inclusive pelo fato de, muitas vezes, não existir um aporte teórico, bibliotecas e equipamentos de qualidade (Amado, 2000).

2.3 DESBRAVANDO A HISTÓRIA ORAL: CAMINHOS SOBRE A INTERPRETAÇÃO

Logo, com a coleta das narrativas, vem a fase de análise e interpretação. Como já mencionado anteriormente, as histórias podem ser transcritas e agrupadas em temas relevantes para a pesquisa. Isso garante uma melhor organização e acesso para que outras pessoas consigam buscar a pesquisa. No nosso caso, serão realizadas entrevistas com o público civil, músicos e agentes políticos administrativos da cidade de Monteiro para que seja possível observar a relação da sociedade com a Cultura Local. O levantamento dessas fontes, que envolve a comparação das narrativas orais com outras fontes, pode ajudar a verificar a precisão dos relatos e a contextualizá-los dentro de um quadro histórico mais amplo. É importante reconhecer que a interpretação das narrativas é uma tarefa complexa, sujeita a vieses do próprio pesquisador e ao contexto cultural em que ele está inserido.

Nesta ótica, são necessários o tratamento crítico e a distância não só para sinalizar as distorções em relação à realidade passada, mas também para interpretá-la. Como interpretar o silêncio e o esquecimento? Para nos ajudar, é indispensável a análise da totalidade do documento: hesitações, silêncios, lapsos (Thomson, 2000, p. 53).

A logística que está envolvida na obtenção de depoimentos “confiáveis”, especialmente em contextos culturais ou sociais específicos, é um desafio necessário a ser superado. Não sendo função caracterizar aquilo como verdade ou mentira, pois não há como dispensar a relevância dos sujeitos que contam os relatos ambicionados, já que a coleta de narrativas orais envolve justamente a realização de entrevistas com esses indivíduos que possuem conhecimentos relevantes para a pesquisa. Mesmo que muitas vezes o relatante possa narrar um acontecimento de maneira tendenciosa a partir da seletividade de sua memória, pois “o desafio da história oral nesse sentido é mostrar, diferentemente do que costuma ser consagrado, que a memória não é apenas ideológica, mitológica e não confiável, mas sim um instrumento de luta para conquistar a igualdade social e garantir o direito às identidades” (Ferreira, 2000, p. 13).

As memórias são montadas a partir da formação cultural do indivíduo e sua necessidade de reforçar suas identidades locais ou regionais (Ferreira, 2000). Sendo necessário que ocorra uma preparação do entrevistador para que possa ser estabelecido um ambiente de confiança que encoraje os entrevistados a compartilhar suas histórias de forma aberta e autêntica, sem julgamentos.

Enquanto os desenvolvimentos teóricos e metodológicos nesses campos enriqueciam a prática da história oral, os historiadores orais contribuía para a teoria, o método e as políticas da pesquisa de história de vida através de suas reflexões interdisciplinares sobre o relacionamento nas entrevistas e sobre as maneiras de interpretar e utilizar o testemunho oral (Thomson, 2000, p. 55).

É imprescindível, nesse contexto, que o tema e a formulação das perguntas sejam muito bem desenvolvidos, sendo uma habilidade importante, pois as questões devem ser abertas e não direcionadoras, permitindo que os entrevistados expressem suas perspectivas sem restrições. Como sugere Thomson (2000), ao referenciar conselhos práticos no trato da História Oral:

A importância da preparação; a necessidade de estabelecer rapport e intimidade, de ouvir e de fazer perguntas abertas, de refrear os impulsos de interromper; a importância de permitir pausas e silêncios, de fugir dos jargões, de evitar ser inquisitivo e de minimizar a presença do gravador (Thomson, 2000, p. 48).

Assim, caminhamos em uma linha tênue ao lidar com a metodologia da oralidade, já que, dentro desse campo, ainda é necessário lidar com a ética, como um papel fundamental no desenvolvimento da pesquisa com história oral. Sendo, portanto, necessária uma aprovação por um Comitê de Ética, para tanto, há de se enviar um documento em que contenha os principais detalhes do trabalho e a garantia de que os entrevistados serão informados sobre o propósito da pesquisa, como suas histórias serão usadas e quais os potenciais impactos.

Sobre este ponto, estamos na linha de frente, a história oral tem pesada responsabilidade: manejamos a "dinamite" e, até, o "nuclear". Trazer à luz o patrimônio oral, instrumentalizado, pode contribuir para fortalecer as identidades simplificadoras, maniqueístas, que excluem, portadoras do ódio e da morte. Tenho a ilusão de acreditar que podemos ajudar as identidades fechadas a se abrirem, desempenhando nosso papel pleno de historiadores e historiadoras, e não o de simples memorialistas (Joutard, 2000, p. 43).

Reiterando Joutard (2000), o trabalho com a História Oral deve ser de inteira responsabilidade e ética, pois carrega um fardo exponencial no que diz respeito a identidades, relatos e fatos, portanto, o consentimento informado do participante é essencial para o andamento e seriedade do trabalho, garantindo que os entrevistados estejam cientes de todo o processo e possam escolher participar ou não, sem qualquer pressão. Além disso, é importante esclarecer como as histórias coletadas serão compartilhadas e como será garantida a privacidade e a proteção da identidade dos entrevistados, se assim optarem.

Outrossim, a história oral enriquece o campo das fontes históricas, como pondera Joutard (2000), por proporcionar uma visão mais completa e diversificada dos eventos passados através da riqueza de testemunhos que manifesta. Assim,

Os historiadores acreditam que a melhor homenagem que se pode prestar à memória dos excluídos é transformar sua memória em história. Se quisermos tirar melhor partido da pesquisa oral e extrair toda sua riqueza, não poderemos deixar de utilizar plenamente os procedimentos históricos (Joutard, 2000, p. 37).

A História Oral complementa as fontes escritas tradicionais, muitas vezes limitadas a perspectivas específicas e ortodoxas, por muitas vezes ser considerada,

como destaca Rodrigues (2004), uma fonte mais objetiva. As narrativas orais não só podem como preenchem lacunas na história, porque, mesmo sob atos e ações subjetivas, conseguem visibilizar eventos que, não raras vezes, são menos documentados e possibilitam conhecermos a vida cotidiana das pessoas comuns.

Ela permite acesso à experiência não documentada – inclusive as vidas de líderes que ainda não escreveram suas autobiografias – e, mais importante, às "histórias ocultas" dos marginalizados: trabalhadores, mulheres, indígenas, minorias étnicas e membros de outros grupos oprimidos, ou excluídos. As entrevistas de história oral também permitem explorar aspectos da experiência histórica que raramente são registrados, tais como relações pessoais, vida doméstica e a natureza de organizações clandestinas. Elas oferecem uma rica evidência sobre os verdadeiros significados subjetivos, ou pessoais, de eventos passados: qual a sensação de casar-se, de estar na linha de fogo, de enfrentar a morte em um campo de concentração (Thomson, 2000, p. 51).

Sendo essa uma das contribuições mais marcantes da história oral, ou seja, a diversidade de perspectivas, relatos, emoções e até esquecimentos que ela traz para a pesquisa acadêmica, as vozes das minorias, das mulheres, dos grupos marginalizados e de outros segmentos frequentemente ausentes nos registros históricos oficiais ganham destaque, como destaca Thomson (2000). Isso ajuda a desconstruir narrativas dominantes e a revelar a multiplicidade de experiências vivenciadas em diferentes contextos históricos.

Ao trabalho com o campo da História Oral, é possibilitado uma expansão do conhecimento humano, especialmente no que se refere à compreensão das complexidades que permeiam diversas áreas do saber e às ligações entre subjetividades, identidades e documentos (Rouverol, 2000). Nesse contexto, a história oral emerge como uma ferramenta valiosa, enriquecendo a pesquisa acadêmica ao fornecer perspectivas únicas e profundas, porém lidando com a responsabilidade no que diz respeito à interpretação e preservação dos relatos pessoais e testemunhos, como críticos e historiadores do nosso tempo (Meyer, 2000).

2.4 DESBRAVANDO A HISTÓRIA ORAL: ORALIDADE, MARGINALIDADE E MEMÓRIA

A história oral é uma abordagem metodológica que visa a coleta, transcrição, preservação, análise e interpretação de relatos pessoais de indivíduos que vivenciaram ou vivenciam eventos, períodos ou experiências relevantes para um determinado objetivo, se aproximando do presente por possuir uma dependência com a memória “viva” dos relatantes (Matos; Senna, 2011) e se diferenciando das fontes escritas formais que muitas vezes apresentam uma visão mais objetiva e geral dos acontecimentos. Nesse sentido, a história oral oferece uma janela para a subjetividade, as emoções e as percepções individuais, enriquecendo a compreensão do passado, como já demonstrado nos caminhos anteriores.

Os avanços no campo historiográfico marcam a trajetória da história oral como método de pesquisa a partir das mudanças que englobam os novos debates metodológicos e os avanços tecnológicos, já que, como destaca Meihy “filha inevitável de nossa época, a moderna história oral se estabeleceu como decorrência lógica dos avanços da tecnologia após a Segunda Guerra Mundial” (Meihy, 2000, p.86). Dessa forma, podemos mencionar que, com o desenvolvimento de equipamentos e dispositivos de gravação de áudio e vídeo, tornou-se possível capturar as vozes e as expressões dos informantes de maneira mais precisa, dando voz a grupos marginalizados e eventos históricos menos documentados.

Qual tem sido a característica mais importante da produção latino-americana em história oral? Ao meu ver, justamente a variedade, a capacidade de abranger várias temáticas, direções e tendências teóricas. Temos tido uma importante produção a respeito dos despossuídos, de nossos camponeses e operários, das nossas mulheres, dos marginalizados sociais, assim como dos movimentos sociais que eles têm promovido. Ao mesmo tempo, já temos também uma sólida tradição em entrevistar nossas elites, inclusive as militares, e um grande acervo de fontes orais a respeito delas. Temos trabalhado nas universidades e fora delas. Temos quem considere a história oral uma técnica, quem a compreenda como uma metodologia, quem a tome por uma disciplina. Temos os interessados apenas nas informações que as entrevistas revelam, temos os interessados nas suas representações, no campo do simbólico, temos os interessados em ambas as dimensões (Amado, 2000, p. 111).

É nesse percurso que a história oral oferece uma vantagem primordial, trabalhar com a diversidade, o que conseqüentemente enriquece a pesquisa acadêmica de maneira “pluralizante”, pois possibilita que seja evocada a partir das memórias e da contribuição oral, representações que revelam dados importantes. Nesse caso, “sua grande riqueza está em ser um terreno propício para o estudo da subjetividade e das representações do passado tomados como dados objetivos, capazes de incidir (de agir, portanto) sobre a realidade e sobre o nosso entendimento do passado” (Alberti, 2004, p. 42). Assim, a diversidade de perspectivas é ampliada, uma vez que os depoimentos são obtidos de indivíduos com diferentes origens, experiências e pontos de vista, mostrando, dessa forma, o caráter subjetivo dos depoimentos. Isso resulta em uma compreensão mais abrangente dos eventos e contextos em análise, marcados pela memória e pela singularidade de cada experiência.

Assim, os relatos pessoais carregam uma dimensão emocional e íntima que muitas vezes não é capturada por fontes escritas convencionais, embora essa associação seja muito valiosa, já que “as entrevistas de história oral são documentos biográficos, como as memórias e as autobiografias, e são fontes para a compreensão do passado, juntamente com documentos escritos, imagens e outros tipos de registros” (De Sordi, 2007, p. 7). As emoções, as lembranças, trejeitos e reações subjetivas são elementos cruciais que a história oral traz à tona, conferindo humanidade aos acontecimentos históricos, através da relação entre o sujeito e suas lembranças imprescindíveis para rememoração do passado (Rios, 2013).

Prosseguindo nesta linha de reflexão, cumpre ainda renunciar à ingenuidade na aproximação a um tema espinhoso: o vínculo entre memória e identidade. A primeira vista, a ênfase em uma história vista de baixo, valorizadora dos relatos orais de lembranças, faz pensar em identidades sociais minoritárias para cuja afirmação a memória seria indispensável instrumento. No entanto, se somos efetivamente construtivistas, desmancham-se funcionalidades apriorísticas: as identidades sociais são igualmente produzidas por processos de memorabilização, deixando por vezes de ser ferramentas de luta pela expansão da diferença para se tornarem totalidades enquadrantes – identidades – prisão a consumir, mais do que identidades-liberdade a inventar (Rodrigues, 2004, p. 29).

A história oral também desempenha um papel fundamental na preservação de histórias não registradas em fontes escritas tradicionais, como já evidenciado.

Muitas vezes, grupos marginalizados, como povos indígenas, minorias étnicas, comunidades subalternas ou interioranas, das quais podemos mencionar a população do interior de uma cidade, podem não ter tido suas experiências adequadamente documentadas. Dessa forma, a história oral dá voz a esses círculos, ocupando-se “de pequenos grupos, das relações familiares e comunitárias, de comportamentos desviantes, das minorias marginalizadas e, ao mesmo tempo, da conduta do “homem comum”, definido em oposição aos grandes nomes da cena pública” (Rios, 2013, p. 14), permitindo que suas narrativas sejam reconhecidas e incorporadas à narrativa histórica mais ampla.

Esse campo metodológico, outrora abordado, no que diz respeito à oportunização da voz de grupos marginalizados ou silenciados, detém um caráter singular e fundamental para esses grupos que historicamente foram ignorados ou submersos da história oficial, ou seja, a história documental, positivista, dita oficial (Bloch, 2001). Nesse caminho, agora se têm a oportunidade de compartilhar suas perspectivas e experiências por meio da história oral, pois “é através do oral que se pode apreender com mais clareza as verdadeiras razões de uma decisão; que se descobre o valor de malhas tão eficientes quanto as estruturas oficialmente reconhecidas e visíveis” (Joutard, 2000, p. 34), o que ocasiona uma espécie de processo de reversão, ao reposicionar o lugar das narrativas dominantes e permitir uma apreciação mais atenciosa frente à diversidade cultural. Essa é “a perspectiva de se escrever a história vista de baixo, resgatando as experiências passadas da massa da população, seja da total negligência dos historiadores ou da “enorme condescendência da posteridade” (Burke, 1992, p. 42), facultando o olhar para essas camadas fragilizadas, escanteadas ou silenciadas da sociedade.

No campo da história, a guinada subjetiva pode ser observada a partir do surgimento de novos objetos, métodos e campos de pesquisa, tais como a história oral ou história vida, a nova história, a história contemporânea ou história do tempo presente, etc. Com a influência da abordagem de tipo etnográfico, alguns pesquisadores promoveram o fortalecimento de áreas ligadas à história social e cultural, interessando-se pelos aspectos “micro” da vida coletiva (Rios, 2013, p. 14).

Complementarmente, a análise dos relatos pessoais permite uma contextualização importante no que diz respeito à questão sócia e cultural, não

sendo a busca por uma verdade, mas a maneira como os indivíduos percebem e interpretam os variados eventos históricos, observando como são influenciados pelo contexto em que vivem, nesse caso, os fatores sociais, econômicos, políticos e culturais. Isso mostra a excentricidade de trabalhar com a História Oral, pois “o caráter único” dos eventos históricos, a necessidade do historiador de misturar relato e a explicação fizeram da história um gênero literário, uma arte ao mesmo tempo que uma ciência” (Le Goff, 1996, p. 13). Ao capturar essas esferas, a história oral enriquece a reflexão sobre as motivações e influências geradas a partir das ações e reações dos sujeitos, já que permite que sejam compreendidas e identificadas as mudanças e padrões estruturais, sociais e culturais ao longo do tempo (Matos; Senna, 2011).

O documento produzido no âmbito da história oral obedece a uma série de critérios e prerrogativas técnicos, mas o conteúdo do depoimento oral jamais pode ser confundido como verdade definitiva. O que interessa num depoimento oral não é a precisão dos fatos ou a narrativa verídica dos eventos, mas a representação que o indivíduo fez desses eventos, a afetividade do indivíduo na sua relação com o entorno social, suas opiniões, suas impressões, suas vivências. Pois justamente entende-se que, ao contar sua história pessoal, o indivíduo pode estar contribuindo para contar a história de uma instituição, de uma comunidade, de uma época (De Sordi, 2007, p. 9).

O percurso que a História Oral percorreu ao longo dos anos construiu caminhos metodológicos que possibilitaram a configuração desse campo como um suporte necessário e enriquecedor no trato da pesquisa acadêmica, ao possibilitar que experiências individuais sejam contextualizadas e ampliem os domínios da História (Le Goff, 1996). Isso é particularmente relevante para compreender as influências internas e externas que moldaram as vidas dos informantes e o caráter essencial da memória, já que história oral nos (re)lembra e rememora as histórias individuais que são partes fundamentais do mosaico da história global.

Portanto, a memória é sempre uma construção feita no presente a partir de vivências ocorridas no passado. Memórias individuais e coletivas se confundem; não somos ilhas e, portanto, estamos sujeitos a influências, bem como a influenciar, os grupos a que pertencemos e com os quais nos identificamos (Matos; Senna, 2011, p. 97).

A memória, reiterando o trecho acima, “envolve capacidades humanas de reter informações de maneira que possam ser transmitidas a gerações futuras. Pode ser estudada por diversas áreas do conhecimento e em diferentes abordagens” (Almeida; Oliveira, 2000, p. 160). Isso significa que a capacidade do ser humano de guardar, memorizar e ou lembrar acontecimentos, mesmo que não-dito, possibilita que relatos sejam repassados, protegidos através da História Oral, e fiquem a salvo do esquecimento, mesmo diante daquilo que não é falado, pois “o longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais” (Pollak, 1989, p. 5).

Ainda, nesse sentido, a memória coletiva é outro conceito que se refere à maneira pela qual grupos sociais constroem, compartilham e preservam narrativas e lembranças de eventos significativos ao longo do tempo. Construídas a partir da memória individual, essas memórias compartilhadas não são apenas uma reunião de fatos objetivos, mas também incluem interpretações, valores e emoções que ajudam a solidificar a identidade de uma comunidade, formando um elo de recordações (Rios, 2013). Assim,

[...] afirmar que a memória tem um caráter coletivo equivale a dizer que o indivíduo só é capaz de recordar na medida em que pertence a algum grupo social – ou seja, a memória coletiva é sempre uma memória de grupo. Assim, só é possível ao sujeito construir e acessar lembranças na condição de membro de um conjunto ou totalidade que o ultrapassa, não só em termos quantitativos, mas também em termos qualitativos (Rios, 2013, p. 4).

Maurice Halbwachs (1990), um pioneiro no estudo da memória coletiva, argumentou que a memória individual está enraizada nas interações sociais e nas relações com os outros membros da comunidade, sendo influenciada pelo contexto cultural e histórico. A partir dessas interações, a memória coletiva é construída e desempenha um papel crucial na coesão social, na transmissão de tradições e na construção da identidade cultural de um grupo.

A evolução das sociedades na segunda metade do século XX clarifica a importância do papel que a memória coletiva desempenha. Exorbitando a história como ciência e como culto público, ao mesmo

tempo a montante enquanto reservatório (móvel) da história, rico em arquivos e em documentos/monumentos, e a aval, eco sonoro (e vivo) do trabalho histórico, a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando todas pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção (Le Goff, 1996, p. 476).

É importante destacar que a memória coletiva não se forma a partir do que seria a soma de variadas memórias individuais de um grupo social, mas do processo que envolve a construção social a partir da(s) interação(s) desse grupo (Halbwachs, 1990). Isso quer dizer que o que podemos compreender do passado se forma a partir da influência da sociedade que vivemos, por isso, os grupos de dominações interferem tanto nesse processo, já que as representações culturais solidificadas em uma sociedade são formadas a partir do processo das relações sociais envolvidas nela (Chartier, 1988).

Mas a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória (Le Goff, 1996, p. 477).

Assim, a partir do momento que os sujeitos compartilham suas lembranças com os outros, ou seja, que a memória individual se configura como um ponto de vista da memória coletiva, começa um processo de construção de narrativas coletivas justamente devido ao processo de interação entre os grupos, influenciadas pelas normas sociais e pela cultura do grupo. A memória coletiva, portanto, é um processo dinâmico e em constante evolução (Halbwachs, 1990).

A memória individual está contida no conjunto maior da memória coletiva, sendo apenas um fragmento ou uma visão parcial dos fatos vivenciados pelo grupo. Ela é mais densa, porém, menos abrangente do que a memória social. De modo geral, o indivíduo apenas materializa a ação de forças sociais que o ultrapassam (Rios, 2013, p. 5).

A memória traz consigo esse caráter essencial da rememoração dos acontecimentos, e desempenha um papel de grande valia no processo de

construção e da preservação da nossa cultura e, portanto, da nossa História. Assim a relação entre oralidade e memória se configuram como um aporte metodológico que garante a transmissão do conhecimento, histórias, tradições e experiências sociais, pois, “nesse sentido, a memória é social porque, em última instância, toda forma de experiência também o é” (Rios, 2013, p. 6), solidificando a memória coletiva de uma sociedade, na compreensão do passado, construído pelo presente e garantindo o futuro e nosso relacionamento com o mundo.

Aliado a isso, a História Oral possibilitará que seja realizada uma busca sobre a cultura da cidade de Monteiro – PB, captando a diversidade de perspectivas, as dimensões emocionais e íntimas dos relatos pessoais e principalmente a preservação de histórias não registradas em fontes escritas tradicionais, que nos ajudarão no processo de contextualização social que enxerga esse município como um lugar que “respira música”.

Ademais, mesmo diante da natureza subjetiva que esses relatos trazem e, até mesmo, da interpretação que será feita sobre eles, da escassez de fontes e das redes de influência que interligam passado e presente, como aponta Le Goff, “se a memória faz parte do jogo do poder, se autoriza manipulações conscientes ou inconscientes, se obedece aos interesses individuais ou coletivos, a história, como todas as ciências, tem como norma a verdade” (Le Goff, 1996, p. 33). Assim, buscaremos incessantemente essa verdade, mas não uma verdade absoluta, e sim uma verdade que os monteirenses desejam falar, contar, revelar e que muitas vezes não puderam opinar, no sentido de que não existe um trabalho que de fato buscou escutá-los. Logo, os relatos que serão coletados possibilitarão uma compreensão do mundo que os cerca a partir do posicionamento deles perante uma cultura construída e muitas vezes normalizada, que representa e que caracteriza a identidade monteirense.

3. ACORDES MÉDIOS: SONORIDADE DA HISTÓRIA DE MONTEIRO-PB

*“Preste muita atenção
Na História a te contar
Um enredo tão rico
Que não vai se acabar
Pois a riqueza que aqui habita
Não tem como mensurar [...]”
(ALMEIDA, 2023, s.p.)¹⁸*

Tem lugares que possuem uma importância tão grande que acabam se tornando fonte de estudo para uma pesquisa, esse é o caso de Monteiro-PB, um pequeno município no interior do cariri Paraibano, que é envolto por manifestações artísticas e culturais que fazem dessa cidade interiorana um lugar de grande valor cultural e acadêmico para a História brasileira.

A História dita tradicional possui um percurso metodológico que, por muitas vezes, acaba negligenciando, ou mesmo diminuindo alguns campos de estudos, pois não raras vezes valoriza grandes eventos e figuras ou personagens proeminentes, que oferecem, por assim dizer, um “valor” memorial, ou seja, narrativas que envolvem grandes personas, revoluções, líderes e figuras considerados de maior relevância (Chartier, 1988).

Isso acaba acontecendo, geralmente, porque o leque de fontes e documentos que registram esses acontecimentos relacionados a grandes eventos ou personagens históricos é mais volumoso, tornando-os mais acessíveis no

¹⁸ O texto acima é um trecho de cordel de autoria do autor da presente dissertação.

processo de incorporação e pesquisa, tendo em vista que são documentos e fontes ditas oficiais. Assim, essas grandes narrativas, que ganham um maior destaque na historiografia oferecem a promoção de histórias mais consumidas, gerando um padrão que enfatiza grandes narrativas e apagando ou mesmo esquecendo outras.

O quase-apagamento dessas questões, que eram tão candentes na historiografia norte-americana poucas décadas atrás, inclusive durante o apogeu da nova história social, pode ser explicado, em parte, pelo ceticismo dos historiadores atuais quanto às grandes narrativas em geral e, mais especificamente, pela ampla crítica do historiador que se posiciona como narrador onisciente, impondo sua narrativa sobre a desordem ou a multiplicidade da(s) história(s), ignorando ou apagando outras narrativas e outras vozes (Weinstein, 2003, p. 187).

A historiografia tradicional considera que grandes eventos chamam mais a atenção do público, apagando por anos histórias consideradas irrelevantes ou que não despertam o interesse popular. Porém, ao longo do século XX, a História vista de baixo passou a despertar um maior interesse das correntes historiográficas, dando enfoque a histórias e indivíduos antes marginalizados e esquecidos, como mulheres, pobres, indígenas, homossexuais e a campos e domínios como o da cultura, enfoque da presente (Burke, 1992).

Chartier (1988) defende a ideia de que o enfoque sobre a cultura, práticas, discursos, representações cotidianas e culturais de pessoas e lugares moldam a história de maneira significativa tanto quanto as grandes narrativas dos vitoriosos, pois, através do que se considera pequeno, o mundo é moldado. Assim, é possível entender os diversos tipos de formas e manifestações culturais das sociedades e comunidades que podem e devem se tornar dominantes e consideradas grandes eventos históricos¹⁹.

¹⁹ Roger Chartier em sua obra “A História Cultural: entre práticas e representações” faz um apanhado de grande relevância historiográfica sobre como a cultura pode moldar uma sociedade e o mundo em que vivemos, através de práticas e representações que ditam as configurações do mundo atual. Onde uma rede de manifestações são determinantes para representar algo ou um lugar, assim acontece com a História de Monteiro, que, através de práticas culturais desenvolvidas pelos artistas da cidade, acabou gerando a representação de uma cidade que respira forró, berço de artistas, considerada pelo senso comum como um lugar de salvaguarda cultural. Recomendo a leitura da obra para entender os conceitos apresentados ao longo do trabalho.

Sendo assim, passamos a entender que Monteiro – PB, através da sua rede de manifestações culturais, envolvida pela música e pela comunidade popular, passa a desempenhar um papel que o coloca em um lugar de privilégio, contando sua história através da cultura e da população.

3.1 EM BUSCA DA SONORIDADE MONTEIRENSE: ONDE FICA MONTEIRO?

A Cidade de Monteiro - PB não é difícil de ser encontrada, localizada na Região Ocidental do Cariri Paraibano, o município faz divisa com diversas cidades paraibanas e pernambucanas, o que facilita seu acesso e seu ponto de encontro. Sendo assim, julga-se necessário situar o leitor quanto à localização precisa da referida cidade, para que, assim, possam ser entendidas as redes que a cercam e as relações socioeconômicas do lugar.

Localizada no Estado da Paraíba, Monteiro encontra-se a cerca de 300 km da capital do estado, João Pessoa²⁰. Dessa forma, ao longo do seu território, o município faz divisa com diversas regiões como Zabelê, Sumé, Prata, Sertânia, entre outros municípios. Podendo ser acessada por via terrestre ou via aérea, através dos aeroportos mais próximos, sendo eles o Aeroporto de Caruaru, o Aeroporto Presidente João Suassuna e o Aeroporto Internacional Presidente Castro Pinto localizados em Caruaru, Campina Grande e João Pessoa, respectivamente.

²⁰ As informações da quilometragem que informa a distância entre a capital João Pessoa e a cidade de Monteiro foram obtidas através do Google Maps.

AS CIDADES E VILAS PRÓXIMAS DE MONTEIRO		
Municípios nas proximidades de Monteiro		
Ouro Velho	Prata	Prata
Sertânia		Zabelê
Sertânia	Zabelê	Zabelê
Municípios próximos de Monteiro		
Zabelê 20,3 km	Prata 21,2 km	Sertânia 26,1 km
Ouro Velho 30,3 km	São Sebastião do Umbuzeiro 31,2 km	Camalaú 32,4 km
Sumé 35,7 km	São João do Tigre 36,3 km	Amparo 36,7 km
Tuparetama 37,7 km	Caiçara 42,6 km	Iguaraci 43,8 km
Ingazeira 44,7 km	São José do Egito 48,9 km	

Fonte: <https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-monteiro.html>

Figura 1. Dados das cidades e vilas próximas de Monteiro

Como é possível observar na figura 1, Monteiro em sua região possui uma rede de conexões que a cercam, estando situada a 20,3 km de Zabelê (PB), a 30,3 km de Ouro Velho (PB), a 35,7 km de Sumé (PB), a 21,2 km da Prata (PB), a 26,1 km de Sertânia (PE), a 32,4 km de Camalaú (PB) e a 37,7 de Tuparetama (PE), sendo essas as principais cidades que circunvizinham o município²¹. Como registra o Portal Cidade-Brasil (2021):

Monteiro é uma cidade de Estado do Paraíba. Os habitantes se chamam monteirenses. O município se estende por 986,4 km² e contava com 33. 222 habitantes no último censo. A densidade demográfica é de 33,7 habitantes por km² no território do município. Vizinho dos municípios de Zabelê, Prata e Sertânia, Monteiro se situa a 26 km a Norte-Leste de Sertânia, a cidade mais próxima nos arredores. Situado a 609 metros de altitude, de Monteiro tem as seguintes coordenadas geográficas: Latitude: 7° 53' 29" Sul, Longitude: 37° 7' 1" Oeste (Portal Cidade-Brasil, 2021).

²¹ As informações geográficas sobre o município de Monteiro foram fornecidas pelo Portal Cidade-Brasil, disponível em: <<https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-monteiro.html>> Acesso em: 15 de abr. de 2024.

TERRITÓRIO DE MONTEIRO	
População	33 222 habitantes (2019)
Superfície de Monteiro	98 635 hectares 986,35 km ² (380,83 sq mi)
Densidade populacional	33,7 ha./km ²
Altitude de Monteiro	609 metros de altitude
Coordenadas geográficas decimais	Latitude: -7.8915 Longitude: -37.1169
Coordenadas geográficas sexagesimais	Latitude: 7° 53' 29" Sul, Longitude: 37° 7' 1" Oeste
Fuso horário	UTC -3:00 (America/Fortaleza) <i>A hora de Verão e a hora de Inverno não diferem da hora padrão.</i>

Fonte: <https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-monteiro.html>

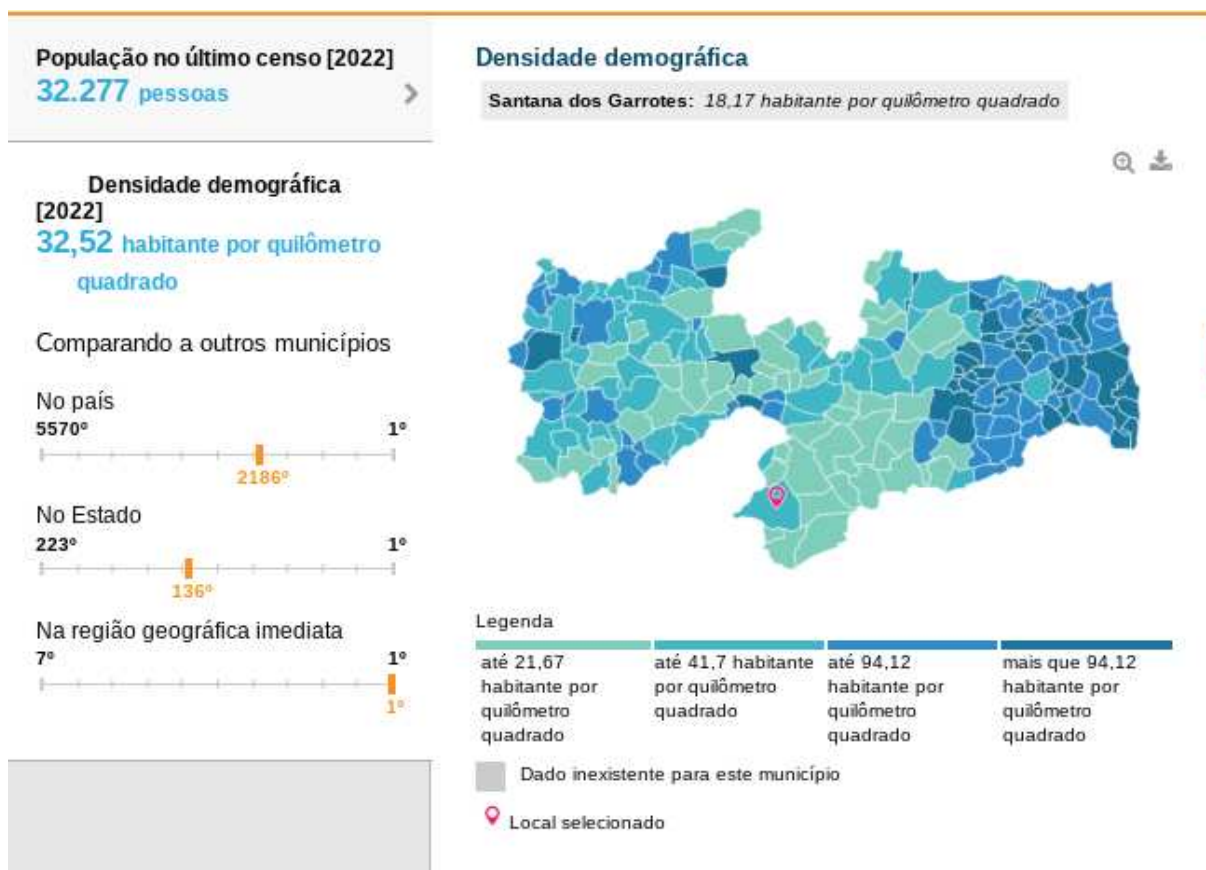
Figura 2. Dados território de Monteiro

Dessa forma, é possível observar que Monteiro não é difícil de ser encontrada, com uma rede de cidades que o cercam, fazendo divisa com cidades da Paraíba e do Pernambuco, não obstante seu acesso possibilita uma visita com maior frequência, principalmente nas épocas festivas do município. O que será observado ao decorrer das páginas.

Nos últimos anos, é notório que Monteiro está passando por um processo de transformações nos seus aspectos sociais, econômicos e culturais, isso se dá por motivos como a implementação de cursos de nível superior nas Instituições de Ensino Público da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e Instituto Federal da Paraíba (IFPB), além de investimentos nas áreas de empreendedorismo²², agropecuária e indústria²³, refletindo no aumento populacional e no crescimento da cidade. Como pode ser observado na figura 3, na qual consta os novos dados populacionais fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE):

²² A cidade de Monteiro possui um movimento de empreendedorismo em parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) conhecido como Rede de Conexão de Mulheres do Cariri o “Rede Delas”, que é um movimento que incentiva e promove ações de microempreendedorismo de aceleração para empreendedoras mulheres do Cariri Paraibano. Mais informações sobre as ações que a Rede Delas promove podem ser encontradas no Blog Instagram: @redecariri_delas.

²³ As atividades do setor da agropecuária e do setor industrial vem ganhando destaque nos últimos anos no município paraibano, com promoções de eventos relacionados ao desenvolvimento agropecuário como a “Expo Monteiro”, que movimenta o setor empreendedor e agro. Mais informações sobre a Expo Monteiro podem ser encontradas no site da Prefeitura de Monteiro: <https://www.monteiro.pb.gov.br/>.



Fonte: IBGE - <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/monteiro/panorama>
Figura 3. Dados demográficos do Município de Monteiro

Atualmente, segundo dados do último censo do IBGE 2022, a população de Monteiro é de 32.277 habitantes e a densidade demográfica, conforme pode ser observado na figura acima, é de 32,52 habitantes por quilômetro quadrado. Fazendo um comparativo com outros municípios do estado, o município fica na 136ª posição de 223 municípios paraibanos. E a nível nacional, fica na posição 2186 de 5570²⁴.

O reflexo do aumento populacional em Monteiro nos últimos anos pode ser resultado de diversos fatores, como por exemplo, os mencionados acima. Isso contribui para o desenvolvimento econômico, educacional e social do lugar. Pois, segundo Rios-Neto (2009), uma maior densidade populacional pode favorecer e gerar um aumento positivo em diversos níveis da sociedade, impactando na

²⁴ Todos os dados informados podem ser encontrados no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/monteiro/panorama>>. Acesso em: 20 de maio de 2024.

promoção de uma transição de um setor tradicional da economia para um setor moderno²⁵.

3.2 EM BUSCA DA SONORIDADE MONTEIRENSE: A LAGOA DO PERIPERI QUE SE TRANSFORMOU EM MONTEIRO

A História do município de Monteiro - PB remonta a muitos anos atrás, não sendo esse um município tão novo quanto possa parecer, à medida que seu principal slogan ressalta uma sonoridade jovial, estampando que Monteiro é “a princesa do cariri”.

Monteiro possui um legado de muitas décadas, o início de sua fundação pode ser datado ainda no final do século XVIII, quando Custódio Alves Martins, João Pereira de Melo e alguns fazendeiros começaram a se estabelecer na região, determinados a criar gados. Mas é somente no ano de 1800 que um fazendeiro chamado Manuel Monteiro do Nascimento e sua mulher, no intuito de criar uma capela consagrada a Nossa Senhora das dores, desmembraram de sua fazenda, que na época chamava-se Lagoa do Periperi, cerca de meia légua de terra, edificando um patrimônio que simboliza o início da fundação da cidade (Almeida, 2021, p. 34).

A partir do século XVIII, o Brasil passa a ser marcado por um processo intenso de urbanização, modificando o cenário rural e colonial existente e marcando uma nova era na história do país (HOLANDA, 1995)²⁶. Ainda, nesse contexto, Holanda (idem) destaca as mudanças econômicas, sociais e políticas que foram essenciais para a formação das estruturas urbanas que compõem o Brasil atualmente, uma vez que o final do século XVIII é caracterizado pelo deslocamento de uma sociedade predominantemente rural para os centros urbanos, impulsionado por fatores como a expansão econômica, o crescimento demográfico e as transformações nas relações de poder, como afirma o autor:

²⁵ Ver Rios-Neto (2009) para entender como o crescimento populacional reflete no aumento dos níveis de uma sociedade, sejam econômicos ou de escolarização. Disponível em: <http://wiki.dpi.inpe.br/lib/exe/fetch.php?media=ser457-cst310:eduardoriosneto_relpop_desenvol_cairo_15_2009.pdf>. Acesso em 22 de maio de 2024.

²⁶ Se assim desejar, recomendo a leitura da obra de Sérgio Buarque de Holanda “Caminhos e Fronteiras” para um maior entendimento relacionado ao surgimento das cidades no Brasil a partir do século XVIII.

Em geral, o aparecimento de núcleos urbanos no Brasil colônia está associado à descoberta de minas e à necessidade de organizar a vida em torno das atividades de mineração. As cidades surgem, assim, como consequência direta da exploração do território e do aproveitamento de suas riquezas naturais (Holanda, 1995, p. 183).

No caso de Monteiro, não foi a atividade mineradora que marcou o início do processo de urbanização, mas a chegada de fazendeiros na região, como afirma Almeida (2021), quando, por volta da segunda metade de 1800, movidos pela atividade agrícola e pela criação de animais, setores de grande desenvolvimento ainda hoje no município, o fazendeiro Manoel Monteiro do Nascimento e sua esposa se fixam na região. Temerosos a Deus, o casal consagra a Nossa Senhora das Dores, padroeira da cidade, a construção de uma capela:

A capela foi construída dentro da propriedade dos fazendeiros e ficava a 300 metros da margem do rio do meio, devido à boa localização e por possuir uma terra muito fértil, justamente pela presença da passagem do rio pela região, por volta de 1840 algumas populações começaram a se estabelecer pelo local, o que acabou fazendo surgir um povoado que ficou conhecido como Povoação da Lagoa, substituindo a antiga denominação de Lagoa do Periperi (Almeida, 2021, p. 34).

Mas alguns anos depois, a localização passou a ser conhecida como Alagoa do Monteiro e em 1865, segundo dados retirados do site da prefeitura municipal de Monteiro, recebeu oficialmente o título de distrito de Alagoa do Monteiro criado pela Lei Provincial nº. 194, de 4 de setembro de 1865. O então distrito, pertencente à cidade de São João do Cariri, recebeu o título de Alagoa do Monteiro, justamente por um de seus considerados fundadores, como citado, chamar-se Manuel Monteiro, por isso a homenagem (Almeida, 2021, p. 34-35)

Pouco tempo depois ocorreu outra modificação, pois por meio da Lei nº 457, de 28 de junho de 1872, o distrito tornou-se município e passou a ser denominado apenas de Monteiro, recebendo foros de cidade e se desmembrando de Villa Real de São João do Cariri. O fato é que a partir daí a cidade começou a se desenvolver cada vez mais se erguendo, sobretudo às margens do Rio Paraíba, que na época era conhecido como rio do meio. Esse fato acabou favorecendo o desenvolvimento da agricultura bem como da criação de animais, atraindo mais pessoas para a cidade e possibilitando seu crescimento (Almeida, 2021, p. 35).

Assim, pode ser observado que Monteiro passou ao longo do século XIX por constantes mudanças em sua nomenclatura, como destaca Almeida (idem). Sendo o atual nome do município uma derivação do sobrenome dos seus “fundadores”. Outro

aspecto observado é a associação com o religioso, que, como salienta Holanda (1995), “as povoações nascem frequentemente em torno de uma capela ou igreja, a presença de um templo era, desde o início, um marco importante para a consolidação de núcleos urbanos, não apenas como local de culto, mas como centro de organização social e política” (p. 135). Assim, ao passo que a cultura da agropecuária dita, inicialmente, a dinâmica econômica da região, a religião fundamenta a sua criação²⁷.



Fonte: <https://www.caririligado.com.br/paroquia-de-n-sra-das-dores-em-monteiro-celebra-150-anos-de-historia/>
Figura 4. Procissão em frente a Igreja Matriz Nossa Senhora das Dores - Monteiro/PB

O caráter religioso predomina no município de Monteiro devido à sua formação religiosa e influência católica desde o início de sua fundação, caracterizando outro valor cultural que o lugar representa, ou seja, a prática de atos e festejos religiosos. Como pode ser observado no trecho em destaque que evidencia que

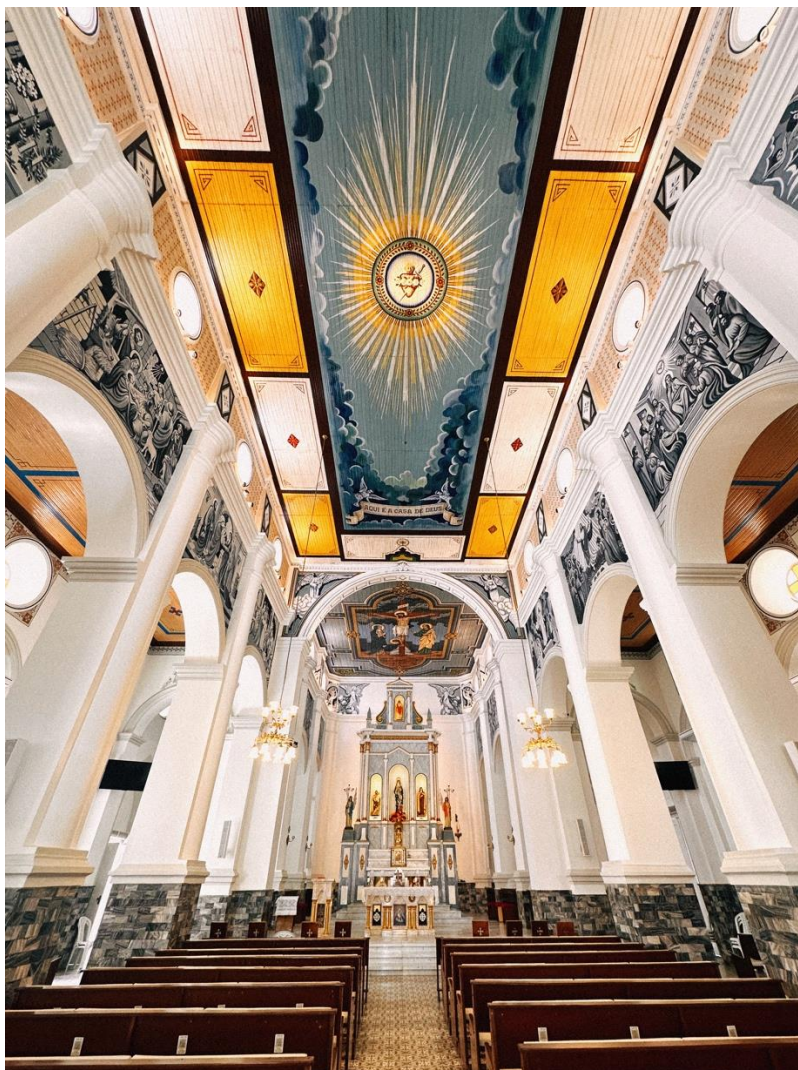
A história de evangelização nestas terras caririzeiras é de longa data, tendo registros da missão dos padres Oratorianos (Ordem de São Felipe Neri) nos idos finais do século XVIII. Estes religiosos trouxeram de Portugal a imagem de Nossa Senhora das Dores e iniciaram nas terras da atual cidade de Monteiro, a devoção que daria nome à futura Paróquia (Cariri Ligado, 2015)²⁸.

²⁷ Deve-se deixar claro que a religião a qual o autor destaca que fundamenta a criação da cidade de Monteiro - PB é o catolicismo, uma tradição religiosa originada do cristianismo.

²⁸ O trecho em destaque foi recortado da matéria publicada em 2015 pelo portal Cariri Ligado em homenagem aos 150 anos de Ereção Canônica da Paróquia Nossa Senhora das

Não há como romper o caráter religioso da formação cultural de Monteiro, segundo Geertz (2008), “as práticas religiosas, em sua maioria, estão profundamente enraizadas nas tradições culturais de um povo, funcionando como um meio de perpetuação de valores, crenças e comportamentos sociais que, ao longo do tempo, moldam a identidade coletiva” (p.89). A própria cantora e artista monteirense, Adma Andrade, evidencia essa fé e a força que a igreja exerceu no início da sua carreira:

Tem uma história também com, com a igreja, claro. Eu nasci, me criei, sou católica, dentro da igreja. E acompanhava muito, gostava de ficar ali do lado do coral, aperreava. Inclusive, a nossa querida Eliza Clívia... “Deus a tem hoje”, mas ela morava em Monteiro. E... cantava na Renovação Carismática, de Monteiro. Então, eu tinha esse contato, pedia pra cantar. Ela, juntamente com a minha madrinha, é... que também fazia parte desse grupo, e outras pessoas me deixavam cantar. E fui crescendo na igreja, cantando também na igreja... quando surgiu o primeiro convite, que foi pra integrar a banda da Ladjá Betânia. Também da nossa cidade, artista da nossa cidade. Eu cantei na banda da Ladjá. E, resumindo, depois fui pra banda Perfil de Serra Branca. Voltei pra banda do Flávio José. Uma experiência incrível! Também de muito aprendizado. Onde aí.. eu já viajei mais, né? Pra lugares mais longe. Conheci muita gente, muitos artistas. E foi isso. Depois do Flávio vem o Anjo Azul. Foi quando eu saí de Monteiro pra Recife, aos 20 anos. E logo após, resumidamente, veio a banda Magníficos. Quando eu retornei pra Monteiro. E hoje me encontro aqui na Limão Com Mel (Andrade, 2024).



Fonte: Arquivo fotógrafo Marcelo César

Figura 5. Interior da matriz Nossa Senhora das Dores – Monteiro/PB

Movimentos relacionados à cultura católica são práticas que os monteirenses celebram em suas manifestações cotidianas, muitas vezes, ligadas à música, como foi o caso de Adma, e a mais conhecida delas, A festa da Padroeira de Nossa Senhora das Dores, realizada em setembro no município, que é um exemplo vivo que revela essa relação cultural de Monteiro ligada à devoção católica. Como conta Dona Deyse:

Na minha opinião, foi quando começou a ter as bandas tocando nos clubes, que não existia isso. Era mais quando chegavam os períodos. Começou a ter mais festas, como também a festa da padroeira, que começou a ter pavilhões. Os pavilhões tinham por noite, aí tinha atrações. E isso foi quando foi despertando os visitantes e a cultura crescendo a cada festejo que ia se ter em nossa cidade (Maria, 2024).

Ao longo do ano, a paróquia Nossa Senhora das Dores se prepara para a celebração da festa da padroeira, realizando a novena dedicada à Virgem das Dores, movimento dos fiéis a rezarem, pois, como salienta Cascudo (1978):

As novenas realizadas em honra à padroeira constituem um dos momentos mais importantes das festividades religiosas, servindo como preparação espiritual e social para o grande dia. Durante esses nove dias, a comunidade se reúne em orações, cantos e ritos, reafirmando sua devoção e fortalecendo os laços comunitários (Cascudo, 1978, p. 144).

Porém, em Monteiro, a novena é realizada em movimento próprio e singular da cidade, sendo consagrado o dia 15 de cada mês à Nossa Senhora das Dores. Os fiéis se reúnem, neste dia, na Paróquia, para consagrar suas rosas e ofertas e aguardar o dia da festividade, que acontece no dia 15 de setembro, demonstrando o simbolismo integrado na vida da comunidade, como afirma Delumeau (2009):

Os símbolos religiosos, ao serem amplamente aceitos pela população, desempenham um papel fundamental na coesão social e na manutenção de uma ordem moral partilhada, inserindo-se profundamente nas práticas cotidianas e na construção da identidade coletiva (Delumeau, 2009, p. 54).

A Festa da Padroeira demonstra, entre outros movimentos, a força dessa prática cultural e identitária no município, celebrando através da festividade realizada, onde se dedica 10 dias para os festejos, uma celebração que envolve ritos religiosos, apresentações, músicas, entre outras manifestações²⁹, exemplificando a representação de uma sociedade que perpetua seus valores tradicionais e reforça uma identidade coletiva da população, já que, segundo Ribeiro (1995):

As festas de padroeira são momentos em que a comunidade expressa sua identidade coletiva, unindo-se em torno de símbolos religiosos que reforçam os laços sociais e culturais. Nessas celebrações, a fé e a tradição se entrelaçam, criando um espaço de reafirmação da história e da pertença comunitária (Ribeiro, 1995, p. 312).

²⁹ A paróquia Nossa Senhora das Dores disponibiliza o cronograma dos festejos da Festa da Padroeira com todas as informações e as atrações das noites da festividade no Salão Paroquial, localizado ao lado da igreja matriz na Avenida Olímpio Gomes S/N - Monteiro/PB.

Sendo assim, as práticas culturais, e nesse segmento englobam-se as práticas religiosas, ditam uma dinâmica em Monteiro que contribui para a formação de uma sociedade que constrói suas representações coletivas e identitárias a partir de práticas que formam uma sociedade moralizada e memorial, já que são essas mesmas práticas que orientam as relações e o senso de comunidade do local, como afirma Berger e Luckmann (1985):

As práticas religiosas, ao serem compartilhadas e vivenciadas coletivamente, têm o poder de criar e reforçar o senso de comunidade. Elas oferecem aos indivíduos não apenas uma ligação com o transcendente, mas também um sentimento de pertença a um grupo social específico, moldando a identidade coletiva e definindo os limites da comunidade (Berger; Luckmann, 1985, p. 110).

As práticas religiosas como os ritos, procissões, novenas e a “quermesse”³⁰ reforçam essa tradição que reafirma a identidade da comunidade, mostrando que, para além de uma convicção religiosa, essas práticas geram relações sociais, padrões, costumes e valores que são propagados pelos e para os moradores da cidade, fortalecendo o sentimento de pertencimento local e, nesse caso, definindo a identidade do povo monteirense (Chartier, 1988).

A religiosidade permeia todos os aspectos da vida cotidiana, funcionando não apenas como uma expressão espiritual, mas também como um fator integrador que molda as práticas culturais, as festas populares e o próprio modo de vida dos habitantes, influenciando profundamente a organização social e as relações comunitárias (Eliade, 1992, p. 14).

Como destaca Eliade (1992), a religiosidade está intrínseca aos aspectos do cotidiano, e isso pode ser observado em Monteiro, já que esse caráter religioso se faz presente nas relações culturais do município, pois as expressões de fé não fazem parte apenas de um aspecto da vida espiritual do fiel, mas se caracteriza, na verdade, por moldar os diversos movimentos da comunidade propagados nela e

³⁰ O nome quermesse refere-se às festividades religiosas organizadas pela igreja, nesse caso, a palavra é utilizada para referir-se à festa da padroeira de Nossa Senhora das Dores, onde todas as noites é montado um pavilhão com comidas, músicas, celebrações e apresentações religiosas e culturais.

para ela, uma vez que não há como negar as dinâmicas que integralizam as práticas culturais no dia-a-dia da sociedade monteirense.

Uma dessas dinâmicas é a realização do espetáculo “A Grande Ceia”, promovido pela Secretaria de Cultura e Turismo do município de Monteiro, cuja pasta está sob a Secretária de Cultura Christianne Leal e a Secretária Executiva Eliane Andrade. Em conversa com Eliane Andrade, ela contou um pouco sobre esse espetáculo:

Março... Nós temos a preparação do espetáculo. Em abril, que é a Grande Ceia, que é um grande espetáculo que a gente tem. É o maior espetáculo a céu aberto da Paraíba. A gente só perde para Nova Jerusalém. É um espetáculo com mais de 100 atores, entre figurantes e atores, 100 pessoas trabalhando, cenografia, figurino. O espetáculo é de direção de Rodrigo Leal, que é um ator e excelente diretor. Ele que conduz todos os ensaios. Então, eu passo o mês de março todinho, todo mundo envolvido nesse espetáculo, ensaiando, gravando áudios. E abril é apresentado esse grande espetáculo (Andrade, 2024).



Fonte: Imagem disponibilizada pela Secretaria de Cultura e Turismo.

Figura 6. Encenação do espetáculo 'A Grande Ceia' promovido pela Secretaria de Cultura e Turismo do município de Monteiro

A Grande Ceia (vide registro acima), atualmente, é um dos espetáculos com maior recorde de público de Monteiro em céu aberto, configurando-se como um movimento que gera um grande engajamento para o município, com participantes,

atores, figurinos e um investimento econômico que gera empregabilidade, rotatividade e turismo. Nesse sentido, Eliane ainda relatou mais detalhes sobre o evento:

Assim, recorde de público nas duas apresentações, na sexta e no sábado, né? Sexta-Feira Santa e Sábado de Aleluia. Cada ano o público vai aumentando, porque... é... um dos meus preferidos aqui da Secretaria é a grande ceia, pela mensagem e pelo cuidado, como tudo é feito, assim, aquela coisa enorme, vários palcos, muita luz. É um grande investimento da Secretaria de Cultura e oportuniza pessoas a trabalhar e a ganhar seu cachê. Porque a gente tem essa cultura também, ela tem que ter essa remuneração para incentivar os atores que estão ligados à cultura a continuar produzindo. Então, a grande ceia é esse grande espetáculo que a gente tem em abril (Andrade, 2024).

Através do relato acima, é possível notar que a encenação da Grande Ceia é mais uma prática cultural perpetuada no município de Monteiro, é um espetáculo cultural e religioso que evidencia a vida, morte e paixão de Jesus Cristo. Faz parte do calendário de eventos da Secretaria de Cultura e Turismo do município de Monteiro, comprovando, através da participação popular do consumidor, a receptividade e interesse com o simbolismo religioso expressado e inserido nas práticas cotidianas (Delumeau, 2009).

3.3 EM BUSCA DA SONORIDADE MONTEIRENSE: QUAIS AS CONFIGURAÇÕES DE MONTEIRO?

No subcapítulo acima, podem ser observados alguns aspectos relacionados ao município de Monteiro, porém, quando se trata de um município que vem sendo estudado em todos os prismas que o formam, muitas configurações ainda precisam ser reveladas para que seja possível identificar e caracterizar o lugar.

Assim, segundo Almeida (2021), Monteiro é um berço da poesia e da cultura popular, com manifestações diversas que o caracterizam como um lugar singular à medida que sua formação econômica pode ser diversa e peculiar, comparado a outros municípios. Como já mencionado, algumas atividades econômicas perpetuam as ruas, avenidas e a zona rural monteirense, como a agricultura e a pecuária. Mas também é necessário olhar para o comércio com mais atenção, já que:

É por isso que se torna importante entender o funcionamento comercial, pois é a partir dele e por ele que as manifestações culturais do município são perpetuadas. Sendo essas manifestações fartas e múltiplas. Como é o caso, por exemplo, do ofício da renda renascença, essa prática consiste na fabricação de uma espécie de bordado muito delicado que se difundiu no Brasil há muitos séculos atrás, durante as migrações europeias, perpetuadas especialmente por mulheres nordestinas que passaram a prática de geração em geração (Almeida, 2021, p. 32).

A cultura em Monteiro acaba por se configurar não somente no que o presente estudo aborda, ou seja, na música e na poesia, mas a cultura também se configura e é difundida a partir do comércio. Como mencionado acima, a Renda Renascença é um conjunto de práticas de artesãs passadas de geração em geração através dos seus bordados, configurando-se como uma prática cultural. Em conversa com Marlene Leopoldino, rendeira e artesã da cidade de Monteiro, ela esclarece o que é a Renda Renascença:

Então, a Renda Renascença é um trabalho manual, que é feito à mão, e também é mais tradicional. Então, ele é um trabalho hereditário, que vai passando de geração em geração. Então, minha avó fazia, a minha mãe, minhas irmãs. Como eu sou a caçula, eu aprendi por último. Mas, eu digo que a renda é um ofício hereditário. Não tem como. Hoje, não. Hoje, tem pessoas que, mesmo sem ter no sangue a tradição da Renda-Renascença, elas conseguem aprender, porque tem muita gente inteligente. Mas a maioria, antigamente... não tem como tirar da hereditariedade. Sempre foi um trabalho que veio de fora do país, no século XVI, e veio para o Recife (Leopoldino, 2024).

Uma característica interessante sobre o ofício da renascença é a questão da hereditariedade, sendo comum o aprendizado através das gerações que vão se perpetuando e se difundindo. Monteiro se encontra entre os principais municípios na produção de Renda Renascença no Brasil (Silva, 2019). Configurando-se como uma prática muito mais do que comercial no município.

A renda renascença é produzida na Paraíba desde meados do século XX, por mulheres, em sua maioria, já que foi definida enquanto uma atividade predominantemente feminina. Na origem da renda renascença europeia, os homens já faziam parte dessa produção, atuando na realização dos desenhos, o que os

diferenciavam socialmente, sendo essa atividade feita por poucos. As próprias rendeiras tinham que se manterem discretas para não terem que socializar o saber fazer, mantendo a tradição e uso da renda para grupos restritos (Silva, 2019, p.16).

Fechine (2004) caracteriza a manifestação de produção da renda renascença como um ato de criatividade e desenvolvimento social, tendo em vista que o processo de produção do bordado da renascença é caracterizado pela junção de elementos característicos regionais e estrangeiros, além da ação de coletividade em suas nuances interpessoais, o que é reiterado por Silva (2019):

Outra ferramenta conceitual para entender as mudanças observadas no campo produtivo da renda renascença na Paraíba é a noção de hibridação. A interpenetração e coexistência de culturas estrangeiras, nacionais e locais geraram processos de mesclagem que, em diferentes momentos do século XX, na América Latina, serão chamados de ocidentalização, aculturação, transculturação, heterogeneidade cultural, globalização e hibridismo. Em um contexto de tensão gerado pelas diferenciações culturais, há uma procura por compreender o intenso diálogo entre a cultura erudita, a cultura popular e a cultura de massas, travado nos países latino-americanos, e sua inserção no cenário mundial (Silva, 2019, p. 30).

É inegável o valor cultural que a Renda Renascença carrega através das suas configurações. Cada rendeira faz o seu bordado a seu próprio gosto e critério, tendo o seu próprio despertar, ainda como destaca Marlene:

Mas lá dentro tinha algo que eu comecei a me despertar. O que é despertar? É você saber que a renda Renascença é parecida com um pássaro. É parecida com uma nuvem. É parecida com uma pipoca. E ali as rendeiras vão inventando pontos. Inventando a forma de fazer. Vou dar um exemplo. Para iniciar qualquer tipo da renda Renascença, tem que ter o desenho. Você desenha no papel manteiga. Faz toda a arte que você quer. Põe um plástico no papel. Antes era papel de cimento. Mas existem outros papéis que pode usar também. A gente usa o lacê, que é a fitinha para fazer cobrir as formas dos desenhos. Então, usa o lacê. Depois põe no rolo e vai fazendo ponta a ponta. Então, tudo é manual. Não tem regras de dizer que tem a máquina que faz isso. Não faz a renda renascença, não. Tem um complemento. Por exemplo, colocar um zíper, um forró no vestido. Isso sim, leva a máquina. A montagem também a gente pode fazer na máquina e complementar com o acabamento à mão. (Leopoldino, 2024).

A singularidade da Renda Renascença traz consigo muitos pontos que merecem destaque nesse processo de cadeia produtiva, pois uma das configurações da renascença em Monteiro e no Cariri Paraibano é a cultura colaborativa do processo, uma vez que Monteiro agrega em seu seio grupos de rendeiras de todo Cariri Paraibano. Como explica Marlene:

Monteiro, hoje tem a RENAIS, que é a Associação das Rendeiras de Renda, Renascença do Cariri Paraibano. Por que eu quis esse nome? Porque abrange todo o Cariri, não só é Monteiro... abrange Zabelê, São Sebastião do Umbuzeiro, São João do Tigre, quem quiser vir nos procurar para se associar e fazer parte do nosso grupo está aberto. E isso é importante. Então, em 2003, eu fundei a SOAM, que, infelizmente, não consideraram que era tão importante e deixaram morrer a associação. Aí, fundou a RENAIS. Então, a RENAIS, esse centro de referência aqui, é um sonho dos cinco municípios, que, junto com Sebrae, Prefeitura e Governo do Estado, realizou esse sonho nosso. Então, aqui é uma loja colaborativa. Quer dizer, tem a colaboração de Zabelê, de São João do Tigre, de São Sebastião do Umbuzeiro, e, principalmente, Monteiro, que acolhe todas. Então, a gente somos o braço que acolhe todo mundo. E a União. Por exemplo, se eu for para um evento, para uma feira, eu não levo só a mercadoria da RENAIS, eu levo de todo mundo. E é assim que funciona aqui no CRENÇA. Aqui tem mercadoria não só das associações organizadas, mas de rendeiras que estão solo, fazendo seus trabalhos sozinhas em casa, mas que tem a oportunidade também de ter um espaço de venda. Então, isso é maravilhoso. É um sonho realizado (Leopoldino, 2024).

A cidade de Monteiro possui um Centro de Referência da Renda Renascença e do Artesanato, que é o CRENÇA³¹, uma loja colaborativa que expõe o trabalho de todas as rendeiras associadas do Cariri Paraibano. Uma iniciativa da prefeitura de Monteiro, associada ao governo do Estado e ao Sebrae. Essa loja permite que as rendeiras possam expor seus trabalhos e divulgar a arte da renascença. Marlene destacou a importância desse centro e a forma colaborativa que as associações dialogam.

³¹ O Crença fica situado no centro da cidade de Monteiro - PB, na Rua Desembargador Feitosa, R. José Ventura, R. Heronides Ramos - Centro, Monteiro - PB, 58500-000, funcionando de segunda a sábado.



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Figura 7. Fachada lateral do Crença - Centro de Referência da Renda Renascença em Monteiro - PB

No ofício da Renda Renascença, pode-se dizer que existem categorias, ou, formas de hierarquia entre as rendeiras. Por ser uma arte que exige diversos passos, dentro do ofício, as rendeiras passam por uma espécie de “categorização”, cuja hierarquia se define através da experiência e das habilidades (Silva, 2019). Marlene, mestra na renda renascença, conta como se configura esse processo:

Nós temos muitas rendeiras. Quais são as rendeiras? A rendeira é a que só faz a renda. Essa é a categoria, vamos dizer, que só produz. É a questão de produção. Então, ela só produz a renda. Outra só alinhava. Então, outra emenda a renda, faz um arremate, mas não sabe desenhar, não sabe lavar, não sabe passar, não sabe... Até vender fica com vergonha. Entendeu? Não faz o orçamento total para que a peça saia no valor justo para elas. Porque tudo tem custo. Então, essas são a linha de produção. Aí, quando se passa para a categoria de mestra, você tem que saber tudo da renda-renascença. A mestra, ela só é verdadeira, aquela que sabe tudo, tudo, tudo sobre a renda. Sabe quais são os pontos básicos que vai usar

naquele determinado desenho. Sabe o que o cliente quer, o cliente quer isso, você já entendeu. Então, você já é mestra nisso. Então, ser mestra é você saber tudo sobre a renda-renascença. (Leopoldino, 2024).

Em 2018 eu ganhei o título de mestra nacional. Por quê? Porque eu sei fazer todos os passos da renda na essência. Eu sei o desenho, o alinhavo, o acabamento, o fazer, que isso é o que vale ser mestra. E o lavar e o passar. E a venda, que é o pior. Então, todos esses passos eu faço. Então, eu tento passar, já ensinei também, já fiz algumas palestras, já ganhei o título de mestra e também agora há pouco eu ganhei o prêmio da Unesco (Leopoldino, 2024).

Marlene Leopoldino é uma rendeira de mão cheia, conhecida em Monteiro por seu trabalho na renda renascença, traz consigo um legado de hereditariedade e conhecimento próprio. Em 2024, a rendeira recebeu o prêmio de excelência artesanal para a América do Sul por sua peça 'Echarpe Peixe', prêmio promovido pelo Mercado das Indústrias Culturais do Sul (Micsur), reconhecido pela Unesco. Mais uma premiação que evidencia a cultura e excelência da Renascença monteiresense³².



Fonte: SECOM-PB https://auniao.pb.gov.br/noticias/caderno_paraiba/artesanato-paraibano-e-premiado

³² Outras informações sobre a premiação e o reconhecimento do artesanato paraibano disponível em: <https://auniao.pb.gov.br/noticias/caderno_paraiba/artesanato-paraibano-e-premiado>. Acesso em 02 de jun de 2024.

Figura 8. Echarpe em Renda Renascença produzido pela rendeira mestre Marlene Leopoldino

O tamanho da grandiosidade dessa arte perpetuada pelas rendeiras do cariri concedeu a Monteiro em 2022 o reconhecimento de Cidade Mundial do Artesanato para Renda Renascença, pelo World Crafts Council (WCC), sendo o primeiro município brasileiro a carregar esse título³³. O site do Governo da Paraíba (2022) destaca que:

A certificação internacional foi concedida após visita de três conselheiros do Uruguai, Espanha e Chile, representantes do Conselho Mundial do Artesanato, ao Cariri. Após encaminhamento de um dossiê estatístico, assinado pelo governador João Azevêdo, pela prefeita Anna Lorena, pela gestora do Programa do Artesanato Paraibano (PAP), Marielza Rodriguez e pelo diretor-técnico Sebrae, Luiz Alberto Amorim, para candidatar Monteiro ao título de cidade brasileira da renda renascença, a delegação se deslocou ao município e foi a responsável por confirmar in loco as informações prestadas no documento e recomendar o título ao Conselho Mundial do Artesanato (Governo da Paraíba, 2022).

Ainda mencionando a grandiosidade da Renda Renascença, em 2020 essa arte ultrapassou os limites do município de Monteiro, em um grande desfile de destaque nacional que ocorreu em João Pessoa em parceria com as rendeiras do cariri paraibano e o estilista Brasileiro Ronaldo Fraga. Em oportunidade na matéria do dia 08 de Fevereiro de 2020, o estilista afirmou que:

O Brasil tem essa coisa de achar que artesanato é coisa de pobre. E quando você pensa que não pode aparecer uma elite pior, ela vem. Se pudesse, mataria todo mundo, higienizava o povo brasileiro e colocava ar-condicionado em todo o Nordeste, para transformar a região numa espécie de Trancoso”, afirma o estilista. Mas a grande amálgama da cultura brasileira é o Nordeste³⁴.

³³ Ler a Matéria “Monteiro é primeiro município brasileiro a receber título de Cidade Mundial do Artesanato para Renda Renascença”, disponível em: <<https://paraiba.pb.gov.br/noticias/monteiro-e-primeiro-municipio-brasileiro-a-receber-titulo-de-cidade-mundial-do-artesanato-para-renda-renascenca>>. Acesso em 30 de maio de 2024.

³⁴ A matéria completa sobre o desfile das rendeiras do cariri paraibano com o estilista Ronaldo Fraga está disponível em: <<https://oglobo.globo.com/ela/moda/ronaldo-fraga-mergulha-na-historia-da-renda-renascenca-cria-colecao-em-parceria-com-artesas-do-cariri-paraibano-24232865>>. Acesso em 30 de maio de 2024.



Fonte: Marco Pimentel - <https://oglobo.globo.com/ela/moda/ronaldo-fraga-mergulha-na-historia-da-renda-renascenca-cria-colecao-em-parceria-com-artesas-do-cariri-paraibano-24232865>

Figura 9. Modelo desfilando com vestido de Renda Renascença, desfile do estilista Ronaldo Fraga em parceria as rendeiras do Cariri Paraibano, 2020

Esse caminho pela renda renascença se transforma em um discurso importante para esse trabalho, também, por evidenciar formas de se fazer cultura através da sobrevivência, de uma arte que mistura um conhecimento autodidata no que pode ser chamado de “fazer renda” a partir da mistura de estilo e de práticas, “além desse aspecto simbólico cultural, a produção de renda renascença tem um caráter de empreendimento que gera renda e melhoria de vida para as mulheres rendeiras” (Silva, 2019, p. 23). A interligação entre a renascença e a cultura em Monteiro exalta os pontos fortes desse processo que gera empregabilidade, destaque e visibilidade para o município, como afirma Marlene:

Por exemplo, eu vou dar um exemplo assim, a gente recebe caravanas. Todo ano, Ronaldo Fraga, que foi o estilista que desenvolveu a coleção Somos Todos Paraíba com a gente em 2019 e lançou em 2020. Então, ele traz caravanas aqui por crença, que é totalmente cultural, com pessoas que ele conhece, junto com a Secretaria de Cultura e Christianne Leal. Então, a gente faz essa união. Por exemplo, daqui eles perguntam algo que a cultura tem. Então, a gente já indica a Christianne para repassar para eles e o que a gente pode fazer. Eu acho que é troca de ideias, de... São trocas. Por exemplo, eles estão aqui, mas eles vão almoçar sabe

onde? Lá em Zabé da Loca. Né, cultura? É. Porque está ajudando um, ajudando o outro. E assim vai (Leopoldino, 2024).

A obra de Silva (*idem*) retrata como a Renda Renascença se caracteriza como uma prática cultura que pode se dizer “inventa uma tradição” (Hobsbawm, 1997), a partir do movimento que adapta essa atividade como um fazer cultural que expressa a identidade de todo um grupo, que, no caso, são as rendeiras do cariri paraibano. A renda muitas vezes se caracteriza como uma vida para quem a faz, como no caso de Marlene, que trabalha há mais de 30 anos e considera a renda:

Pra mim, é o renascimento. É a ideologia que fica dentro da sua mente, que você vê várias coisas em uma toalha dessa, por exemplo. Você imagina o universo. Então, a renda renascença, pra mim, é o universo. É maravilhoso (Leopoldino, 2024).

Para além de uma atividade comercial, a prática da renascença promove a integração e o reconhecimento dessas mulheres como fonte de cultura, trabalho e pertencimento (Silva, *idem*)³⁵. Não há como falar de renda renascença e não falar de valores, ou seja, do que é justo pelo trabalho realizado, tendo em vista que existe um passo a passo, uma mão de obra e custos de imaginação, planejamento, montagem e prática, pois na renda renascença preço e valor são coisas diferentes e varia de acordo com cada produto produzido. Como Marlene explica:

Então, como são produtos variados, são vários tipos de produto, eu vou iniciar pelo brinco. Porque eu gosto muito de acessórios e gosto muito de moda. Eu não vou mentir. Eu não gosto de toalha, passadeira, essas coisas. Eu não gosto de fazer porque demora muito. E não usa a sua imaginação. E você tem que estar conectado à moda. Você tem que estar sempre ligado, porque se uma peça não está saindo, eu faço maluquice com elas e, quando ela vem para aqui, é a primeira que sai. Então, isso quer dizer que você, para você iniciar qualquer tipo de trabalho da Renda Renascença, você começa pelo desenho, que é um custo o desenho. Vem a folha que você compra. Eu coloco tudo. Porque eu fiz o preço de custo. Eu fiz os cursos no Sebrae. Vários cursos. Então, a gente tem que saber de tudo. Do preço da folha, do tempo que você faz. Então, a gente aqui utiliza muito o valor do novelo de linha para tecer. Porque, para a

³⁵ Recomendo a leitura completa da obra de Silva (2019) que aponta todo o fazer da renda renascença e a promoção dessa cultura de se fazer renda, da criação de símbolos e da identidade das mulheres rendeiras paraibanas, no que a autora caracteriza como “enredos de cultura”.

gente, eu acho que é mais justo para a rendeira. Elas vão saber quanto vai ganhar. Então, depois de tudo, fazer todo esse trabalho, você bota 30% em cima daquele custo que veio. Toda a mão de obra, tudo. Coloca. Porque tem custo de matéria-prima, não. De energia. Vem o seu lucro e para a associação. Também (Leopoldino, 2024).

Assim, entende-se que o trabalho com a renda renascença não é simples, por isso, esse valor cultural que essa possui. Cada peça exige uma atenção, planejamento e formas minuciosas e individuais de outras. O preço atribuído varia de acordo com cada produto e as associações feitas, como Marlene exemplifica, para manutenção das redes de parceria, viagens e órgãos:

Aqui é assim. Aqui na loja funciona assim. A rendeira põe o produto dela aqui. Quando vende aquele produto dela, tira 10% para a loja. O resto é dela. Então, a gente não tira nada da rendeira. É só o comércio que tem que funcionar. A gente tem que ter a manutenção aqui porque a gente tem apoio da Prefeitura sempre desde o início, mas chega um momento que a gente não sabe quem o próximo é. Tem várias formas de a gente se assegurar com um fundo rotativo. Tem que ter o capital de giro. Então, a gente faz sempre para ter esse capital. Porque vai uma feira... Aí a Prefeitura dá uma ajudinha. Aí vem tem hotel, tem isso e aquilo outro. Aí o Sebrae sempre cai. Governo do Estado maravilhoso. Então, hoje a gente está bem acobertado. Então, isso quer dizer a gente tem várias oportunidades de vender o produto dele, de você ganhar mais um pouco. Porque você não vai gastar tanto. Aí vai dependendo de cada produto os valores que você pode ganhar (Leopoldino, 2024).

O trabalho com a renascença se configura a partir de iniciativas públicas e de redes de parceria que são firmadas para manutenção das associações das rendeiras e do Crença, que se torna um centro de apoio para todas as rendeiras do cariri pela possibilidade de agenciar, divulgar e proporcionar a divulgação e venda dos produtos, como afirma a rendeira:

Sem essas parcerias não ficam fáceis, não. Não fica fácil porque é um centro novo. Não é todo mundo que conhece. Então, a gente tem que chamar o turista para cá. O turista vendo, ele se encanta. Quando ele chega aqui, ele enlouquece. Quando vê essa loja aqui todinha. Então, quer dizer, a gente depende muito do turista. E tem o Instagram, né? Tem as redes sociais que a gente vende bastante nas redes sociais. Nós temos o site também. Inclusive, foi a professora Márcia Paixão que nos presenteou com o site, com um dos alunos dela que fez essa caridade. Mas, assim, é um apoio maravilhoso e a gente precisa muito de apoio. Muito mesmo. Porque

não é fácil manter aqui, não. Não é fácil. Porque, assim, não é venda constante. É de vez em quando. Pessoas que vêm aqui visitar Monteiro, não sabia do centro de referência. De repente, dá de cara, entra e é aquela compra para o impacto. Sabe? Aquela compra que você não ia comprar e, de repente, viu e comprou. Então, acontece muito isso (Leopoldino, 2024).

Pode-se dizer que esse ofício se torna uma tradição. A “invenção” da tradição, segundo Hobsbawn (1997), acontece a partir desse processo que pôde ser observado de adaptação da atividade rendeira como uma arte que acaba por caracterizar e se transformar em um símbolo de identidade regional.



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Figura 10. Peças de renda renascença e stand no interior da loja Crença - Centro de Referência da Renda Renascença em Monteiro - PB. Decoração com elementos da cultura monteirese, parede lateral com imagem de Zabé da Loca

Inclusive, em 2020, o mundo vivenciou um período que modificou todas as dinâmicas sociais, econômicas e culturais, que foi a COVID -19, causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, um vírus que pertence a família dos coronavírus, causa

ao infectado problemas respiratórios e, em casos mais graves, pode levar à morte. Então, no referido ano, foi decretada uma pandemia em nível mundial. Dessa forma, muitos setores foram afetados e tiveram que se reinventar, como Marlene conta:

Bem, no fazer, não abateu muito, porque as pessoas se... as próprias vendedoras, elas se destacaram em fazer máscara. Eu vendi muita máscara. Clientes que não poderiam vir, eu não poderia ir, mas tinha transporte que ia. Então, para uma pessoa vender muita máscara, a gente trabalhou bastante. Arrumamos até novos clientes, que nem imaginávamos que a gente ia conseguir. Clientes que não poderiam sair de casa, mas teve aquele momento de estar com a família, viu a necessidade de algum produto que elas queriam, a gente trabalhou bastante. Graças a Deus, afetou muito na questão de viagem, de eventos, essas coisas, mas na produção, a gente, graças a Deus, nos ajudaram bastante para os clientes. Com certeza (Leopoldino, 2024).

Tendo em vista que, embora a origem da renda renascença seja uma atividade que teve sua prática inicial na Europa, como destaca Silva (2019), essa prática no Brasil acaba se reinventando no contexto regional, promovendo a renda renascença como uma atividade tradicional que se apropria de estruturas sociais e políticas nessa construção de uma herança que narra a vida das mulheres rendeiras. Desse modo, existe, ainda, segundo a autora Silva (idem), toda uma narrativa que evidencia a angústia das rendeiras sobre seu ofício e seu futuro:

A fala da rendeira Pétala retrata um pouco de um sentimento de angústia presente em muitas rendeiras na atualidade, a incerteza quanto a um futuro, em relação à continuidade do trabalho com a renda renascença. Esse sentimento pode ser o reflexo das dificuldades, da luta que essas primeiras rendeiras enfrentaram quando persistiram em continuar a fazer renda, rompendo barreiras sociais e econômicas. Pode ser um sentimento presente em mulheres que a partir de memórias de gerações anteriores, permanecem ligadas diretamente a esse passado, já que esse saber fazer dessa geração atual é o legado de mães e avós no passado, assim como também será o legado de algumas mães e avós para os seus filhos e netos, no caso de quererem esse aprendizado, perante as mudanças e dificuldades que o contexto atual apresenta para essa geração futura (Silva, 2019, p. 78).

O discurso acima reitera a abordagem de Hobsbawn (1997) na discussão sobre a invenção de tradições, ao passo que pode ser observado que a angústia e o medo da relatante sobre seu futuro promovem discursos políticos de coesão social e

identitários, uma vez que a renda renascença é utilizada como essa ferramenta de cultura que identifica uma comunidade e que mistura o passado e presente, gerando ainda uma incerteza, segundo o fragmento abordado por Silva (2019), sobre o futuro.



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Figura 11. Peças em renda renascença produzidos pelas rendeiras do Cariri Paraibano, interior da loja CRENÇA

O ofício não é simples, cheio de incertezas e desafios que as rendeiras precisam enfrentar, mas se caracteriza como um fazer de amor, em que, através da renascença, as rendeiras podem exercer seu trabalho, aperfeiçoar-se e levar essa cultura mundo afora, definindo a arte da Renda Renascença como uma forma de reconhecimento da cultura. Como Marlene finaliza:

Por exemplo, acho que foi o ano passado, a gente teve o reconhecimento da cidade mundial da Renda Renascença. Acho que

você já ouviu falar. Então, a gente tem essa parte aí, teve agora esse prêmio da Unesco, que para Monteiro foi maravilhoso esse prêmio que eu ganhei pelo reconhecimento da melhor peça. Entre cento e pouco, eu fui o 16º, então foi muito bom... no Chile, que é fora do país, não só foi no Brasil. Mas fora do Brasil e também é... em 2013 fui pra Montevidéu representando as rendeiras, em 2012 fui pra Portugal fazer oficinas, levando o nosso trabalho pra lá; em 2018 fui pra participar da maior feira da Reception Maison em Paris, então, a inovação que a gente faz aqui em Monteiro, que eu faço junto com minhas rendeiras... então levou já pra fora do nosso país. Então isso quer dizer que cada dia que passa a gente tá progredindo, inclusive, agora quarta-feira vai ter o desfile da NATURAL COTTON COLLOR lá de João Pessoa que é justamente a inovação da renda renascença que as rendeiras de lá produziram para a NATURAL COTTON COLLOR. Então, isso quer dizer que a gente tá caminhando. Vamos caminhando e eu agradeço muito a você e a todos, né? Que vão nos ouvir ou falar ou, não sei... ou ler que a importância da cultura da renda renascença aqui em Monteiro, estamos indo de vento em popa (Leopoldino, 2024).

Dessa forma, a renda renascença se configura de uma maneira que vai além de ser simplesmente uma atividade comercial, mas a representação expressão de uma identidade a partir do fazer cultural. O fazer da renda, marca, portanto, uma configuração monteirense que expressa a identificação e valorização de uma cultura local que se apropria de estratégias e interligações, como foi observado, para se configurar.

4. ACORDES FINAIS (SERÁ?): A CULTURA QUE EM MONTEIRO SE FAZ IDENTIFICA UM POVO QUE A TRADUZ

*“Se aqui você chegou
Com a cultura se identificou
Em um caminho percorrido
Que logo aqui desbravou
Na sonoridade monteirense
No método e suporte lhe dou
Para entender um povo
Que com a cultura se identificou.”
(ALMEIDA, 2024, s.p.)³⁶*

Um lugar ou um paraíso, por muitos referenciada, assim pode-se mencionar Monteiro, uma cidade amada que traz a música e a cultura como centro da sua jornada. Não há como não identificar o município de Monteiro como um lugar que respira verso e melodia. Ilmar Cavalcante, compositor monteirense, traz, em sua canção, a força desse lugar e as referências que denominam Monteiro como “Cidade que respira Forró”. Assim, Ilmar, na música “Monteiro Amor Primeiro”, revela:

Cidade que respira
Verso e Melodia
Princesa tão bonita do meu cariri
És terra abençoada e meu paradeiro
Eu te amo meu Monteiro
Você Mora aqui

Tem **Flávio** um **Caboclo** inteligente
Um **Dejinha** envolvente
Gente Boa aqui chegou
Nanado com **Ilmar** é parceria
Vem **Osmando** com alegria
Pra cantar o seu amor
Um **Pinto** declamando no terreiro
Angico amor primeiro
Amadeu da **Matarina**
Vaqueiro que derruba boi no ato
Que não tem medo do mato
E se derrete com a **menina**
Lembrança para quem está distante
E não tem quem não se encante
Que beleza Nordestina

³⁶ O texto acima é um trecho de cordel de autoria do autor da presente dissertação.

Uma cela no capricho em seu **Joca**
 A grande **Zabé da Loca**
 Que esse Brasil já conhece
 Saudade do grande **Firmo Batista**
 Eita terra de artista
 De **abelardo** não se esquece
 A **Padroeira é Nossa Senhora**
Eudimar o povo adora
 Que beleza de **Matriz**
 Tem **Jansen** que é um **Filho** altaneiro
Magníficos de **Monteiro**
 Fazendo o povo feliz
 Se quer fazer amigo verdadeiro
 Passe um dia em **Monteiro**
 E depois você me diz

É **Jorge Rafael** contando história
Dr. Chico é memória
 Com certeza não me engano
Ministro que deu **Ordem no Supremo**
 E com esse clima ameno
 Quero viver todo ano
 Desculpa se não citei todo mundo
 Mas eu falo bem do fundo
 Desse humilde coração
 Quem bebe dessa água companheiro
 É lembrar o amor primeiro
 É motivo de paixão
 Eu posso rodar esse mundo inteiro
 Mais chegando **em Monteiro**
 Eu me derreto de emoção
 (Cavalcante, s.d)³⁷

Assim, inicia-se esse capítulo, cujo objetivo é mostrar e revelar as estruturas que formam Monteiro a partir da oralidade dos seus próprios moradores sobre a cultura desenvolvida e perpetuada no município. A música de Ilmar Cavalcante referencia, com entusiasmo e orgulho, a cultura propagada em Monteiro. Acredita-se que o objetivo principal do autor da música, ao criá-la, foi mostrar a riqueza de Monteiro como um berço de cultura, como o próprio autor revela:

³⁷ A letra acima foi transcrita seguindo fielmente o documento original fornecido pelo compositor Ilmar Cavalcante, todas as palavras em negrito fazem parte da estratégia do cantor de referenciar e revelar os elementos que remontam a cultura e a personalidades importantes de Monteiro - PB. A música pode ser acessada pelo youtube no canal do compositor, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KEEc1317Kxk>>.

Sim, sim, é. Alguém pediu para mim fazer uma música para Monteiro, e eu sempre segurei a onda para fazer... Eu vou fazer na hora certa, na hora que bater a inspiração. Eu estava fazendo caminhada à tarde e apareceu a primeira parte da música, "Cidade que Inspira", velho, essa melodia. Acho que é um bordão que o pessoal usa isso aí. Aí comecei a criar a letra e a melodia falando da cultura monteirense, onde eu abranjo a música, a poesia, até a parte jurídica desse pessoal juiz. Eu também falo na música do Dr. Rafael Maia e outro juiz de Monteiro, que foi do Supremo. Quer dizer, é uma música que abrange muitas áreas da cultura monteirense. E essa música dizem que é o segundo hino de Monteiro, que para mim é uma felicidade imensa (Cavalcante, 2024).

Dessa maneira, Ilmar buscou expressar, em sua canção, todas as raízes e motivos que o inspiraram a criar a música, o verso e a melodia que são perpetuados em Monteiro através da menção a artistas como Pinto do Monteiro, Zabé da Loca, Alcimar Monteiro, Flávio José, Gente boa, Jansen Filho, entre muitas outras personalidades que são eternizadas na e pela cultura monteirense, como afirma Almeida (2021).³⁸

A música torna-se um objeto importante nesse estudo por possibilitar que se compreendam através dela aspectos relacionados à cidade, dessa forma é possível perceber a presença e importância que a música, bem como a cultura, ocupa na sociedade. A composição —Monteiro Amor Primeiro – carrega em cada verso um pouco da história de Monteiro, e ao longo da canção mais detalhes são revelados sobre o município [...] (Almeida, 2021, p. 39).

Percebe-se, dessa forma, que a música transparece o âmago do município de Monteiro ao se tornar um objeto de valor que permite que seja analisada a formação cultural da cidade (Almeida, idem), uma vez que seus próprios moradores evidenciam esse valor e esse consumo, como relata Deyse Maria, moradora da cidade de Monteiro que não se importa em revelar, de maneira alegre e descontraída, em suas quase 6 décadas de vida, como vivencia a cultura monteirense:

³⁸ Recomendo a leitura de Almeida (2021) que, em sua monografia, faz uma análise minuciosa referente a cada trecho da música referenciada, exemplificando as personalidades citadas e fazendo um apanhado sobre a música e sua relação com Monteiro. Referência: ALMEIDA, Roberto Carlos de Freitas. **Monteiro - PB, a "Cidade Forró" [manuscrito]:** uma análise da cultura como guardiã e representante da história de um lugar (1997 - 2019). 2021. 76 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2021.

Eu sou uma consumidora, eu gosto de participar, eu sou festeira, eu participo. Eu, antes, era solteira. Hoje, com meu marido, com meus filhos, a gente tem isso de se reunir muito em família, de participar, de festejar a vida, na verdade. A gente tem que festejar como se hoje fosse o último dia. Ninguém sabe o dia de amanhã. Mas eu gosto de festa e, graças a Deus, toda a minha família continua assim. Moro em Monteiro e com toda a minha família. Minha família sempre participa em Monteiro. Eles gostam das festas de Monteiro (Maria, 2024).

O valor que a Cultura possui em Monteiro é inegável, as festas, manifestações, arrastões, valores, práticas e representações, que desse lugar se propagam, caracterizam o município como representante da cultura popular.

4.1 PROSEANDO E CANTANDO: MONTEIRO SEMPRE PROPAGOU CULTURA?

Todo lugar possui uma história, não há como desvendar algo em determinada localidade sem entender as raízes e as configurações que a formam. Ao longo desta história, foi revelado o quanto a tradição oral se configura como um importante aliado no trato da História Local e como, a partir dela, novas configurações se mostram. Almeida (2021) revela que:

Desde 1928 Monteiro já passou pela administração de 26 interventores, fala-se interventores para que se entende que no início da República Federativa do Brasil os prefeitos eram nomeados por chefes de estado, ou seja, não eram eleitos democraticamente, condição que só veio mudar a partir da segunda metade do século XX. Mas o que importa nesse momento é atentar-se para a administração dos quatro últimos governantes do município, eleitos democraticamente, pois foi através da ação administrativa deles que as práticas culturais em Monteiro, como o Festival de Cultura Zabé da Loca e o São João, se solidificaram e ganharam espaço no território monteirense, contribuindo para o destaque na cidade (Almeida, 2021, p. 44).

Dessa forma, reitera-se que o presente estudo se atenta para a ação dos últimos governantes de Monteiro - PB, uma vez que, através de ações propostas, praticadas e perpetuadas por eles, houve a invenção de uma representação simbólica e fortificada no município. Almeida (2021) ainda pontua o seguinte referente ao fortalecimento da cultura popular, o São João em Monteiro:

O início do que veio a ser uma das maiores tradições da cidade de Monteiro, teve seus primeiros passos dados a partir de 1997, no primeiro mandato do prefeito eleito Carlos Batinga (1997/2000 - 2001/2004), foi na gestão de Batinga que se iniciou uma tradição que permanece viva até os dias atuais, a tradição junina (Almeida, 2021, p. 44-45).

É claro que novas formas e ajustes são (re)configurados a partir de visões distintas, sendo justamente por essa ótica que Chartier (1988) defende que a História Cultural contribui para que possa ser observado como uma sociedade ou “realidade social é construída, pensada, dada a ler” (p. 17). Associado a esse pensamento, e ao uso da oralidade e da memória, que segundo Bosi (2004) permite que uma nova interpretação sobre o passado se configure, pensemos o início das práticas culturais em Monteiro muito antes de Carlos Batinga.

Almeida (2021) aponta ao seu leitor que Monteiro, a partir de 1997, configura-se por meio de uma tradição junina mais solidificada, mas isso só aconteceu porque, anteriormente a esse período, práticas culturais já haviam sido instaladas no município e não somente pela música. Como revela Nal Nunes, uma figura muito importante e conhecida no que se refere à cultura da cidade de Monteiro, conta que:

Roberto, é preciso que nós tenhamos um destaque especial inicialmente para a poesia, porque eu não posso falar em cultura sem antes falar na poesia, que enaltece a nossa cidade. Monteiro é a terra-mãe de Pinto do Monteiro, o maior poeta repentista do Brasil. Então, minha conversa contigo, inicia-se exatamente na poesia, embora que vai fugir um pouquinho do parâmetro do seu tema, que foca a partir dos anos 90. E Pinto vem desde antes, mas eu, eu, eu não posso iniciar uma conversa de cultura sem antes enaltecer, sem antes colocar em foco, em evidência, a figura de Pinto do Monteiro. Nós também não podemos falar em cultura, certo, de um povo, Monteiro é a terra de outros poetas, de Jansen Filho, terra de Diniz Vitorino, Lourinaldo Vitorino, terra de Firmo Batista, terra de Abelardo Pereira dos Santos, que era um sonetista muito grande, terra do compositor Nanado Alves, terra do compositor Ilmar e terra de vários outros compositores mirins, dentro dos quais, dos mirins eu me incluo, vários... Nanido Cavalcante. Flávio José é um compositor, embora que Flávio é um grande artista, mas como compositor ele não teve o seu nome no apogeu, certo? Mas Flávio é um representante da musicalidade monteirense, é um representante da nossa cultura, a cultura que tem um endereço certo, chamado forró, que vem lá de Luiz Gonzaga. E, a partir dos anos 90, 80 e diante, Monteiro teve uma exceção muito grande com relação ao forró. Flávio José vem de antes, porque Flávio José vem de um forró

autêntico. Flávio José é o forró de raiz que já vem o nome, já vem bem antes que o outro forró chamado... Um chamado forró de banda, outro chama de forma pejorativa, é... é... que eu não gosto nem de falar... mas existe o forró autêntico, de raiz, que é o cantado por Flávio José, cantado por Luiz Gonzaga, que Dominginhos cantou, e também o forró que é um forró... Alguns que chama forró universitário, forró diferente, que é o forró do magnífico também, que é um forró romântico. É... é outra vertente de forró, mas é música. Música, música é cultura, e música é o que nós temos de bom, para se falar em Monteiro (Nunes, 2024).

Diante do depoimento de Nal Nunes, entende-se que a prática, ou melhor, as configurações que se formam em torno da cultura em Monteiro são formadas a partir de muito antes de 1997, sendo os anos 80 e início dos anos 90 marcados pela ascensão do que virá a se tornar a cultura que dita Monteiro como uma cidade que “Respira Forró”. Nal revela que a história sobre a cultura em Monteiro deve ser contada a partir da poesia, não à toa, cada capítulo deste trabalho inicia-se com versos de cordel, uma arte que, através da rima, expressa sua poesia. Pinto do Monteiro, também artista monteirense que dominava as rimas, foi um grande repentista que evidencia o nome de Monteiro em sua arte, segundo Almeida (2021):

Pinto do Monteiro se dedicou a cantar repente, a fazer poesia, e mostrar seu talento pelo mundo afora, percorreu o país fazendo aquilo que mais lhe dava prazer, se dedicou, brincou e duelou, já que a arte do repente consiste neste movimento de alternar, ou duelar, como costumam chamar os repentistas. Tornando-se lendário naquilo que se propôs a fazer (Almeida, 2021, p. 37).

Assim, a partir da poesia repentista de Pinto do Monteiro será evidenciado o valor que esse nome possui para o município. Mencionando, por exemplo, a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)³⁹, que nomeou o campus em homenagem ao repentista, de acordo com Almeida (2021):

A escolha do nome do campus VI da UEPB, em homenagem ao poeta Pinto do Monteiro, absolutamente mostra a ligação da terra com a cultura popular, considerando que Pinto do Monteiro foi muito importante para a História da cidade. E a homenagem, mais que

³⁹ Sobre a criação da UEPB, Almeida (2021, p. 35) destaca o seguinte: “Em 28 de agosto de 2006, o campus VI da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) foi inaugurado, com cursos acadêmicos nas modalidades de licenciatura e bacharelado, sendo esse primeiro nas áreas de língua portuguesa, espanhola e matemática; e o segundo com o curso de ciências contábeis”.

merecida, exalta o reconhecimento e o valor que a cultura possui nesse espaço. Severino Lourenço da Silva Pinto, conhecido como Pinto do Monteiro, nasceu no município paraibano já mencionado, e por isso recebeu determinado apelido, pela relação entre o poeta e sua cidade (Almeida, 2021, p. 36).



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Figura 12. Parede de sala de aula com referência a Zabé da Loca e Pinto do Monteiro na Universidade Estadual da Paraíba - Monteiro/PB

O campus VI da Universidade Estadual da Paraíba, que leva o nome do repentista Pinto do Monteiro, possui uma ação de grande importância para a sociedade monteirense, visto que reitera o valor que a cultura da cidade possui, o que é feito por meio de aulas de sanfona, de acordeon e de outros instrumentos ofertadas pela universidade através de uma rede de parcerias. O professor, Claudinho Monteiro, filho de Dejinha de Monteiro, um grande artista de Monteiro que deixou um legado no forró, é um dos envolvidos no projeto e contou a importância dessa ação para a propagação da cultura:

Rapaz, você socou em um ponto de muita alegria para mim. Como você bem disse, é uma parceria com a Universidade Estadual da Paraíba, com a UEPB e diretamente ligada ao Núcleo de Arte e

Cultura Zabê da Loca. A gente tem essas aulas. Eu comecei bem antes de ter essa parceria com a universidade. Quando eu cheguei de João Pessoa e eu comecei a dar aulas de sanfona e de teclado... E o meu pensamento era sempre assim. Era um entusiasmo assim, poder trazer um pouco da minha experiência que eu adquiri estudando, viajando e tocando. Enfim, trazer para cá, para alguns amigos que eu tinha e também para alguns alunos que estavam começando. E começou devagarinho e tal. A universidade fez essa parceria comigo, a gente está trabalhando já faz um bom tempo, temos muitos alunos, inclusive vários que começaram bem pequenininhos, já estão trabalhando, já estão tocando, alguns já foram para fora do país, já tocaram com grandes artistas, é por aí, entendeu? Então assim, isso é muito gratificante ver que está rendendo frutos, né? Eu trouxe isso do meu pai, que trouxe pra mim, que sempre colocou na minha cabeça que nós deveríamos compartilhar tudo que fosse de conhecimento, porque, na verdade, é o principal tesouro da humanidade, é o conhecimento, né? Então, queira ou não queira, a música também, ela traz às vezes uma dificuldade de algumas pessoas em ter acesso às informações, às vezes tem um cara ali de uma região que não tem muito acesso, ele às vezes tem medo, ele não sabe como explorar novas coisas, novos estudos e tal. E a universidade traz isso, a UEPB. E eu consigo, graças a Deus, com um pouco da minha experiência, movimentar esse setor, fazer com que surjam também muitos sanfoneiros aí. A gente está movimentando essa área (MONTEIRO, 2024).

O trabalho de Claudinho (como aparece na figura 13) evidencia o prazer e a representação que a cultura possui em sua vida, através do trabalho realizado com diversos alunos, não só de Monteiro, mas de outras regiões. Ele possibilita que o legado do seu pai permaneça vivo, que outras pessoas tenham novas experiências e possibilidades através da música e que novas personalidades sejam evidenciadas.



Fonte: Arquivo Pessoal do pesquisador

Figura 13. Aula de música de sanfona com o músico e professor Claudinho de Monteiro na Universidade Estadual da Paraíba - Monteiro/Pb

Por ser filho de Dejinha de Monteiro, um grande artista da terra, monteirense, desde cedo, Claudinho acompanhou seu pai e teve contato com a música, observando as mudanças na cultura de Monteiro e como a cidade passou a se tornar esse centro, por assim dizer, de referência cultural. Os anos 90 é um período difícil de se caracterizar e revelar, especialmente pela falta de documentação, por isso, a oralidade se torna uma aliada nesse processo de revelar sentidos, histórias e memórias (Bosi, 2004). Questionado sobre as tradições dos anos 90, Claudinho conta:

Os anos 90, por exemplo, meu pai também teve clube aqui na região e ele sempre tocou nas regiões. Quando ele começou a tocar, ele tocou muito em casamentos, muitas festas aqui na região do Cariri, principalmente em Monteiro. Mas as festas também que eram na cidade, em São João, as festas de política, que também tinha muito showmício, essas coisas. E meu pai era muito presente em todas essas áreas. Sumé, aqui em Monteiro. Mas assim, veio crescendo, as festas vêm crescendo, tomando proporções maiores, principalmente as festas públicas. Mas assim, as festas que eram ao

redor, festas privadas assim nos sítios, nos clubes e tal, eram festas muito grandes também, né, que vieram crescendo. Eu acompanhei, não tanto assim, não tenho muitas memórias dessas festas de rua assim, né. Depois que eu comecei a tocar com ele, comecei a tocar com ele assim mesmo, porque a gente, antes de eu tocar diretamente com meu pai, eu toquei, nós tivemos uma banda, né, uma banda e depois que nós voltamos de João Pessoa, nós moramos 6 anos em João Pessoa, aí quando voltamos pra cá pra Monteiro, eu comecei a tocar acordeon com ele, até então a gente tinha uma banda baile que tocava tudo né, banda baile, tocava tudo, e eu tocava teclado, mas aí quando a gente voltou pra cá, meu pai aí disse, vamos tocar sanfona comigo no show porque duas sanfonas né, fica mais bonito e tal. Aí eu comecei a tocar no show com ele. Aí eu comecei a fazer os shows diretamente com ele. Aqui em Monteiro, Sumé, João Pessoa, Brasília, São Paulo, né? E aí foi que eu comecei a ter mais esse acompanhamento diretamente ligado a ele, assim, tocando junto (Monteiro, 2024).

A riqueza da História Oral evidencia a diferenciação das formas que se pode ver o mundo, as quais são criadas a partir de uma visão própria. Claudinho, através do legado compartilhado por seu pai, conta sua experiência com a música e como a cultura possui um valor para ele que se solidificou em suas atitudes, no trabalho e em sua vida, tanto que ainda se emociona ao dizer que:

É... é muito gratificante ver que, por exemplo, assim, já não sei se estava já incluso aí nas próximas perguntas, Roberto, mas a questão da influência diretamente com os alunos que eu tenho de acordeon, né, que vão estudar comigo, que estudam, que já são profissionais... também muitos, a maioria deles, assim, tem um repertório imenso das músicas instrumentais do meu pai, sem falar das músicas cantadas também, mas as músicas instrumentais que são diretamente ligadas ao acordeon né, o forró solado, como a gente fala né, que é muito importante, que antigamente quase todos os artistas sanfoneiros que cantavam também, mas gravavam forró instrumental, solado né, que chamavam. Às vezes tinha um CD com 12 faixas, 11 eram cantadas e a última era um forró instrumental. E meu pai tem muitas composições que são tocadas por bandas... por grandes artistas e também pelos alunos, que isso ajuda eles, incentiva. Então a influência é muito grande, é muito positiva nessa área artística, na área cultural, porque traz músicas de qualidade, músicas com letras que falam de amor, falam de paz né, que nos remetem a coisas positivas, coisas boas. E meu pai deixou esse legado, deixou isso. Deixou isso de uma forma muito grandiosa. O jeito dele simples, mas ele era um cara muito além do seu tempo. Ele deixou muitas coisas maravilhosas. Composições. Tanto letras como instrumentais. Que muitas vezes a gente não conhece tanto os instrumentais dele. Que são BGs em rádios, programas de TV, aberturas de programas e tal. Está aí espalhado. Então eu acho que a cultura precisa disso. Porque um povo sem cultura, é um povo sem alma.

E nós que trazemos a arte também, como outros segmentos, fazem parte de todo esse contexto que nos move, que nos leva além do nosso tempo, que continua permeando e plantando essa semente da arte, da cultura, para dar os valores necessários para a gente (Monteiro, 2024).

A cultura traz essa força, esse sentimento, essa representação na verdade, que, como afirma Chartier (1988), solidifica o mundo. As representações fazem parte, portanto, de um campo que molda os indivíduos. Claro que discursos são formados com determinadas intenções ainda como pontua o autor:

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projecto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas (Chartier, 1988, p. 17).

Sendo assim, cada discurso tem suas intenções e faz parte do campo de memória e de estratégias do indivíduo que o impõe. Esse, ainda, é um desafio no campo da História do tempo presente, já que, como supõe Hartog (2013), “o tempo, seja dos deuses, seja dos heróis, é ‘passado’ que certamente ocorreu, mas que escapa ao saber do historiador que olha a partir de seu presente” (p. 57-58). Justamente, por se olhar para o passado a partir do presente, o conhecimento, histórias e narrativas se fazem a partir de valores, talvez, do tempo presente.

Mas, ainda mencionando valores que são perpetuados em Monteiro, outro fator que vem impulsionando o surgimento de uma nova geração de artistas e de valores voltados para o campo da música, é a existência de outra instituição, o Instituto Federal da Paraíba (IFPB)⁴⁰ que oferta em sua grade o curso de música. Que, como aponta Almeida (2021):

⁴⁰ Sobre a criação do IFPB, Almeida (2021, p. 36) destaca o seguinte: “Alguns anos mais tarde, por volta do ano de 2009, outra instituição pública foi implantada no município de Monteiro, dessa vez sendo o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). O campus inaugurado em Monteiro teve seu funcionamento autorizado pela Portaria nº 04, de 06 de janeiro de 2009, segundo dados retirados da própria instituição, começando a funcionar definitivamente desde 14 de março de 2011 com cursos técnicos nas áreas de Manutenção e Suporte em Informática, Instrumento Musical e Edificações, esses associados ao Ensino Médio; e cursos superiores também nas áreas referidas, bem como na área de Análise e Desenvolvimento de Sistemas e Construção de Edifícios. Integrando a educação no município e fomentando a democratização do conhecimento”.

É válido destacar que a música se insere em um lugar especial em Monteiro, uma vez que investimentos em educação se direcionam nesta linha, tal como o curso de música ofertado pelo Instituto Federal da Paraíba (IFPB), que proporciona oportunidades de desenvolvimento e aperfeiçoamento da cultura musical, pois muitos alunos que ali estudam desenvolvem técnicas artísticas, sendo esse uma referência no estudo de música do cariri (Almeida, 2021, p. 21).

A partir de práticas desenvolvidas pelos campi universitários mencionados, muitos alunos e cidadãos têm a oportunidade de se aperfeiçoar na música e em expressões culturais diversas, como aprendizado de instrumentos musicais, técnicas e habilidades (referencia-se aqui apenas o campo da música e da cultura por se tratar do objetivo principal do trabalho). Como Ianka Targino, cantora e integrante da banda “Forró Mais Eu”, da cidade de Monteiro, fruto do IFPB, conta ao ser questionada sobre a mudança que o curso de música e da valorização cultural pode ocasionar na vida dos jovens:

Com certeza. O curso de música, na realidade, pra mim, foi um divisor de águas, né? Eu já, minha natureza, minha mãe, meus avós, a cultura da minha família é música. Então assim, eu tenho meus tios, minha mãe canta, meus tios cantam, minha família toca. Então assim, cada um, mesmo que não cante, mas toca um instrumento. Então assim, a base familiar é realmente de grandes artistas. Então, hoje a gente tem na nossa família muitos artistas. Então, através do IFPB, não só pelo ouvinte, mas pela questão de, é... a prática e a teoria, a prática e a teoria do curso de música fez com que a gente alavancasse mais... Então, o IFPB pra mim foi um divisor de águas pela questão de que eu aprendi a parte teórica da música, e juntou com a minha parte de herança paterna e materna, é... Meus familiares todos tocam, cantam, então assim, eu já tinha essa natureza para a música, mas eu não tinha ainda a teoria de saber o que é. O que é uma clave de Sol? O que é uma clave de Dó? O que é uma clave de Fá? E, Ianka, o que é isso? Então, assim, a partir do momento que eu ingressei no IFPB, em 2011, foi a primeira turma da cidade de Monteiro, foi a minha, de música, tanto que foi a única turma que estudou quatro anos esse curso, os demais são três anos. Então, a nossa grade foi a grade mais completa que teve, que foi teoria musical, várias partes da música. Então, assim, pra mim, foi o Divisor de Águas porque eu pude entender que além de cantar, a gente forma a teoria, que através da nossa voz, através da nossa melodia, da nossa harmonia, são feitas as claves, as partituras, né? Então, assim, a partir do momento que a gente começa a entender isso e começa a entender sobre a harmonia, sobre a melodia, a gente começa a ter mais experiência até a partir do momento que a gente vai para o estúdio. Nós cantores, a gente tem esse desafio de quando entrar no estúdio, a gente saber se você está afinado, se você está na mesma melodia. Opa, vamos dar uma melhorada nesse

arranjo? Eu acho que dá para a gente mesclar ele com a minha voz. O que você acha? Então a gente tem um uma ferramenta maior de se destacar no mercado porque a gente já é formado em técnica e instrumento musical (Targino, 2024).

O relato de lanka se torna muito importante para esse estudo por revelar que, através de instituições que ofertam iniciativas voltadas para a cultura, novas gerações podem ser influenciadas, na verdade, beneficiadas, assim como lanka se considera. Pois, através do curso de música ofertado pelo IFPB, ela pôde se desenvolver ainda mais no campo da música, aprendendo técnicas que antes pareciam distantes e só solidificaram seu ofício e elevam seu nome e da cultura monteirense. Como a própria lanka relata:

Hoje, a cultura na nossa cidade, ela vem crescendo bastante. Não só apenas por artistas que já estão no mercado, que já são reconhecidos, mas a geração nova também que vem marcando. Hoje, para Monteiro, eu me considero uma... Eu digo... uma soma a mais na cultura pela questão de que eu amo o forró tradicional, eu amo cantar o xote, o baião, a cultura, aquela raiz que hoje a gente vê. Tem muito Tik Tok? Tem. Assim, eu não vou lhe dizer que a gente não toca no show porque a gente tem que tocar para estar no mercado. Mas hoje a essência e a diferença que a gente faz é pelo nosso xote, é pelo nosso forró tradicional, de realmente deixar a essência do forró como ter um berço de talento, um forró bem autêntico. Então assim, pra mim, eu acredito que, quando as vezes o pessoal diz assim, olha a maioria dos cantores da nossa cidade é uma voz masculina. Então são poucas as vozes femininas. Então assim, eu me considero uma voz feminina da cidade de Monteiro que está conquistando o espaço. Ainda não chegou nesse padrão de dizer assim, está reconhecido no mundo inteiro, mas eu acredito que na cidade de Monteiro a gente tem esse reconhecimento como cultura, como na Paraíba, no Cariri. E assim, para a gente, uma forma de reconhecimento é quando a gente chega no São João da nossa cidade e a gente é convidado para fazer parte da programação regional da nossa cidade. Então, pra mim, esse é um grande reconhecimento (Targino, 2024).

O diferencial desse trabalho é identificar, através de relatos como o de lanka, a força que a cultura possui na cidade de Monteiro, uma vez que, através dela, práticas são fomentadas e representações geradas (Chartier, 1988).

Em um vai e vem cultural, passamos entre uma geração e outra, um tempo e outro e vamos revelando as teias que são tecidas em Monteiro através dos aspectos culturais perpetuados, criados e representados na e pela cidade. Desde o início dos

anos 90, começou uma tradição muito rica, que hoje vem ganhando destaque Paraíba afora, perpassando diversos aspectos da cultura.

E, na verdade, enquanto pesquisador, pode-se acreditar que não é possível falar dos anos 90 sem introduzir os anos 80. Pois, é nesse panorama, de cultura, que Monteiro se configura, a partir dos anos 90, como um São João que faz parte do calendário cultural da cidade, que vem crescendo, trazendo artistas de fora, consolidando-se e se consagrando como um dos maiores “São Joãos” da Paraíba. Mas, é claro que, antes dos anos 90, já existia cultura em Monteiro. Não há como Monteiro “ter acordado” nos anos 90 e ter construído essa cultura atualmente. Nesse sentido, Nal Nunes detalha, em sua narrativa, como foi a construção dessa cultura poética e musical, porque a poesia também está junto à música, à melodia, à sonoridade, às inspirações que construíram a cidade de Monteiro como um lugar que respira não só forró, mas que respira, na verdade, cultura no geral:

Com relação à poesia, o próprio Pinto já discorre sobre isso muito bem. Pinto foi assistir uma cantoria. A cantoria é um evento onde dois poetas com os instrumentos tradicionais da poesia, que é a viola apenas, sem sonoridade nenhuma, apenas as violas e as vozes. Hoje seria voz e violão quando a gente assiste, embora que hoje nos grandes shows tem assessorado por um som, um mega som. Naquela época, as cantorias eram apenas de pé de parede, como se chama. Era um duplo de violeiros repentistas com duas violas. E Pinto, já um homem grande, já um homem acima de 18 anos, foi assistir uma cantoria e um poeta faltou. E aí Pinto, outro rapaz que estava lá, que era poeta, começou a cantar e Pinto disse se cantar é desse jeito, eu sei cantar também. Mas você já cantou alguma vez, Pinto? Nunca cantei não, mas se é para cantar do jeito que esse cara cantou aí... eu sei cantar também. E aí disse, então vem cantar, Pinto. Aí Pinto foi cantar com um tradicional poeta e aí Pinto cantou e deu uma “pisa” no parceiro dele. E foi aplaudido por todos e a partir daí Pinto nunca mais parou de cantar. Assim se deu e assim nasceu o grande rei do repente Pinto do Monteiro. Que entre Pinto e Lourival Batista, que são os dois maiores da história do Brasil, pelo menos no nosso cenário, sendo Lourival Batista de São José do Egito e Pinto do Monteiro. Eles dois formaram a dupla mais dinâmica, mais concorrida, mais aplaudida de todo o Brasil. Grandes poetas. Então assim nasceu a poesia (Nunes, 2024).



Fonte: Arquivo pessoal de Nal Nunes.

Figura 14. Fotografia de Pinto do Monteiro na década de 80/90 mostrando a arte do repente

O relato de Nal Nunes – a grande entusiasta da cultura, como os monteirenses costumam falar ao se referir a ele, pelo trabalho que Nal já realizou dentro da cultura de Monteiro, seu repertório memorial e entre outros movimentos – considera que as primeiras manifestações ou práticas culturais em Monteiro se formaram em volta da poesia, ou melhor, do repente, cantado por Pinto do Monteiro⁴¹. Uma manifestação que ainda hoje se faz presente no cotidiano da sociedade de Monteiro. Sobre a cantoria de Viola, Silva (2009), relata:

O gênero poético Cantoria de Viola Nordestina é uma atividade artística secular, que vem sendo desenvolvida, ao longo dos tempos, na região Nordeste do Brasil, que, como já explicitado, surgiu em decorrência de diversos fatores econômicos, políticos e sociais. Dentre os fatores econômicos que contribuíram para o desenvolvimento da Cantoria no Nordeste brasileiro, a expansão da pecuária foi muito importante, pois fez surgir, em decorrência da atividade econômica de criação de gado, a figura do vaqueiro, aquele profissional que pelejava, isto é, que tangia o gado e que se tornou uma figura legendária e tradicional, bem como as vaquejadas, em que o vaqueiro aboiava cantando para tanger o gado e nesses aboios contava as narrativas, ou seja, as histórias referentes às lutas com o gado. Essas histórias cantadas em forma de “aboios” eram

⁴¹ Recomendo a leitura de Almeida (2021) e Silva (2009) que abordam detalhes importante sobre a vida e obra de Pinto do Monteiro, conhecido repentista monteirenses, que, através da rima cantada, conquistou um grande espaço na memória e na prática do repente, representando um grande nome para a cultura nordestina e monteirenses.

histórias memorizadas e repetidas, configurando-se em uma atividade artística que foi incorporada à tradição cultural da região (Silva, 2009, p. 40).

Pinto do Monteiro, já mencionado anteriormente, é um representante de grande valia no que diz respeito à cantoria de viola, prática ainda hoje perpetuada no município por “discípulos” do grande Repentista.



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador, 2024
Figura 15. Cantoria de repente em Monteiro - PB

A prática da cantoria ainda hoje se faz presente no cotidiano da vida de muitos monteirenses, sendo marcada pela presença de dois cantadores, duas violas e, em alguns casos, um equipamento de som. Muitas pessoas se reúnem para acompanhar a cantoria, que é marcada pela rima cantada através de versos e temas que se misturam com o cotidiano do local, brigas, política e graça. Como relata Deyse Maria e Eliane Andrade:

Aqui em Monteiro existem até hoje os cantores, os repentistas. Aqui em Monteiro tem muitos repentistas. E aqui existia o quê? Eles faziam como uma noite. Aí estava ali aqueles repentistas, a população, todo mundo junto, ouvindo e curtindo aqueles momentos. Monteiro é... Respira. O título é esse mesmo. Respira, verso e poesia. Sim (Maria, 2024).

Então o nosso evento, o Festival de Violeiros, também traz grandes nomes do Brasil afora que vem somar com os nossos artistas. E a cada ano, o interessante é que a cada ano, cada edição do festival, surge um novo talento. Um jovem que foi pesquisador pinto, que se interessou, que tem um pai, que tem um avô, que poderia dizer, não, eu vou ser guitarrista porque tem campo para isso em Monteiro, tem bandas, muitas bandas. Vou tocar bateria. Não, vou ser repentista. Vou aprender, vou ler, vou buscar na fonte. E se descobre repentista. Jovens, jovens. O repente, por ter essa característica, o nosso repente é jovem. Os artistas que trabalham com o Repente são jovens. Isso é muito interessante também (Andrade, 2024).



Fonte: Arquivo Pessoal do pesquisador, 2024

Figura 16. Público na cantoria de repente na cidade de Monteiro - PB

É muito interessante entender que essas diversas manifestações culturais, que fazem parte da Cultura de Monteiro, mesclam-se em meio ao passado e ao

presente. Pois assim se faz a História do tempo presente, e a busca desse estudo. Na imensidão do tempo presente, misturam-se às tradições do passado, pois, como afirma Hartog (2013, p.58):

De saída, entalado no tempo e às voltas com ele, o historiador se posiciona entre passado e presente, mas, a partir do próprio presente, a partir do nome próprio que ele lança ao iniciar sua tarefa e que lhe permite distinguir claramente entre “agora” ou “no meu tempo” e “antes”, “outrora”.

Identificando práticas como a cantoria, que representa a sonoridade, a melodia, a rima e a cultura de Monteiro, de “outrora”, mas perpetuada ainda no “agora” (HARTOG, 2013), seguimos para o caminho que foi se formando ao longo dos anos 80 e início dos anos 90. Como Nal Nunes conta sobre o início do São João que começou a se formar em Monteiro:

Já o São João nasceu em Monteiro, vamos falar sobre Monteiro, a partir de 1984... quando Antônio de Sousa Nunes, era o prefeito... e Antônio Nunes, é... inspirado em Campina Grande, onde se desenvolveu o maior “São João do mundo” através de Ronaldo Cunha Lima, Antônio de Souza Nunes implantou na cidade de Monteiro as primeiras quadrilhas de rua da cidade de Monteiro. Monteiro até então não tinha assistido nenhuma quadrilha no meio da rua, financiado, patrocinado, pela prefeitura. Quadrilha junina sempre existiu desde das décadas de 1900, sempre existiu as quadrilhas aqui do Nordeste que são diferentes das quadrilhas sulistas que têm uma inspiração alemã e outras uma inspiração italiana. A nossa não, é a quadrilha tipicamente nordestina. Então, sempre existiu nas fazendas, no São João, nas festas de casamento, sempre existiu. Agora São João, São João ao ar livre para o povo, São João de prefeituras representado, patrocinado pelo Poder Público, começou aí em Monteiro a partir de 1984, exatamente quando se deu a primeira quadrilha junina e os primeiros shows de São João, festas juninas ao vivo (Nunes, 2024).

Foi através da gestão do então prefeito de Monteiro, Antônio Nunes⁴², de 1983 - 1988, que novas práticas culturais passaram a se formar em Monteiro, desta

⁴² Segundo o Portal Cariri Ligado: “No ano de 1982, em uma das campanhas com maior número de candidatos já vista no município, com postulantes gabaritados como José Leite de Souza, José Ferreira de Tomé, Jorge Rafael de Menezes, Durval Dias da Silva e Antônio Ferreira Leite, sagrou-se eleito Prefeito com esmagadora frente de votos, onde logrou 44,68% dos sufrágios da população de Monteiro/PB, permanecendo no cargo no período de

vez, através da iniciativa pública, uma vez que, como Nal relata, festas juninas sempre ocorrem, mas não com o investimento das prefeituras. Porém, inspirado pelo São João de Campina Grande, essa prática passa a se fixar no então município do Cariri Paraibano. Ainda segundo Nal:

Quando na época o local desses eventos era, era... o Largo aqui da Praça João Pessoa de Monteiro. Deu-se início aí a partir de 1984 e depois foi se desenvolvendo. [...] Essa grande manifestação cultural do São João com renomados artistas, aí sim... foi assim, artistas grandes, que na época de Antônio Nunes também, teve artista grande aqui, muita gente, um monte de forrozeiro bom, cantou aqui em Monteiro, está entendendo? Um monte de forrozeiro grande, cantou. Agora, você sabe que não só Monteiro como Campina Grande, quem cantava em Campina Grande era os três do Nordeste, está entendendo? Monteiro, Monteiro já recebeu Luiz Gonzaga, já recebeu o Trio Nordestino, já recebeu Os Três do Nordeste, então assim, da mesma forma Campina Grande (Nunes, 2024).

Mas vamos lá, vamos voltar para 1997. Carlos Batinga era prefeito de Monteiro na época que ele começou a dar um investimento mais robusto, mais generoso, mais forte no São João. E aí já houve também umas manifestações, assim, Roberto, que é importante frisar isso, de parcerias com o privado. Foi Batinga quem deu início. Até então, antes de Batinga, ninguém tinha experimentado, inaugurado as parcerias com as empresas privadas. A partir de Batinga começou a fazer isso. Eu digo por que eu fui um dos coordenadores da festa de São João de Carlos Batinga. O São João de Carlos Batinga, que eu digo, é o São João a partir de 1997, onde nós tínhamos um tema anual. Cada ano nós tínhamos um tema, esse tema era desenvolvido e o São João trabalhava aquele tema, por exemplo. Teve um ano que foi o carro de boi. Então, todo mundo que adentrava no São João de Monteiro, que ainda era na Praça João Pessoa, teria obrigatoriamente que passar por debaixo do carro de boi. Nós utilizávamos aí também a arte do teatro, através de Marcos Freitas e sua equipe, sob o comando e o olhar de Marcos Freitas, com relação a ele, um homem dado às artes cênicas. E aí ele era convocado por Carlos Batinga para fazer parte da nossa equipe do São João. Éramos uma grande equipe, certo? De coordenadores (Nunes, 2024).

Nesse sentido, nota-se o que Almeida (2021) aponta sobre o início das tradições juninas no município de Monteiro, não sendo somente relacionado às grandes festas que permeiam a cidade atualmente, mas a tradições que começaram a se consolidar no início dos anos 80 e 90, com quadrilhas, festejos e outras atividades. Almeida (idem) ainda destaca que:

1983 a 1988.” Disponível em: <<https://www.caririligado.com.br/um-pouco-da-historia-de-antonio-nunes/>>. Acesso em 05 de jun de 2024.

No ano de 1998, Monteiro contava com uma programação diversa e animada para realização de atividades relacionadas ao turismo e à cultura, essas atividades e pontos turísticos que por sinal ainda estão em funcionamento – embora alguns tenham sido desativados – são levados em consideração pelo ano em questão se tratar do início do incentivo à cultura em Monteiro, o que mostra o enfoque no sentido de valorização da cidade, já que se trata de um ano de importância no projeto de visibilidade para Monteiro. Entre os pontos sugeridos à visitação e exploração turística, têm-se: a visita ao açude público, aos casarões antigos, a fonte magnesiânica, a serra do Jabitacá (onde se encontra a nascente do Rio Paraíba), as fazendas, a Praça João Pessoa, os parques de vaquejada (Chutão, Sovam, Parque Maria da Silva e Parque José Galvão), o clube municipal, teatro, a quadra poliesportiva do Colégio das Lourdinhas, entre outros (Almeida, 2021, p. 46).

A partir de 1990, Monteiro ganha destaque e visibilidade pelas tradições que passam a ter uma maior visibilidade perante a população. Diante de práticas perpetuadas através da iniciativa privada, novas representações surgem no município. E a população passa a vivenciar novas experiências que são perpetuadas na e pela cidade. Como é o caso das quadrilhas, que Deyse conta em seu relato:

Essas quadrilhas eram totalmente diferentes da que você vê hoje. Por quê? Porque era dita como a quadrilha mais antiga. Que os passos que se tinha, você não vê mais hoje. Entendeu? Já foi muito modificada. Né? Essa parte das quadrilhas. Mas aí eram roupas estampadas, tinha um puxador, que fazia toda a quadrilha acontecer. Inclusive, o que me lembra muito com relação a essa quadrilha, era o quê? Na minha casa, que nessa rua, que era onde eu morava. Então, minha mãe era muito divertida. Então, ela fazia... Na calçada, ela fazia uma barraquinha. Aí vendia ela com as vizinhas, aí elas faziam comidas pra vender, vendiam bebidas e assim eu, muito organizada na minha casa, deixava a casa toda pronta porque eu recebia ordem de deixar tudo pronto para poder participar das quadrilhas. Então, teve um dia que quando a gente estava na calçada que olhou, aí minha mãe chamou o puxador da quadrilha e falou assim, olha, eu quero que antes de terminar a quadrilha, essa quadrilha entre na minha casa. Porque abençoava, era um tipo de divertimento que só acontecia com a família. E essa quadrilha, essa casa já estava toda limpa, toda encerada, e minha mãe fez a quadrilha entrar. Eu quase que morri, porque eu sabia que era eu que ia limpar no outro dia. E assim, o São João em Monteiro era muito divertido. Não é como é hoje. Hoje é bandas, mas no tempo da gente eram os músicos da nossa cidade. Eram os Magníficos, que tocavam num carrinho baixo, não tinha palco. Não se tinha o palco que você vê hoje, eram caminhões. Era um caminhãozinho que desmanchava ali, abria a carroceria e se montava ali a banda. Magníficos, inclusive Walkyria Santos, tocava nesse tipo de palco.

Que hoje é conhecida como um fenômeno. Para nós, ela é um fenômeno. É uma cantora que é conhecida em todo o Brasil (Maria, 2024).



Fonte: Arquivo Pessoal de Nal Nunes
Figura 17. Quadrilha junina nos anos 90



Fonte: Imagem disponibilizada pela Secretaria de Cultura e Turismo

Figura 18. Festival de quadrilhas do município de Monteiro - PB nos anos 2000 promovido pela gestão de 2016 – 2024

Nota-se que, embora sejam relatos de um passado recente, os depoentes contam que muito do que se vivia não se tem mais atualmente. Observa-se, assim, como as mudanças se tornam significativas mesmo em um passado não tão distante. Pois como Hartog (2013) aponta “com o desenvolvimento da cidade, assim como das reflexões sobre a própria linguagem, a situação passa por mudanças” (p. 41), uma vez que o contexto de urbanização e das transformações sociais, culturais e políticas podem modificar tudo. E cada experiência é singular, Lidiane Freitas, uma jovem monteirense, conta que relembra das tradições dos anos 90 com muito saudosismo e que essa tradição se mantém presente:

É como eu te falei no início, a gente vive o mês de junho, a gente vive a época do São João. Eu lembro das quadrilhas nas escolas, a gente tinha toda aquela preparação para vivenciar aquela quadrilha. Mas essa questão da preparação, para mim, ainda é muito forte. Aquela memória que eu te falei no início, de lembrar de minha mãe indo comprar tecido, xadrez, para fazer minha roupinha e a roupa da minha irmã igual, para a gente sair igual, para a gente comer um milho assado igual, para a gente ver um forró na rua, uma apresentação igual as duas, para mim isso é muito presente (Freitas, 2024).

Através da oralidade é possível observar realidades diferentes que são construídas no campo das representações. Essa representação ainda não se dá de uma maneira fiel e exatamente verídica, mas a partir da subjetividade do sujeito que evoca suas memórias e constroem essas representações a partir de campos que influenciam as práticas sociais e a percepção do mundo. Como Pesavento (2012) destaca ao pontuar que:

Nesta medida, a força das representações se dá não pelo seu valor de verdade, ou seja, o da correspondência dos discursos e das imagens com o real, mesmo que a representação comporte a exibição de elementos evocadores e miméticos. Tal pressuposto implica eliminar do campo de análise a tradicional clivagem entre real e não real, uma vez que a representação tem a capacidade de se substituir à realidade que representa, construindo o mundo paralelo de sinais no qual as pessoas vivem (Pesavento, 2012, s.p).

Assim, ao se trabalhar no domínio da cultura, entende-se através de discursos e realidades paralelas e distintas, memórias e intenções que são evidenciadas, uma vez que a comunicação se desenvolve a partir de determinadas motivações, não sendo isso algo necessariamente ruim ou manipulador, alerta já evidenciado neste estudo. E que Mendes (2010) supõe ao falar que:

Desse modo, para Greimas, o ato de comunicar é visto como uma manipulação, não num sentido pejorativo, pois se trata apenas de um fazer-fazer e um fazer-creer. Assim, quem comunica algo quer fazer com que o outro faça algo ou creia em alguma coisa. Comunicar, antes de qualquer coisa, é pressupor a quem eu me dirijo, qual é o saber desse enunciatário, o que será comunicado, de que maneira etc., para que, de fato, a comunicação/manipulação seja bem-sucedida (Mendes, 2010, s.p.).

A oralidade, nesse sentido, caracteriza-se como uma faca de dois gumes, por possibilitar que seja possível acessar memórias perdidas, silenciadas, minorizadas ou manipuladas (Meihy, 2000), cabendo ao historiador lidar com esse processo e ao leitor interpretar de maneira correlacionada, pois, como destaca Chartier (1988), essa atividade de validar narrativas históricas a partir somente de documentos oficiais exclui muitas vezes a riqueza que a cultura e as representações revelam, como o autor destaca:

A questão com que se defronta a história nos dias de hoje é a da passagem de uma validação do discurso histórico, fundado no controlo das operações que estão na sua base — nada menos do que arbitrárias —, a um outro tipo de validação, permitindo encarar como possíveis, prováveis, verossímeis, as relações postuladas pelo historiador entre os vestígios documentais e os fenômenos indiciados por eles ou, noutros termos, as representações manipuláveis hoje em dia e as práticas passadas que elas designam. Formular assim o problema da história como relato verídico é colocar simultaneamente, todo um conjunto de questões que dizem respeito tanto a pertinência e à representatividade dos vestígios acessíveis (problema que talvez não seja suficiente para regular um conceito paradoxal como o de “excepcional normal”, como à maneira de articular a relação entre representações das práticas e práticas de representações (Chartier, 1988, p. 86).

A cultura se torna assim um campo com mil e uma possibilidades, representando formas de moldar o mundo a partir de representações que são

construídas por práticas sociais que ganham destaque, como supõe Chartier (1988). Nesse caso, fala-se em Monteiro como um reduto de cultura que, a partir de práticas desenvolvidas no município, construiu um lugar que representa cultura para seus moradores, ainda como conta Lidiane sobre esse valor monteirense representa para ela:

Cultura, é isso, é essa lembrança de infância que a gente carrega, é o que a gente vive no dia-a-dia, né, é essa preparação, é o forró, é a comida de milho, é eu me preparar, e eu me, e preparar minha família pra essa época, então, é quando a gente fala, a gente fica arrepiado, né, quando a gente fala de junho, de forró, de reencontros, eu amo o espaço que a gente tem aqui, que se chama o Sítio São Francisco, pra mim é aquilo ali, além de celebrar o forró e os artistas locais, a gente se encontra com quem há muito tempo estava fora de Monteiro, né, com filhos de Monteiro que vão embora e que voltam, né, que fizeram parte dessa vida, dessa vivência da gente enquanto criança e enquanto adolescente, e ali a gente se reencontra, então acontece muita coisa, né, nessa cultura, você vê que ela é permeada de vários aspectos, então, é reencontro, é dança, é alegria, é comida, é o frio que a gente não tem o costume, né, durante o ano e fica aconchegante, então, combina, tudo combina (Freitas, 2024).

Monteiro caminha em descompasso, assim como esse trabalho, no sentido de que formas e práticas se transformam e se modificam não precisando necessariamente de uma ordem cronológica e linear para destacar as manifestações que se formam. Quebrando o protocolo muitas vezes enrijecido e revelando nossos passos, caminhos, voltas, recomeços e retornos. O valor que Monteiro representa para a cultura se caracteriza pelos nomes que cresceram e geraram visibilidade a esse lugar, como destaca Almeida (2021):

Monteiro é grande, pois se formou a partir de grandes medidas e ao redor de grandes artistas, a cultura é plural, diversa e rica, conta com nomes no que se refere à poesia, repente, literatura, música e outras manifestações. A lista é grande e sempre cabe mais um, pois não custa mencionar cada artista que por essa terra nasceu, viveu, fez história e entrou para a História. E a região do Cariri carrega e evidencia o nome dos seus filhos como prova da representação que a cultura possui na região (Almeida, 2021, p. 54).

Despontam hoje de Monteiro nomes com grande prestígio e visibilidade local, regional e nacional, alguns já partiram como é o caso de Zabé da Loca,

Dejinha de Monteiro e Pinto do Monteiro (*in memoriam*)⁴³, mas no mercado ainda se consolidam grandes artistas como: Flávio José, Banda Magníficos, Walkyria Santos, Adma Andrade, Ianka Targino entre outros que se firmam na cultura monteirense e representam destaque para o município. Embora, para alguns, essa ainda seja uma percepção ainda difícil de entender, mesmo com tantos anos de carreira, como conta Flávio José:

Olha, pra mim é um orgulho, né? Ser filho de Monteiro, nunca saí daqui pra canto nenhum. Nasci aqui, trabalhei aqui, continuo aqui. Algum investimento que eu fiz, algum empreendimento que eu fiz aqui com a Monteiro FM. E essa... Maneira de me ver não é só aqui em Monteiro, mas também, eu diria, no Nordeste inteiro, porque ainda ontem teve uma pessoa aqui visitando a gente, conhecendo a rádio, e na despedida ele disse, você não tem noção do tamanho que é você, que representa você para a nossa cultura, para o nosso forró e tudo. Aí eu disse, eu prefiro continuar sem saber... porque eu sou muito tranquilo, eu sei da responsabilidade, tem horas sim que devido a muitas injustiças, muitas coisas, dá vontade de parar, ficar em casa, porque não é brincadeira. Eu comecei a tocar profissionalmente, eu tinha 13 anos de idade. Então, levando em consideração até hoje, são 60 anos tocando para animar o povo, para o povo ser feliz, dançar, curtir e tudo. E eu só fiz isso. Para mim, eu nunca fiz nada desse tipo de coisa porque... Eu sou o cara que só toca pro povo, dançar pro povo, se divertir. Aí tem hora que eu digo, eu não sei até quanto tempo eu vou ficar aqui, eu acho que tá na hora de dar uma parada e começar a aproveitar esse resto aí de maneira diferente, pra mim, né? Mas aí você fala alguma coisa desse tipo que eu tô falando aqui pra você. Ah, não, já me importo... não pode parar... porque não sei o quê, porque não sei o quê, como é que vai ser dos seus sonhos, como é que vai ser da cultura. Não a obra, tá plantada! Tá aí, é só vocês curtirem, né? Mas é isso, essa questão pertence a Deus. Eu acho que no dia que Ele achar que eu devo parar, eu vou parar (José, 2024).

Flávio José é um grande nome que desponta no cenário monteirense, nordestino e nacional atualmente, seu nome marca a tradição de uma cultura musical em Monteiro que eleva a visibilidade desse lugar, como ele relata em seu depoimento. Flávio, antes de ingressar no ramo musical, trabalhou no Banco do Brasil e teve uma influência muito forte do seu pai para ingressar no mundo da música. É interessante notar, em sua fala, como ocorreu esse processo, para entendermos o caminho deste artista:

⁴³ Almeida (2021) em sua obra traz um apanhado sobre esses artistas e a importância deles na cultura monteirense, recomendo a leitura da obra que pode ser encontrada nas referências do presente estudo.

Olha, meu pai era músico, tocava na banda municipal aqui de Monteiro. E aos cinco anos de idade, meu pai nos dizia que fomos a Arcoverde, aqui a 90 quilômetros, uma cidade do Pernambuco, para passar um final de semana na casa de uns familiares. E, por coincidência, ia acontecer um show do Luiz Gonzaga, mesmo em frente à casa onde a gente estava, naqueles shows que ele fazia em cima de um caminhão, em Praça Pública. E, de repente, na hora do show, meu pai me dizia que eu ficava forçando, forçando, querendo descer dos braços dele. Até que eu consegui, né? Criança insiste e consegue. E ele disse que colocou no chão e se descuidou, e eu sumi. Aí chama todo mundo pra procurar o menino, me encontraram no pé do caminhão, olhando assim pra cima, vendo o show do Luiz Gonzaga. E aí meu pai sempre me dizia que eu fiquei aperreando por uma sanfoninha, ele me deu uma sanfoninha de 24 baixos, e aos 7 anos eu comecei a tocar, consegui tocar a primeira música, E daí, por diante, eu fui presenteado com a Sanfona maior, de 48, depois de 80 baixos, e formei um trio de forró com dois irmãos, aqui em Monteiro... Aos 13 anos de idade, eu fui convidado para fazer parte da Orquestra Marajoara, aqui da vizinha cidade de Sertânia - Pernambuco, aqui que fica a 30 quilômetros de Monteiro. Fiquei quatro anos nessa orquestra, depois saí e, juntamente com meus dois irmãos e colegas do ginásio, que hoje a gente chama de Ensino Médio, nós fundamos os Tropicais. E vem depois todo mundo tomar conhecimento que era uma banda baile de Monteiro e todo mundo chamava os "Tropicais de Monteiro". E depois de um certo tempo apareceu aí o concurso do Banco do Brasil, eu fiz, tive a felicidade de passar e começar a trabalhar aqui em Monteiro. Trabalhei aqui no banco por 23 anos. Quando eu entrei no banco, eu já tinha 5 anos de carteira paga, pela sabedoria do meu pai. A gente, como adolescente, conseguia um alvará judicial para que a gente pagasse o INPS na época. E quando eu entrei no banco, já entrei com cinco anos, passei 23, são 28, depois chegou o pedido de demissão voluntária, que é um projeto do banco, para esvaziar as agências que estavam com funcionários além da capacidade. Aí acontece que eu saí dois anos depois e me aposentei. Fiquei pagando durante esses dois anos os encargos sociais. Me aposentei e aí já tinha começado uma carreira de cantor de forró e, graças a Deus, vinha dando tudo certo. Mas o Monteiro é isso. A gente se espelhou no meu pai, que tocava na banda de música aqui do município e também nessa história de ter visto Luiz Gonzaga em Praça Pública. Agora, confesso que eu nunca imaginei chegar a esse ponto, que eu cheguei hoje não, porque eu sempre procurei fazer aquilo dentro do que era possível, porque eu trabalhava no banco, tinha expediente, tinha horário de entrar, de sair, e depois que eu deixei o banco, não, eu tive mais como divulgar minha carreira, foi quando comecei a viajar para mais longe, e aí as coisas começaram a fluir e depois eu estou por aqui (José, 2024).

Ao observar o relato de Flávio José, pontos importantes se tornam significativos para entender e destacar seu "acesso" no meio musical, que foi a

influência de seu pai, que já trabalhava no ramo, a influência de Luiz Gonzaga e a tradição, mostrando que esses fatores se tornaram preponderantes para esse caminho, dessa forma, sendo “Inventada uma tradição” que, como Hobsbawm e Ranger (1997) destacam, influenciam na criação de uma identidade social e na consolidação desse valor cultural:

O termo "tradição inventada" é utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as "tradições" realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo - às vezes coisa de poucos anos apenas - e se estabeleceram com enorme rapidez. A transmissão radiofônica real realizada no Natal na Grã-Bretanha (instituída em 1932) é um exemplo do primeiro caso; como exemplo do segundo, podemos citar o aparecimento e evolução das práticas associadas à final do campeonato britânico de futebol. É óbvio que nem todas essas tradições perduram; nosso objetivo primordial, porém, não é estudar suas chances de sobrevivência, mas sim o modo como elas surgiram e se estabeleceram (Hobsbawm; Ranger, 1997, p. 9)

Hobsbawm e Ranger (idem) pontuam o conceito sobre a invenção de tradições para que o leitor utilize no sentido que se objetiva esse trabalho, ou seja, onde, a partir de práticas e representações culturais que se formaram no e pelo município de Monteiro - PB, uma tradição voltada para o campo cultural foi criada. Por isso inventa-se uma “Cidade Forró”, da qual seus moradores, políticos, agentes e artistas se orgulham de referir-se. Tal como Eliane Andrade, Secretária Executiva da Pasta da Cultura e Turismo, afirma:

É importante para a secretaria, para a gestão pública ter esse cuidado, essa preocupação de estar mantendo os nossos artistas. Como eu te falei, Monteiro, a terceira mão de obra com remuneração são os artistas. Nossa cidade é muito musical, aquela coisa de cada esquina um artista, e eles vivem da arte. Eles vivem do suor, do trabalho deles, e pra gente ter essa responsabilidade de estar dando trabalho pra eles, através do nosso calendário. Nós fizemos esse ano, que não tá no calendário aí, nós fizemos o Festival de Música Acordo para a Canção, onde lançamos novos talentos, novos compositores, porque Monteiro também é muito forte nessa questão da composição, temos grandes compositores. E é isso, como a gente estava conversando, é pra manter tudo isso, o que movimenta todo o nosso cenário cultural, musical, é o nosso calendário. Nós temos esse calendário diverso, forte, durante o ano todo, pra movimentar a nossa cultura, os nossos artistas, tá empregando, tá pagando os

seus cachês, e o orgulho de Monteiro ser conhecido em todo canto que você vai com essa questão da cidade forró, porque todo mundo aqui toca sanfona, dança, toca zabumba, triângulo, canta, dança, faz música. É isso aí, Monteiro é esse berço de cultura, essa festa em todo lugar que chega, o Monteirense é só pra falar de cultura, de poesia, de música (Andrade, 2024).

Ao longo do ano, em coleta de campo, Eliane Andrade informou da importância da preservação da cultura perpetuada em Monteiro, pelos seus moradores, artistas, agentes e turistas. Nesse sentido, informou-nos em relatórios, amostras e, através do seu relato, o calendário cultural que a Secretaria de Cultura e Turismo realiza ao longo do ano. Como Eliane contou:

Partindo para um outro projeto que nós temos, que é muito forte também, que é um projeto que já tem, acredito, 16 anos, que é o Festival de Cultura Popular Zabé da Loca. Esse evento é muito importante porque a proposta do início do projeto era, a cada ano, homenagear um artista local. Então, vários artistas dentro desse projeto já foram homenageados. Flávio José, Jotinha da Banda Magníficos, a própria Valquíria Santos, Ilmar Cavalcante, enfim. A Adma Andrade também foi homenageada, e tantos outros artistas, que eu também acho justo isso, você ser homenageado em vida, porque sabe-se que muitos artistas, depois que partem, são reverenciados. E o festival Zabé Da Loca trouxe o inverso. Vamos homenagear esses artistas em vida. Sem contar nessa parte musical, nós temos a continuação do pífano, porque Isabel era autodidata, aprendeu a tocar pífano também, sozinha, cedo, jovem. E, lá na comunidade Santa Catarina, continua esse projeto, através de Josivana Cayano. Isabel não está mais conosco, já partiu, mas deixou o legado dela nessa questão do pífano, que é muito forte também na cultura da gente. Tem muita gente que toca pífano. Todo ano, quando fazemos o festival, temos oficinas de pífano, para ter essa continuação. Alguns se identificam com o instrumento, outros não. Mas, digamos assim, de 30 alunos que se inscrevem para participar da oficina de pífano, ficam dois, três, e eles continuam. E eles continuam. E quando turistas vêm para a nossa cidade... “Ah, eu quero conhecer a Loca de Zabé”, que vão à Santa Catarina, vão encontrar crianças tocando pífano (Andrade, 2024).

Um dos primeiros movimentos que ocorrem na cidade de Monteiro, no início do ano, é o Festival de Cultura Popular Zabé Da Loca⁴⁴, um festival que busca homenagear artistas e personalidades importantes relacionadas à cultura de

⁴⁴ Recomendo para quem se interessar a leitura de Almeida (2021) sobre o festival Zabé da Loca, o autor aborda o surgimento do mesmo, as principais características e como é uma prática cultural da cidade de Monteiro que representa esse valor cultural para a sociedade.

Monteiro. Eliane conta a importância que o projeto se tornou e a singularidade do mesmo ao buscar fugir de muitas regras, normalmente costuma-se homenagear artistas que já faleceram, e, no caso de Monteiro, a busca se dá para homenagear personalidades que estão vivas, para que a homenagem se mantenha viva e vivenciada na vida dos mesmos, reforçando a cultura através de práticas que solidificam a cultura e o turismo, como ainda relata a secretária:

Isso é muito interessante porque a gente sente que tem a continuação. Não ficou só na história, nas fotos, nos vídeos, não ficou na lembrança. A comunidade, lá do assentamento de Santa Catarina, você encontra crianças na escola. Quem sabe toca pífano aqui? “Eu sei.” Porque participou de oficina, porque se interessou pelo instrumento. Aqui também temos, nessa continuidade do pífano, todos os eventos aqui, no São João, a gente tem os grupos de pífano, porque a gente tem que linkar quais são as principais informações culturais, falando de música, que identificam Monteiro. A sanfona de Flávio José e o pífano de Zabé da Loca. Então, são os dois instrumentos que nós temos aqui, que são... que tem que estar em evidência, porque é o ponto forte da nossa cultura, o pífano, a sanfona... Logicamente que, fora esses instrumentos, nós temos os movimentos culturais. Também já tivemos o coco de roda, muito tradicional. Infelizmente, hoje, não teve continuidade. É uma questão que não se sabe por quê. Não apareceu pessoas interessadas. O movimento, as pessoas foram ficando velhas, depois não conseguiam mais dançar, não tinha como continuar, questões físicas, de idade, mas não teve essa continuação, infelizmente. Pode ser que a gente ainda não dê tempo da secretaria fazer oficinas, criar um grupo, investimento, e pode ser que se interesse, mas a gente tem esse desfalque hoje no coco de roda. Porém, lá em Santa Catarina, tem a mazurca, que é uma dança também ligada à nossa cultura, forte, que você vai para a comunidade, você vai para a zona rural, faz uma fogueira e daqui a pouco está todo mundo dançando a mazurca. Tem as pessoas que cantam as músicas da mazurca, que tocam. Então, fora o coco, ainda bem que a gente tem a mazurca para celebrar esse movimento cultural, essa coisa gostosa, que é a dança (Andrade, 2024).



Fonte: Arquivo Pessoal do pesquisador, 2024

Figura 19. Apresentação cultural de grupo de dança no Festival Zabé da Loca

Pelo fato de o festival evidenciar um nome como o de Zabé da Loca, artista já mencionada e referenciada, coloca-se em evidência o “pífano”, instrumento que Zabé aprendeu a tocar e se consagrou como a Rainha do Pífano, talvez, ousemos dizer, uma professora da cultura. Como Eliane relatou oficinas são realizadas, ações sociais, iniciativas e o próprio turismo no sítio Santa Catarina⁴⁵. Almeida (2021) afirma que:

O talento de Zabé foi descoberto quando a pifeira tinha 79 anos e ainda morava em sua loca. Foi através do Projeto Dom Helder Câmara, uma ação do Ministério do Desenvolvimento Agrário que a vida da monteirense começou a mudar. A pifeira passou a ganhar

⁴⁵ É interessante destacar que a Secretaria de Cultura e Turismo, desde o ano de 2017, em parceria com o Sebrae, desenvolve diversas ações no Turismo local, dentre elas a Rota Cariri Cultural, que, desde seu início, incentiva moradores mostrando o valor histórico, arqueológico, etnográfico, bibliográfico e artístico dos locais em que vivem, tornando os mesmos protagonistas da cultura e do turismo local através do potencial da região. A cidade conta, assim, com vários pontos Turísticos Rural, como: Laje das Moças, Laje da Gameleira, Pedra do índio, Complexo Turístico Zabé da Loca, e a nascente do Rio São Francisco. O Teatro Jansen Filho, Igreja Matriz Nossa Senhora das Dores, Museu Histórico Arnaldo Bezerra Lafayette, Mercado Público e o Centro de Referência da Renda Renascença, compõem o roteiro turístico na cidade. Ainda, em parceria com o Sebrae e a ativista cultural Josevane Caiano, é realizado o evento Som nas Pedras, que se consagrou no nosso calendário turístico rural. Todas essas informações foram fornecidas pela Secretaria de Cultura e Turismo.

maior visibilidade e no auge dos seus 85 anos recebeu o prêmio revelação da Música Popular Brasil no ano de 2009, prêmio que revelou o talento dessa importante artista para todo o Brasil (Almeida, 2021, p. 42).

Assim, o festival Zabé da Loca tornou-se outro atrativo do município de Monteiro quando se fala em práticas culturais, representando a singularidade do município, as raízes artísticas, a força que uma representativa permeia no seio social de uma sociedade. Atraindo diversos turistas, movimentam a economia e todos os setores da sociedade.



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador, 2024

Figura 20. Apresentação cultural de grupo de dança no Festival Zabé da Loca

Evidentemente, por se tratarem de diversas manifestações culturais que são perpetuadas e colocadas em práticas no e pelo município de Monteiro, diversificando assim o repertório cultural do município, de Janeiro a Dezembro, a

Secretaria de Cultura organiza, planeja e executa um calendário⁴⁶ com todas as atividades realizadas na cidade. A Secretária de Turismo, Eliane, conta com detalhes cada uma dessas manifestações que aqui sintetizamos:

Esse calendário ele é pensado e dividido por área. A gente consegue envolver no nosso calendário todas as manifestações culturais, teatro, dança, música, repente. Todas as manifestações que a gente tem no nosso calendário são com representatividade. Falando ainda da sanfona, materialmente falando, a sanfona é o que mais liga Monteiro à cultura do Brasil, no sentido, assim, por conta de Flávio José. Então, no nosso calendário, nós temos o Encontro de Sanfona, que é em parceria com a UEPB. Então, todo ano, a gente tem o Encontro de Sanfona Oito Baixos, aqui na Praça João Pessoa. Vem convidados, a Orquestra Sanfônica da UEPB, com essa continuação... com essa formação de novos músicos, se juntam com outros, e aí é um evento do nosso calendário também... o Encontro de Sanfona de Oito Baixos. Vamos começar por janeiro. Janeiro, férias. Nesse período, a Secretaria sempre se preocupa em oferecer oficinas de formação para os jovens, para as pessoas que estão de férias. E aí a gente começa com oficinas de maquiagem, cênica, oficinas de expressão corporal, oficina dentro do teatro, de teatro, técnica vocal. Em janeiro, nós oferecemos para os nossos artistas uma espécie de reciclagem. Vamos aproveitar esse tempo e estudar um pouquinho. Trazemos profissionais gabaritados de João Pessoa, de Recife. Em janeiro, temos esse trabalho de formação, de avaliação, de estudo. Vários cursos, várias oficinas são oferecidos para as pessoas que têm interesse em praticar (Andrade, 2024)

Fevereiro é carnaval. Monteiro tem uma tradição, antes de eu chegar a Monteiro, dos carnavais de outrora, de antigamente, no clube municipal, com orquestra, as pessoas se vestiam. Por um tempo, ficou adormecido, ficou no Museu Histórico, tem esses registros, como era o Carnaval de Monteiro. E, de uma certa forma, o São João de Monteiro engoliu o Carnaval. Ficou todo mundo na expectativa para chegar junho. No Carnaval, o pessoal saía para se divertir nas cidades vizinhas. Mas, na nossa gestão, nós trouxemos... Há dois anos que a gente realiza um Carnaval fora de época. O nome do evento é "Agita Monteiro". É uma prévia carnavalesca nos moldes de

⁴⁶ O relato oral é uma importante ferramenta metodológica que como já mencionado no capítulo de introdução e no aparato e uso da História Oral surge como um suporte de grande valor para o historiador por evidenciar subjetividades, emoções, e características que muitas vezes ficam apagadas e, ou, silenciadas em documentos oficiais. Apesar de atualmente Monteiro possuir um acervo documental um pouco reduzido relacionado a essas práticas e atividades culturais, especialmente nos anos 90, reforçamos a importância de juntamente ao relato oral termos esse suporte documental. As informações produzidas e defendidas neste estudo se apoiam em uma pesquisa de campo realizada no município de Monteiro, suporte teórico, documentos e relatórios coletados pelos órgãos representativos da cidade, como a Secretaria de Cultura, Biblioteca e Prefeitura. Por isso, outra vez, alertamos ao leitor sobre as possíveis alterações ou tendências que podem surgir nos relatos, uma vez que lidamos com a subjetividade de diversas pessoas, onde já pontuamos os cuidados que devem ser cuidados.

Salvador, com trio elétrico, com abadá. Apesar de que a nossa cidade não tem o percurso como lá, que não nos permite fazer um percurso longo, mas só em juntarmos os elementos do carnaval, que é o trio elétrico, o Abadá, que lembra outros carnavais fora de época espalhados pelo Brasil... Fizemos a primeira experiência. Esse projeto é um projeto do artista, do músico, do cantor Ragner, Ragner Vox. Ele que começou com esse... com esse projeto, trouxe para a secretaria, a secretaria abraçou, e a gente já... Segundo ano que a gente executa, a cada ano, esse ano foi um sucesso de público, e a gente já fica na expectativa para 2025, como é que vai ser (Andrade, 2024).



Fonte: Imagem disponibilizada pela Secretaria de Cultura e Turismo
 Figura 21. Bloco de prévia de Carnaval “Agita Monteiação realizada pela prefeitura de Monteiro e secretaria de Cultura e Turismo

Almeida (2021) destaca que Monteiro “já foi palco de muitos arrastões e possuía, embora hoje não mais, uma tradição cultural carnavalesca muito forte, atraindo diversos foliões para as ruas.” (p. 48). Como relatou Eliane, apesar de atualmente o Carnaval ter pedido a força que tinha nos “carnavais de outrora”, Monteiro, nos anos 90 e início dos anos 2000, ainda reforçava esse valor, como destaca o autor:

O carnaval em Monteiro iniciava-se na semana que antecede a semana propriamente dita de carnaval, na semana pré-carnavalesca

a programação da cidade contava com programas noturnos nas rádios, que no início dos anos 2000 eram duas: Rádio Santa Maria - AM e Rádio Imprensa FM; com os ensaios da Banda Filarmônica Municipal e com os Gritos de Carnaval realizados nos clubes da cidade. Durante os festejos carnavalescos Monteiro contava com alguns clubes tradicionais, como a Sociedade Carnavalesca Os Pirilampos, que tinha como presidente o senhor José Maracajá; O clube dos 30, que como o próprio nome sugere era formado por trinta sócios; o Clube Recreativo; e o Aero clube. Sendo esses, responsáveis por animar o antigo carnaval monteirense, que ainda contava com programações diurnas como as matinês, os banhos públicos, o —mela-mela, os blocos carnavalescos, as saídas dos —papangus, e os bailes de carnaval que eram realizados à noite no Clube Municipal da cidade. Atualmente Monteiro não possui mais tradição carnavalesca, e durante os feriados às famílias costumam viajar para o litoral e assim aproveitar os festejos da data longe da cidade (Almeida, 2021, p. 48)⁴⁷.



Fonte: Imagem disponibilizada pela Secretaria de Cultura e Turismo
Figura 22. Banda Filarmônica de Monteiro - PB

O chamado Carnaval de outrora, mencionado dessa forma, como pontua Eliane, para se referir aos carnavais que já não existem mais em Monteiro, marcam práticas culturais dos anos 90 no município, que eram embaladas por ritmos, bandas

⁴⁷ Essas informações são documentadas e foram extraídas de arquivo impresso sobre o carnaval monteirense no Museu Histórico de Monteiro, cuja cópia continua sobre a posse do presente autor desde 2021.

de baile e características próprias. Em seu relato, Deyse relembra como eram essas manifestações em Monteiro nos anos 1990:

Existia o Carnaval. O Carnaval do Monteiro era muito conhecido. Existia o Sábado de Zé Pereira, que tinha os... como era que se falava? Era os... fugiu. que aí você procurava pra... era pra matar. Era como se fosse o Judas. Era o Judas. Pronto, era o Judas. E ali tinha aquele movimento todo, procura o Judas, procura o Judas. E o carnaval existia no clube municipal. Ali existia, tinha fantasias, era no sábado, no domingo, na segunda e na terça. E na quarta-feira de cinza também. Era muito movimento na cidade, as pessoas participavam e muitos visitantes também. Era muito bacana o carnaval em Monteiro (Maria, 2024).

É interessante notar que, apesar de, atualmente, o São João ter um destaque maior no município de Monteiro, o carnaval já se configurou como uma das maiores festas da região, agregando cultura para o município de Monteiro, bandas de bailes e fantasias. Os instrumentos fazem parte da realidade monteirense.



Fonte: Arquivo Pessoal de Nal Nunes

Figura 23. Grupo de banda de baile em Monteiro - PB nos anos 90

Ainda continuando a demonstrar as ações relacionadas à perpetuação de uma cultura no município de Monteiro, neste seguimento que se formou ao longo dos anos 2000, Eliane Andrade continuou relatando:

Março... Nós temos a preparação do espetáculo em abril, que é a Grande Ceia, que é um grande espetáculo que a gente tem. É o maior espetáculo a céu aberto da Paraíba. A gente só perde para Nova Jerusalém (Andrade, 2024).

Então, a grande ceia é esse grande espetáculo que a gente tem em abril (Andrade, 2024).

Em maio, começamos a nos organizar para o Festival de Quadrilhas, que é dentro da programação do São João, mas é como se fosse um aquecimento, um pontapé para começarmos a nos preparar para o São João. Então temos esse Festival de Quadrilhas, que é muito interessante. Percorre as cidades, os bairros de Monteiro, E é um aquecimento para o São João (Andrade, 2024).

E aí vem o nosso São João, que hoje, graças a Deus, é o terceiro São João mais forte da Paraíba. Imagina aí quantas cidades realizam o São João aqui na Paraíba. E Monteiro está nesse ranking. É o terceiro São João mais famoso da Paraíba, do Nordeste, do Nordeste de aparte. É uma festa de interior com cara de cidade grande. É uma festa tranquila. Nós conseguimos agradar o público com nomes nacionais. Além do regional, temos essa pauta também no São João. O nosso São João valoriza muito a Prata da Casa. Temos quase 60, 70% da nossa programação de São João com artistas locais. E os convidados, os três, quatro convidados. Mas a maioria da grade do São João é com a Prata da Casa, valorizando os artistas. Temos o sítio São Francisco, que é exatamente esse espaço para estarmos brindando os turistas que vêm conhecer nosso São João com um autêntico forró, pé de serra, um espaço cenográfico, com gastronomia, com o forró pé de serra. O Sítio São Francisco é aquela coisa mais intimista, mais interior mesmo, aquela coisa bem gostosa que, quando o turista vem, se sente bem pertinho do São João de verdade, digamos assim (Andrade, 2024).

Ao longo dos meses, são vários os eventos culturais que permeiam e são executados em Monteiro, mas, como a própria Eliane relata, o São João tornou-se o carro chefe da cultura na cidade. Almeida (2021) destaca que:

Entre as indicações sugeridas no Mapa Cultural de Monteiro, destaca-se a manifestação cultural de maior evidência do período, o São João. Que em 1998 teve como título — O melhor São João da Nossa Terra e cuja programação contava com concurso de quadrilhas, vaquejada, grupos de dança (coco de roda, xaxado e outros), festival de sanfoneiros, gincanas, forró pé-de-serra, shows de bandas eletrônicas e bazar junino de artesanato e comidas típicas. Essas foram algumas das manifestações do período junino de 1998 da cidade de Monteiro, que desde esse período possui uma duração de quase 30 dias de festejos (Almeida, 2021, p. 46-47).

O São João em Monteiro, segundo os relatantes que expuseram suas vivências, teve suas primeiras práticas na gestão do prefeito Antônio Nunes, ainda nos anos 80 e início dos 90, mas, foi a partir de 1997, que essa cultura passou a se fortificar. Almeida (2021) afirma que:

Atualmente Monteiro possui uma tradição junina consolidada, o São João que teve seus primeiros passos dados entre 1997 e 1998 para se constituir como uma festa anual e de grandes proporções durante a gestão de Carlos Batinga, continuou sendo preservado nos anos que se seguiram. A sua sucessora, Maria de Lourdes Aragão Cordeiro (2005 - 2008) manteve o trabalho de incentivo à cultura e ao patrimônio local através de ações que fomentaram o incentivo e a divulgação do nome da cidade na mídia [...] (Almeida, 2021, p. 47).

[...] e seguiram sendo perpetuadas pelas gestões futuras como no caso da administração de Ednacé Alves Silvestre Henrique (2009/2012 - 2013/2016), a prefeita foi eleita em 2008 e iniciou seu primeiro mandato no ano seguinte, sendo a responsável pela iniciativa do Festival de Cultura Zabé da Loca, que atualmente é um dos maiores da região no que diz respeito ao incentivo e propagação da cultura local. (Almeida, 2021, p. 48)

Durante a gestão da atual prefeita Anna Lorena de Farias Leite Nóbrega (2017/2020 - 2021/2024) o investimento na área do turismo e da cultura continuou com ações referentes à restauração do patrimônio histórico monteirense, incentivo ao turismo, à valorização da cultura e dos artistas da terra, para que a população conheça e preserve sua história e o visitante saiba os valores e costumes da terra. Nesse sentido, a cidade conta ainda com uma rede de apoio, a —Rota Cariri Cultural, uma organização comunitária que tem como intuito principal incentivar o turismo da região e apresentar ao público, moradores ou visitantes, as riquezas existentes no cariri (Almeida, 2021, p. 50).

Todas as gestões, desde os anos 90, contribuíram para uma construção de uma identidade que se reafirma através da cultura, de ações que priorizavam a cultura, eventos e a percepção de Monteiro como uma “Cidade que Respira Forró”, inventando uma tradição, já defendida, que se apropria de discursos, normas, apoio e iniciativas públicas. Pois, reiterando, Hobsbawm e Ranger (1997):

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que

implica, automaticamente: uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado (Hobsbawm; Ranger, 1997, p. 9).

Os autores justificam justamente o movimento que acontece em Monteiro através das iniciativas apontadas e evidenciadas desde o início dos anos 90 até o tempo presente, que, como continua Eliane Andrade, não para por aí, já que se adaptam a partir de outras ações. Algo que aconteceu com o chamado “Sítio São Francisco”:

Como dizia Chacrinha, nem tudo se cria, às vezes se copia. Claro que com essa pretensão, não com a pretensão do sítio São João, de Campina Grande, mas aí fomos, antes de realizar o sítio São Francisco, a secretária, a secretária Christianne Leal, a equipe, fomos em loco conhecer como funcionava o sítio São João. Fomos diversas vezes lá. Foi uma ideia construída com o apoio da gestão, com o apoio da prefeita. Foi uma coisa que foi construída, construída. Várias pessoas pensando. Pessoas pensando na cenografia. Nós cuidando da grade. Teve que buscar parceiros, porque... é um evento que demanda essa questão financeira justamente por conta da proposta que é colocar todos os nossos artistas dentro desse projeto, dentro do sítio. Então, demanda uma questão financeira. Dentro do sítio, nós temos o Sebrae, que é um parceiro que está conosco desde o primeiro ano. Sem o Sebrae, ficaria um pouco difícil, por conta da folha e dessa questão da valorização do artista local. Então, o sítio hoje é o, como se diz assim, da Secretaria de Cultura, é o bibelô, é o mimo que nós temos. A secretária se dedica totalmente ao sítio, aquela coisa na construção, na preparação. A gente mora dentro do sítio, todo mundo com prazer, com sorriso. E também o sítio envolve, além dos artistas que vão para o palco, tem também a mão de obra, que não deixa de ser arte, pintura, desenho, a ideia da parte dos bares, dos restaurantes, isso tudo mexe com cultura também, com artistas (Andrade, 2024).

Inspirado no Sítio São João, atrativo festivo do São João de Campina Grande, Monteiro, através da gestão e da Secretaria de Cultura e Turismo, “apropriou-se” de uma prática cultural perpetuada no referido município e o adaptou para cidade, o Sítio São Francisco, o qual, segundo Almeida (2021), é:

O tradicional “esquenta” montado perto de uma das avenidas principais da cidade e recebeu o nome de —Sítio São Francisco, foi uma iniciativa realizada pela atual gestão. E no espaço é possível

encontrar peças de artesanato, comidas típicas, apresentações de grupos de dança da cidade e de artistas regionais, além de muito forró pé-de-serra. A proporção que o São João de Monteiro tomou nos últimos, especialmente na última edição com shows de artistas já mencionados como Wesley Safadão, Márcia Fellipe, além da valorização da cultura regional, possibilitou o reconhecimento do festejo como uma das maiores festas do Nordeste (Almeida, 2021, p. 53).



Fonte: Arquivo Pessoal do Pesquisador

Figura 24. Fachada da estrutura do Sítio São Francisco no São João de Monteiro



Fonte: Arquivo Pessoal do Pesquisador

Figura 25. Palco secundário no Sítio São Francisco no São João em Monteiro - PB

Atualmente, o Sítio São Francisco é um investimento cultural que está associado ao São João de Monteiro e que fortifica esse evento que já acontece há tantos anos no local, atraindo muitos turistas e gerando oportunidades, principalmente para os próprios monteirenses, como Eliane relata:

Toda mão de obra é monteirense. Toda... Marceneiros, pintores. E é tudo artista, porque os artistas de Monteiro, por exemplo, Rodrigo Leal, ele é o diretor, ele é ator e diretor do espetáculo, a grande cena. No São João, ele é cenógrafo. Ele senta e vai desenhar, desenha, corta madeira, executa. Então, os artistas que temos para ter uma ideia, o elenco que trabalha na confecção, do sítio São Francisco é boa parte dos atores da grande ceia. Para você ver que eles são múltiplos, né? Representam, atuam, são cenógrafos, são marceneiros, são pintores. Tudo isso, dentro do sítio, é todo um movimento cultural e toda mão de obra local, graças a Deus (Andrade, 2024).

Esse fato merece importância, pois o retorno econômico gerado por essas práticas culturais, juntamente à vida cotidiana e política, é necessário para entender a perpetuação e manutenção dessas práticas. O investimento econômico gira e torna essa rede mais viável de ser estruturada. Conforme evidencia Le Goff (1990), ao mencionar que nesse novo século da história, são “considerados importantes pelos homens do século XX: a economia, a política, a vida cotidiana, a mentalidade” (p. 1993). Dada essa importância, destaca-se a explicação de Eliane acerca do funcionamento do comércio e o investimento gerado por ele, as movimentações e oportunidades de emprego:

Sim, vamos começar pelos empreendedores, os comerciantes, os ambulantes, os barraqueiros, parque de diversão, toda essa coisa que está ligada com o São João. A gente tem em torno de mais de 100 barraqueiros, divididos em bares, restaurantes, mais de 100 inscritos. Isso aí, para eles, quando termina o São João, é um sorriso, todo mundo feliz. Às vezes eu encontro, digo, “ganhou dinheiro”. Todo mundo satisfeito. E a gente entende que dá resultado para o comércio local, começando com os barraqueiros, os empreendedores de pequeno porte, nessa questão de gastronomia, de bebida. O ano se passa, no ano seguinte, o cadastro aumenta, duplica. As pessoas interessadas, porque, de repente, o meu vizinho diz que “vendi bem nesse sábado.” “Esse sábado foi ótimo para mim.” “Vendi todas as noites.” É uma forma de gerar renda local. Temos esse critério também de priorizar as pessoas de Monteiro. Aí entra a gente que já é da área, que já trabalha, que tem restaurantes, e pessoas também autônomas. Vou tentar ver se dá certo, e sempre dá certo. O São João movimenta a economia como um todo. Bares, restaurantes, a rede hoteleira, falando de turismo. Inclusive, essa semana, fizemos um novo censo nessa questão de como está crescendo Monteiro. Se está crescendo, as pessoas estão interessadas em investir em hotéis e pousadas, é porque a cidade está comportando. As pessoas estão vindo para Monteiro conhecer nossa cultura, participar de nossos eventos, fazer negócios. Então, Monteiro está crescendo. Voltando, fizemos um censo esta semana e a gente tinha uma impressão dessa parte turística de Cabaceiras, que tem um nome no estado e no Brasil. E a gente pensava que Cabaceiras estava à frente de Monteiro nesta parte de leitos, de hospedagem. Mas com esse novo censo que nós fizemos essa semana, com novos hotéis, pousadas. Monteiro ganhou de Cabaceiras. Hoje temos, em média, mais de 600 leitos de hospedagem. Não tínhamos isso. Estou querendo agregar a cultura, os eventos, toda essa tradição que se fez crescer. Quando chega junho, um mês antes, não tem hospedagem. As pessoas estão crescendo, os investidores, as pessoas estão crescendo nessa parte de hospedagem para poder atender melhor. Consequentemente, deixa a nossa cidade à altura nessa parte do turismo. Voltando na questão da economia, com certeza, não só o São João tem essa rotatividade, essa rotatividade econômica. Nós temos um outro

grande evento aí, que é o EMOCAP, que é o Encontro de Motociclistas. Esse evento também, nessa questão financeira, ele deixa muito bônus para a cidade, deixa muito dinheiro, porque é um evento que recebe ciclistas, motociclistas do Brasil todo. É um grande evento. Não é um evento da Secretaria de Cultura, do meu calendário, do nosso calendário, mas é um evento em parceria, que envolve muito. A cultura é parceira (Andrade, 2024).

Dessa maneira, entende-se que a economia está intrínseca à questão cultural em Monteiro, não somente nos eventos juninos, que geram esse retorno para os monteirenses, novas oportunidades, empregabilidade. Mas, de forma geral, essa movimentação acontece em virtude do atendimento a um calendário econômico/cultural diverso, que se inicia em janeiro e termina em dezembro, retornando no ano seguinte. Conforme pontua Eliane, para finalizar, os meses finais do calendário de eventos e sua representatividade:

[...] Junho, São João, Julho, Agosto, nós temos a Mostra de Teatro e Dança, que é um grande evento também. Nós fazemos, a Secretaria realiza essa Mostra de Teatro e Dança. São quatro dias, colocamos nas escolas, oficinas, e aí valorizamos esse outro segmento da nossa cultura, que é o teatro e a dança. Bom, tem muitos grupos de dança. danças diversas, xaxado, mazurca, danças populares. E temos as danças modernas também, aí vem essas coreografias, essas coisas americanas, esses artistas americanos que eles vão lá, coreografa, faz figurinha, não sei o quê. É bem movimentada a mostra de teatro e dança, porque também oportuniza esses artistas a mostrar o seu trabalho e ganhar o seu cachê e ser aplaudido. A dança também (Andrade, 2024).

[...] Em setembro, nós temos o encontro de bandas e fanfarras. É um ponto forte também de Monteiro, são as fanfarras. A fanfarras de Monteiro é uma das melhores também da Paraíba. Recebe convites corriqueiros para estar se apresentando fora. Então, temos o encontro de bandas e fanfarras em setembro (Andrade, 2024).

[...] Em outubro, novembro, nós temos o Festival de Violeiros, que é o Festival de Violeiros Pinto do Monteiro, que é muito forte, o nosso calendário. A gente costuma dizer que é forte porque é uma estrutura, são grandes artistas, investimentos, parceiros, público. É um dos eventos que concentra muito público, geralmente o pessoal da zona rural. Então, é um evento para a gente que é muito forte nessa questão de estrutura de artistas e de público (Andrade, 2024).

[...] Em dezembro, nós temos a Cantata Natalina, que é uma inserção da Secretaria de Cultura, nós que trouxemos esse projeto juntamente com parceria com alguns artistas e movimenta 20 músicos, entre músicos, cantores, né? Que a gente tem um grande coral, aí é coral, é encenação. E é assim o nosso calendário. Como

eu te falei, ele é diverso, ele é amplo e ele passeia por todas as nossas manifestações culturais (Andrade, 2024).



Fonte: Imagem disponibilizada pela Secretaria de Cultura e Turismo

Figura 26. Mostra de Teatro e Dança realizada pela Secretaria de Cultura e Turismo em Monteiro - PB em agosto



Fonte: Imagem disponibilizada pela Secretaria de Cultura e Turismo

Figura 27. Festival de Violeiros promovido pela Secretaria de Cultura e Turismo nos anos 2000

O calendário de festividades promovido pela Secretaria de Cultura (visível na tabela abaixo) confirma como é forte a cultura dentro de Monteiro.

Tabela 2: Quadro com as festividades monteirenses

MÊS	EVENTO	LOCALIDADE	TIPO
Janeiro	Oficinas de formação para os artistas	Monteiro - PB	Público/Gratuito
Fevereiro	Eventos carnavalescos "Agita Monteiro"	Monteiro - PB	Público/Gratuito
Março	Festival de Cultura Popular Zabé da Loca	Monteiro - PB	Público/Gratuito
Abril	A Grande Ceia	Monteiro - PB	Público/Gratuito
Maio	Organização do Festival de Quadrilhas	Monteiro - PB	Público/Gratuito
Junho	Festival de Quadrilhas São João Sítio São Francisco	Monteiro - PB	Público/Gratuito
Julho	Organização dos próximos meses de eventos	Monteiro - PB	Público/Gratuito
Agosto	Mostra de Teatro e Dança	Monteiro - PB	Público/Gratuito
Setembro	Encontro de Bandas e Fanfarras	Monteiro - PB	Público/Gratuito
Outubro	Festival de Violeiros	Monteiro - PB	Público/Gratuito
Novembro	EMOCAP - Encontro de Motociclistas	Monteiro - PB	Público/Gratuito
Dezembro	Cantata Natalina	Monteiro - PB	Público/Gratuito

Fonte: Almeida, 2024

Dessa maneira, entende-se, que através das práticas perpetuadas na cidade, é construída essa ideia de envolvimento político e de cultura popular, interligadas pelo processo que Chartier (1988) justifica produzir, ou melhor, (re)produzir estruturas de poder enraizadas na cultura popular através de práticas e rituais:

A cultura política popular seria assim como que inscrita nas formas que a produzem, e nada mais do que a justa percepção ou a correcta compreensão das encenações, das passagens a rito, a imagem, a texto, do poder soberano, dos seus atributos e dos seus detentores. Porém, o inventário das formas que o dão a ver e a ler está fora do nosso trabalho (Chartier, 1988, p. 194).

O que torna esse processo mais interessante são as próprias percepções e "artimanhas" em que os artistas se inserem para representar e utilizar nesse meio. Como aponta Flávio José ao detalhar sua representação e as estratégias que usa para perpetuar essa cultura forrozeira, referenciando inclusive outros artistas e a força do seu talento e resistência:

E antigamente era muito... eu vivi uma época de que artista de forró não passava nem na calçada de um FM, porque dizia que... eu vou

botar o meu microfone para um forrozeiro que está dizendo palavra errada aqui, falando mal, só dizer besteira, “nós fomo”, “nós viemo”, “pra o quê?” “Para o mode.! Então eu vivi essa época. Hoje não. Hoje a gente sabe que qualquer letra aí, mesmo de... que imprópria que seria há muito tempo, hoje se paga em rádio e toca e acabou e pronto. Aqui em Monteiro também a gente tem essa questão de dizer cidade que respira forró. Eu acho que uma das coisas que ajudou muito e continua ajudando seria a Monteiro FM, porque é uma rádio que a gente tem aqui que só toca o nosso forró autêntico. Nós temos quatro horas de forró diária, de 5 às 7 da manhã e 5 às 7 da tarde. E durante o meio de junho, a rádio toca 30 dias de forró. De 1 a 30 só forró, virando assim, de outurnamento. Então, isso faz com que realmente as pessoas chamem a cidade do forró, porque tem Flávio José, tem Magnífico, tem Dejinha de Monteiro, que era um grande artista, compositor, intérprete, que nos deixou, infelizmente. Nós temos já aqui Chiquinho de Belém. Tem muita gente boa aqui, que a gente tem Oswaldo Silva, enfim, por isso que essa moçada toda inspirada nessa minha carreira, vendo as coisas acontecerem, todo mundo procurou seguir esse caminho (José, 2024).

Permanecer e se fazer na música, através da cultura e em meio a práticas já mencionadas no decorrer deste trabalho, vem sendo o ponto chave para demonstrar a identidade monteirense, que se forma a partir desse aspecto. Entendendo, ainda, que diante das transformações ocorridas na sociedade e os lugares diversos, essa identidade não é fixa, já que segundo Hall (2006), ela pode ser variável:

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1987).

E definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente (Hall, 1987, s.p. apud HALL, 2006, p. 12-13).

A identidade se forma a partir de características particulares de um lugar, que podem e sofrem alteração a partir de intenções almeçadas que fogem da neutralidade e se encontram em um campo de concorrências e competições (Chartier, 1988). São, assim, jogos de representações que alinhados a práticas culturais, esboçadas ao longo do texto, geram uma identidade. Uma identidade que

se apoia em ações estratégicas perpetuadas por anos no município de Monteiro, o que corrobora Bourdieu (1989):

Mas, mais profundamente, a procura dos critérios “objetivos” de identidade “regional” ou “étnica” não deve fazer esquecer que, na prática social, estes critérios (por exemplo, a língua, o dialecto ou o sotaque) são objecto de representações mentais, quer dizer, de actos de percepção e de apreciação, de conhecimento e de reconhecimento em que os agentes investem os seus interesses e os seus pressupostos, e de representações objectais, em coisas (emblemas, bandeiras, insígnias, etc.) ou em actos, estratégias interessadas de manipulação simbólica que têm em vista determinar a representação mental que os outros podem ter destas propriedades e dos seus portadores (Bourdieu, 1989, p.112).

Nesse sentido, evidencia-se o carácter dos discursos que são proferidos, perpetuados e acentuados em Monteiro, seja pelos seus moradores, artistas e agentes políticos, através de iniciativas que, naturalmente, ou melhor, intensamente, buscam evidenciar um lugar que “Respira Forró”.



Fonte: <https://www.vitrinedocariri.com.br/2023/06/21/cidade-forro-monteiro-respira-clima-de-sao-joao-e-inicia-a-maior-festa-do-cariri/>

Figura 28. Palco principal do São João de Monteiro estampando o letrero “Cidade Forró”

Não à toa, discursos e estratégias são promovidos para evidenciar necessidades. Ao longo dos últimos 30 anos, Monteiro passou a se configurar a partir de uma identidade que propagou o caráter “forrozeiro” e cultural desse lugar. Até mesmo em tempos difíceis, como em 2020, quando o mundo inteiro foi afetado pela Pandemia da COVID-19. Nesse momento, estratégias foram formalizadas e reinventadas, como afirma Eliane:

Realmente foi um choque para toda a classe artística, essa questão do entretenimento. E chegou uma época que ficou terrível mesmo, ficou assustador, porque todo mundo se mantém dos seus shows, das suas atividades, e aí não tinha de onde vir nenhuma renda. A Secretaria de Cultura fez um cadastro, fizemos um cadastro com os músicos, E desse cadastro, juntamente com a gestão, a gente viu essa questão de alimentos. Providenciamos alimentos para alguns músicos. Montamos uma estrutura de lives. A secretária montou, a gente dava a estrutura, o artista conseguia, os patrocinadores iam lá e realizavam a live. várias... acho que umas três, quatro lives com os artistas. E foi onde dava um fôlego pra eles, né? Porque eles conseguiam patrocínio, arrecadavam alimentos, e aí a gente foi... sanando a sangria ali, com uma coisinha aqui, outra ali, mas somando, estando junto da classe artística. Ficamos todos juntos, todos de mãos dadas, gestão, a população. Tivemos esse movimento de socorro, de ajuda, até chegar o auxílio do governo federal, onde esse auxílio veio para o Brasil todo, e aí deu um fôlego, né? Os artistas começaram a respirar pelo menos um pouquinho. Tinha um básico. E foi terrível. Graças a Deus que passou. Mas grandes artistas tiveram muito prejuízo (Andrade, 2024).

Enquanto órgão responsável pelo setor cultural do município de Monteiro, foram buscadas estratégias para minimizar o impacto ocasionado pela pandemia da COVID-19 no setor artístico, mas cuja experiência foi individual e única para cada pessoa. Como confidenciou Flávio José:

Bom, primeiramente, eu diria que foram dois anos ou dois anos e meio sem sair pra canto nenhum, né? Sem fazer show, sem nada. E eu fiquei trancado, o tempo inteiro trancado dentro de casa, não botava nem a cara na rua, né? E teve uma época, durante esse período, eu estava tão perturbado com essa situação que eu digo, não, agora eu vou sair. Aí eu fiz uma coisa, assim, interessante. Peguei meu carro, fui embora para Campina Grande, dirigindo, ouvindo música normalmente, como se nada tivesse acontecendo. Aí quando cheguei lá no girador ali que sai de Campina para João Pessoa, eu contornei o girador e vim embora para casa. Vim embora para Monteiro. Isso me aliviou muito porque eu tive uma sensação de

estar na liberdade de andar, de dirigir, de ouvir música e tudo, mas quando voltei me tranquei novamente (José, 2024).

Assim, Flávio José demonstra sua força e confia em um movimento que nem todo mundo sabia, mostrando a riqueza da oralidade que proporciona que tenhamos acesso a uma situação que enquanto artista o afetou, mas, diante disso, ele seguiu em frente, inclusive, contando como lidou com a COVID-19 enquanto chefe e guia de toda uma equipe de músicos, que obviamente impactou a economia:

Sim, não tenho dúvida, né? Porque a gente parou... Eu fiquei aqui sem show, sem nada, mas segurei a barra de todo mundo que trabalhava comigo. Parecia que nada tinha acontecido, nada. Tiveram todos os direitos, tudo. Parecia que, pra eles, a única coisa que estava acontecendo era não estar tocando, era estar em casa. Mas que eles receberam todos os direitos durante todo esse tempo. Quase dois anos, um ano e oito meses (José, 2024).

Inclusive, ainda nesse sentido, Ilmar Cavalcante, compositor monteirense recorda com amargor esse período vivenciado:

Mexeu com tudo. A gente que é compositor, que ganha através de divulgação do Ecad, que o Ecad é o escritório que cobra de tudo que é executado no Brasil, no mundo. E a execução pública que a gente ganha esse dinheiro para poder se manter, digamos assim, abalou de uma forma imensa, porque não tinha música sendo executada. Está entendendo? Não tinha show. Se não tem show, a gente não tem como ganhar esse dinheiro. E parou tudo, mexeu com tudo. Eu acho que tinha que ter algum emprego paralelo à música para poder sobreviver. Muita gente passou por dificuldade por isso. No meu caso, eu sempre trabalhei, sempre tive um emprego por fora e deu para mim viver, mas muita gente passou dificuldade. Mexeu com tudo. Eu aproveitei esse tempo difícil da pandemia para compor. Eu compus bastante e hoje tenho muita música nova, que eu fiz na época da pandemia, mas foi um momento muito difícil. Porque quem faz show parou de fazer show na época e mexeu com tudo, com o compositor, com os cantores. Estamos aqui para agradecer a Deus, porque tudo se passou e a vida continua (Cavalcante, 2024).

E assim a pandemia da COVID-19 afetou também os moradores do município, que tiveram que lidar com uma nova realidade imposta, em que, em um lugar que tanto se vivencia a cultura, a música, a tradição junina, tiveram que se

readaptar, tiveram perdas, dores, emoções e sentimentos angustiantes. Como Deyse, ao lembrar com lágrimas e muita emoção, conta:

Parou, sim. Foi muito triste. Esse período nos marca muito. A gente até hoje ainda sente, né, o que a pandemia nos deixou. Tudo... [pausa] [lágrimas]. Eu fiquei emocionada porque, na verdade, eu tive Covid e fiquei muito ruim. Mas, graças a Deus, saí, né? Porque, infelizmente, a gente sabe tudo o que aconteceu numa pandemia e quantas pessoas nossas faleceram, né? Muito triste, muito triste mesmo (Maria, 2024).

Cada indivíduo sentiu de uma forma o impacto que a pandemia da COVID-19 gerou na vida dos monteirenses. Um tempo presente que se foi, e que, a partir dos relatos, pode-se evidenciar esse tempo vivido e histórico que “encontra, num nível muito sofisticado, o velho tempo da memória, que atravessa a história e a alimenta” (Le Goff, 1990, p. 14). Diante da situação vivida, o que parece persistir de modo unânime é que a velha guarda possa se reunir à nova geração, reinventar acordes, melodias e perpetuar o nome de Monteiro como destaque na Cultura, como fortalece Ianka Targino, artista musical:

Com certeza, com todas as letras, não tiro nenhuma letra porque Monteiro hoje é a cidade destaque do nosso estado como um berço de talentos. Novamente, eu volto a dizer que Monteiro se destaca pela qualidade dos músicos e pela qualidade dos cantores, ou seja, hoje você vai em uma... em uma população aqui de Monteiro, seja na Vila Popular, seja em qualquer local que você for, sempre tem alguém que sabe cantar, sempre tem alguém que sabe tocar uma sanfona, sempre tem alguém que sabe tocar um violão, que sabe fazer um forró ali na hora. Então, assim, Monteiro vive e respira forró pela natureza de Monteiro, por ser essa cidade que hoje tem grandes referências na música. Então eu acredito que não tem nenhuma palavra, Monteiro é e continua sendo e nós, artistas novos, não vamos deixar que isso morra, mas vamos permanecer segurando essa bandeira aí de herança, de forró e de essência (Targino, 2024).

Pelas configurações que se perpetuam, inventam-se e reinventam-se, em Monteiro, a identificação monteirense e, assim, formam-se, através de acordes e melodias, que se modificam. Não existe um acorde final, porque é uma cultura que sobrevive, que se solidifica e que, a partir de iniciativas públicas, artistas (como se vê na figura 29), moradores e agentes envolvidos no processo, fazem de Monteiro a “Cidade que Respira Forró”.



Fonte: arquivo pessoal Ilmar Cavalcante

Figura 29: artistas monteiresnses reunidos: Flávio José, Ilmar Cavalcante, Osmando Silva, Claudinho de Monteiro, Washington Marcelo, Nanado Alves e outros.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O velho e o novo se misturam em uma melodia descompassada, marcada pelo movimento da deslinearidade, pela singularidade, pela observação e pela subjetividade, em que, através de relatos, histórias, emoções e a força de um povo, foi possível observar que Monteiro se configurou por meio de práticas culturais que evidenciaram representações que podem ser preservadas, gerando a identidade de um povo que se orgulha do lugar onde vive.

A riqueza da História Oral permitiu, a partir dos relatos coletados e da teoria aplicada, traçar um caminho metodológico e científico sobre o seu uso e a sua aplicação em uma pesquisa de campo. Dessa forma, o presente trabalho se configura como um suporte metodológico que possibilita que o leitor consiga utilizar para seu fazer científico, se assim desejar, e narrativo historiográfico.

A partir do rigor aplicado à pesquisa, que evidenciou o trato com a História Oral como um instrumento que proporciona uma nova forma de fazer História, – nesse caso, no Campo da História Cultural, já que a partir do final do século XIX novas formas de se fazer Histórias emergem (Barros, 2013) –, o campo da música, associado à cultura, configurou-se como universo que para um lugar gerou visibilidade (Napolitano, 2002).

Nesse caso, fala-se em Monteiro – PB como uma cidade no interior da Paraíba conhecida popularmente como “Cidade que Respira Verso e Melodia”, conforme a canção do compositor monteirense Ilmar Cavalcante, que se insere nesse espaço como um representante legítimo da arte que nesse lugar é perpetuada.

A partir de artistas como Ilmar Cavalcante, Flávio José, Ianka Targino, Zabé da Loca, Pinto do Monteiro e tantos outros puderam ser evidenciadas práticas culturais que ganharam uma maior força e visibilidade a partir dos anos 1990 e se configuram através de ações políticas até o tempo presente. Uma vez que, neste espaço que Monteiro está inserido, passado e presente se misturam em um descompasso de ritmos.

Sendo assim, buscamos evidenciar o que Chartier (1988) afirma, que práticas culturais, tais como os carnavais de outrora, as quadrilhas juninas, a festa da padroeira, a prática da renda renascença, o São João e tantos outros eventos culturais promovidos no e pelo município de Monteiro, geraram representações que

configuram essa cidade em um ritmo musical. O que aqui se afirma é confirmado por Eliane Andrade, vinculada à Secretaria da Cultura e Turismo, que revelou a importância do calendário cultural para a preservação da Cultura em Monteiro.

Assim, a “princesa do Cariri”, título adotado e referenciado na música “Monteiro Amor Primeiro” do já mencionado compositor Ilmar Cavalcante, configura-se como um lugar que construiu representações, tradições e uma identidade ancorada à cultura (Chartier, 1988). Todo esse feito ocorre através de discursos e manifestações que evidenciam a representação desse lugar, uma vez que, uma identidade foi construída com esse propósito. E, segundo Bourdieu (1989) afirma:

Mas o efeito de conhecimento que o facto da objectivação no discurso exerce não depende apenas do reconhecimento consentido àquele que o detém; ele depende também do grau em que o discurso, que anuncia ao grupo a sua identidade, está fundamentado na objectividade do grupo a que ele se dirige, isto é, no reconhecimento e na crença que lhe concedem os membros deste grupo assim como nas propriedades económicas ou culturais que eles têm em comum, pois é somente em função de um princípio determinado de pertinência que pode aparecer a relação entre estas propriedades (Bourdieu, 1989, p. 117).

O pensamento de Bourdieu (1989) se aplica a Monteiro tendo em vista que os discursos proferidos e promovidos pelos agentes envolvidos e pela própria sociedade e seus artistas evidenciam a eficácia dele, já que práticas culturais, como as que foram mencionadas, fortalecem uma cultura que identifica Monteiro como uma “Cidade que Respira Forró”. Inventando-se, dessa forma, uma tradição (Hobsbawm; Ranger, 1997).

Através das subjetividades, das emoções e das narrativas evidenciadas pelos relatos orais coletados e transcritos no decorrer desse estudo, fortifica-se o caráter metodológico da narrativa oral (De Sordi, 2007) com todos os cuidados e tratamentos mencionados, como um suporte de grande valia para avaliar essa identificação e a relação dos monteirenses com a cultura propagada.

Flávio José mostra que o forró se tornou essa ferramenta de força e que seu nome evidencia o tamanho da grandeza de artistas como ele, e, como os demais, que representam e são lembrados e amparados pela tradição monteirense. Esse reconhecimento é realizado juntamente aos cidadãos civis, marcando, assim, a

construção dessa identidade monteirense ligada à cultura. Afirmando o que Hall (2006) já menciona:

Para dizer de forma simples: não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional (Hall, 2006, p. 59).

Tradições são fortificadas através de práticas solidificadas e perpetuadas pela e na sociedade, portanto, através do presente trabalho observamos que Monteiro - PB se faz assim, terra de músicos e violeiros, repentistas e pifeiros, tocadores de sanfona e zabumbeiros. (RE)inventando acordes, fazendo surgir novas melodias e representando um lugar marcado pela cultura. Sendo esse lugar marcado pela terceira mão de obra municipal, que é a cultura (ANDRADE, 2024). Tudo isso reafirma a representação e identidade gerada no e pelos seus artistas, assim como por todos os envolvidos nesse processo. Como se orgulha em exaltar, Adma Andrade, que finaliza contando e se inserindo nesse espaço sua representação para Monteiro:

Então né... com certeza, a nossa cidade tem influência sobre nós, que somos artistas. A gente respira cultura, respira poesia, respira arte. Monteiro, é, lida com isso durante o ano todo, né? Em manifestações culturais e etc. E... é algo do qual eu tenho muito orgulho, por onde eu vou, por onde eu passo, de dizer que sou monteirense, que sou paraibana. É... eu participei, um dos momentos que eu participei e que eu fiquei bem aflita assim, porque eu dizia "será que vai dar tempo de eu dizer de onde eu sou?", e graças a Deus, deu. Que foi o "The Voice Brasil". Que tem uma repercussão nacional, né, um programa de nível nacional. Estive outras vezes, também, nas emissoras, é... SBT, Globo e outras também. E sempre gostava muito de frisar de onde eu era, por ter esse orgulho, por ter cravado em mim essa, essa influência artística de Monteiro. Então, assim, com certeza é algo muito forte em mim. E... é claro que eu me sinto muito privilegiada né. Eu entendo que na nossa cidade, não só na nossa cidade, mas no mundo, tem muita gente talentosa, até muito mais talentosa do que eu. E que, vive disso, busca isso, estuda isso. Então, nesse sentido eu me sinto muito privilegiada pelas oportunidades que tive. Só tenho a agradecer a Deus, a todas as pessoas que me ajudaram até aqui. Ainda assim, que é um caminho muito longo, é... embora árduo, muito prazeroso, mas, é, me sinto muito privilegiada, sou muito grata a Deus e a todo mundo que me ajudou. E muito feliz né, por ter escolhido a música, por a música ter me escolhido, né. Porque, em um determinado momento da vida eu

até tentei, parar, me senti cansada como acredito que todo mundo se sente em qualquer ofício e decidi parar, mas isso não durou muito e foi ali que eu tive a certeza que eu nasci pra isso, que havia sido escolhida pela música e graças a Deus, segui... Já são 20 anos, eu tenho 33 anos, desde os 13 que eu trabalho e canto profissionalmente e já são 20 anos na estrada. E graças a Deus muito grata e abençoada, como eu disse, é... tive muitas oportunidades que eu reconheço que nem todo mundo na vida tem. Então, sou muito grata por isso. E por ser Monteirense (Andrade, 2024).

Dessa maneira, a pesquisa mostra, por meio de toda análise e da conjuntura erguida, o resultado de um trabalho que evidencia a cultura de um lugar, onde pequenas narrativas podem tornar-se valiosas para a preservação e justificativa da identidade de um povo. Sua força, representação e orgulho. Marcada por uma tradição que é preservada de geração em geração e registra sua história na atualidade de um passado tão presente.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

_____. **Ouvir contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALBRECHT, Elias Kruger; ROMIG, Karen L. Krause. A Memória Coletiva e a Perpetuação da Etnicidade Pomerana na Serra dos Tapes/RS. In: BEZERRA, Daniele Borges. Et al. **Memória coletiva: entre lugares, conflitos e virtualidade**. Porto Alegre: Casalettras; Pelotas: PPGMP/UFPel, 2021. P. 31 – 43.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru/SP: Edusc, 2007.

ALMEIDA, Luiza Silva; OLIVEIRA, Eliane Braga. A Promoção da Memória Coletiva pela BSP: análise das ações informacionais dos anos de 2019 e 2020. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro : Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC - Fundação Getulio Vargas, 2000. P. 156 – 168.

ALMEIDA, Roberto Carlos de Freitas. **Monteiro - PB, a "Cidade Forró"** [manuscrito]: uma análise da cultura como guardião e representante da história de um lugar (1997 - 2019). 2021. 76 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2021.

AMADO, Janaina. Nós e o Espelho. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro : Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC - Fundação Getulio Vargas, 2000. P. 105-112.

BARROS, José D'Assunção. **A Expansão da História**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BARROS, José D' Assunção. A Nova História Cultural – Considerações sobre o universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. In: **Cadernos de história**. Belo Horizonte, v.12 nº 16, 2011, p. 1-26.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade: Um Tratado de Sociologia do Conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 1985.

BEZERRA, Daniele Borges. Et al. **Memória coletiva: entre lugares, conflitos e virtualidade**. Porto Alegre: Casalettras; Pelotas: PPGMP/UFPel, 2021.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história, ou, o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 200.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória** – Ensaios da Psicologia Social. 2 ed. Ateliê Editorial, São Paulo, 2004.

BURKE, Peter. **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da Universidade Paulista, 1992.

CARR, Edward. H. **O Que É História?** Paz e Terra. Conferências George Macaulay Trevelyan proferidas por E. H. Carr na Universidade de Cambridge, janeiro-março de 1961.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Religiosidade Popular no Nordeste Brasileiro**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1978.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1988.

DE SORDI, Neide Alves Dias. **Manual de procedimentos do Programa de História Oral da Justiça Federal**. Brasília : Conselho da Justiça Federal, 2007.

DELGADO, LUCília de Almeida Neves (2009). História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História Oral**, 6. v. 6 (2003): Dossiê - Tempo e narrativa. Disponível em: <https://doi.org/10.51880/ho.v6i0.62>. Acesso em: 27 de Dez. 2022.

DELUMEAU, Jean. **O Pecado e o Medo: A Culpabilização no Ocidente - Séculos XIII-XVIII**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia da ciência**. 2. ed. – São Paulo: Atlas, 1985.

DEMO, Pedro. Pesquisa qualitativa. Busca de equilíbrio entre forma e conteúdo. **Rev.latino-am.enfermagem**, Ribeirão Pedro, v. 6, n. 2, p. 89 – 104, abril de 1998.

DOSSE, François. **O Império do sentido: a humanização das Ciências Humanas**. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano: A Essência das Religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

EVANS, Richard John. **Em defesa da história**. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

FECHINE, Ingrid. **Brasões de saberes populares: memória das rendeiras do Cariri Paraibano**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação: UFPB, 2004.

FERREIRA, Carlos Augusto Lima. Pesquisa quantitativa e qualitativa: perspectivas para o campo da educação. **Revista Mosaico**, v. 8, n. 2, p. 173-182, jul./dez. 2015

FERREIRA, Marieta de Moraes (org.), et al. **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro : Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC - Fundação Getulio Vargas, 2000.

GADAMER, Hans-Georg, 1900. **Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica** / Hans-Georg Gadamer; tradução de Flávio Paulo Meurer. - Petrópolis, RJ : Vozes, 1997.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. - São Paulo : Atlas, 2008

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos tribunais LTDA, 1990.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC- Rio: Apicuri, 2016.

HARTOG, François. **Evidência da história: o que os historiadores veem**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (Org.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Caminhos e Fronteiras**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JENKINS, Keith. **A História Repensada**. São Paulo: Contexto, 2001.

JOUTARD, Philippe. Desafios à História Oral do século XXI. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro : Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC - Fundação Getulio Vargas, 2000. P. 31 – 45.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

Jornal Correio da Paraíba. 21, jan, 1998.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski. História oral como fonte: problemas e métodos. **Historiae**, Rio Grande, n.2, p. 95-108, 2011. Disponível online em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2395>. Acesso em: 10 de jul. 2023.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Desafios da história oral latino-americana: o caso do Brasil. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro : Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC - Fundação Getulio Vargas, 2000. P. 85 – 97.

MENDES, Conrado Moreira. **A Comunicação pela semiótica**. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

MEYER, Eugenia. Balanço e Novos Desafios. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro : Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC - Fundação Getulio Vargas, 2000. P. 113 – 115.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, Técnica e Arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de S. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 16ª edição. Petrópolis: RJ. Vozes, 2000.

MORAES, José Geraldo Vinci de. História e Música: canção popular e conhecimento histórico. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 20, nº 39, p. 203-221, 2000.

NAPOLITANO, Marcos. **História & música** – história cultural da música popular. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural** – 3. ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, a. 3, 3-15, 1989. Disponível em: https://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf. Acesso em: 12 de Jul. 2023.

RAFAEL, Eusilene Maria. **A Representação midiática de Monteiro como “Cidade de Cultura”**: Identidade e Patrimônio Cultural. Maria Lindaci. 2011. 72 f. TCC (Graduação) – Curso de História, Departamento de História, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2011. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/2491/1/PDF%20-%20Eusilene%20Maria%20Rafael.pdf>. Acesso em: 20 de Dez 2022.

REIS, José Carlos. **Escola dos Annales: a inovação em História**. São Paulo, Editora Paz e Terra, 2006.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: A Formação e o Sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIOS, Fábio. Memória coletiva e lembranças individuais a partir das perspectivas de Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Beatriz Sarlo. In: **Revista Intratextos**, v. 5, n.1, 2013, p.1-22.

RIOS-NETO, Eduardo L. G. **A relação entre população e desenvolvimento 15 anos após a conferência do Cairo.** [s.l.], [s.n.], 2009. Disponível em: <http://wiki.dpi.inpe.br/lib/exe/fetch.php?media=ser457-cst310:eduardorios-neto_relpop_desenvol_cairo_15_2009.pdf>. Acesso em: 22 de maio de 2023.

RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. O homem sem qualidades: história oral, memória e modos de subjetivação. In: **Estud. pesquis. psicol., Rio de Janeiro**, v. 4, n. 2, dez. 2004. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812004000300003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 11 Jul. 2023.

SILVA, Fabiana de Miranda. **A renda renascença na Paraíba [manuscrito]:** enredos de cultura, moda e desenvolvimento. 2019. 147p. Trabalho de Pós-Graduação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e pesquisa, 2019.

SILVA, Maria Ivoneide da. **Poesia, Performance e Memória de Severino Lourenço da Silva Pinto, o “Pinto do Monteiro”:** um marco na história do repente nordestino. Tese (Doutorado do Programa de pós-graduação em Letras e Linguística). Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 2009.

ROUVEROL, Alicia J. **Entre texto e fotos:** contando a historia de linda lord e do fechamento da penobscot poultry. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **História oral: desafios para o século XXI.** Rio de Janeiro : Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC - Fundação Getulio Vargas, 2000. P. 179 – 198.

THOMSON, Alistair. Aos cinquenta anos: uma perspectiva internacional da história oral. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **História oral: desafios para o século XXI.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC - Fundação Getulio Vargas, 2000. P. 47 – 65.

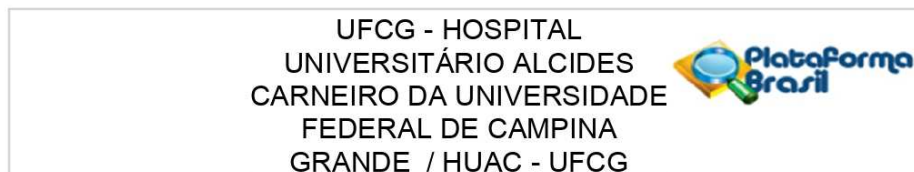
VINASCO, Isabel C. Bernal; CASTRO, Jaime A. Bornacelly. Conflitos de Memória na Contemporaneidade. In: BEZERRA, Daniele Borges. Et al. **Memória coletiva: entre lugares, conflitos e virtualidade.** Porto Alegre: Casalettras; Pelotas: PPGMP/UFPel, 2021. P. 99 – 102.

WEINSTEIN, Barbara. História sem causa? A nova história cultural, a grande narrativa e o dilema pós-colonial. In: **História**, São Paulo, 22(2), 185-210, 2003. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/his/a/DcxCGRVhcXJV4KmgJ7jcT/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 20 Set. 2023.

WHITE, Hayden. **Meta-história: A Imaginação Histórica no Século XIX.** Edusp; 2ª edição, 2019.

ANEXOS

ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP - COMITÊ DE ÉTICA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: INVENTANDO UMA “CIDADE FORRÓ”: COMO A CONSTRUÇÃO DE UMA CULTURA MUSICAL REPRESENTA E IDENTIFICA UMA TRADIÇÃO E UMA SOCIEDADE, DESBRAVANDO MONTEIRO-PB EM BUSCA DOS ACORDES FINAIS

Pesquisador: ROBERTO CARLOS DE FREITAS ALMEIDA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 68980023.6.0000.5182

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.174.770

Apresentação do Projeto:

De acordo com o pesquisador o estudo busca analisar a partir da teoria e da pesquisa de campo com a sociedade monteirense, como a cultura, especialmente em torno da música, se desenvolveu e passou a representar a história de Monteiro – PB, tornando-se meio de transformação social, econômica e como influenciou na questão da identidade do município, sobretudo no que se refere aos anos de 1990 a 2022. Como aporte teórico será utilizado os estudos de Demo (1985 e 1998), Chartier (1988), Pesavento (2012), Napolitano (2002) e Delgado (2009). A metodologia a ser utilizada é de caráter qualitativa e está amparada na forma de participação observante, uma vez que entrevistas serão realizadas como forma de recurso utilizada, possibilitando que o presente pesquisador interaja com os participantes da pesquisa e obtenha os resultados desejados. O projeto está sendo cadastrado conforme as normas estabelecidas pela resolução 510/2016.

Objetivo da Pesquisa:

O pesquisador refere como objetivos da pesquisa:

Objetivo primário:

Analisar a partir da teoria e da pesquisa de campo com a sociedade monteirense, como a cultura, especialmente em torno da música, se desenvolveu e passou a representar a história de Monteiro –

Endereço: CAESE - Rua Dr. Chateaubriand, s/n.	
Bairro: São José	CEP: 58.107-670
UF: PB	Município: CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)2101-5545	Fax: (83)2101-5523 E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br

UFCG - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO ALCIDES
CARNEIRO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE CAMPINA
GRANDE / HUAC - UFCG



Continuação do Parecer: 6.174.770

PB tornando-se meio de transformação social, econômica e como influenciou na questão da identidade do município, sobretudo no que se refere aos anos de 1990 a 2022.

Objetivos Secundários

- Apontar a relação, através dos estudos historiográficos, entre os caminhos que possibilitaram o estudo da História cultural, e conseqüentemente o surgimento do forró como um estilo musical característico do Nordeste e que influenciou as dinâmicas socioculturais de Monteiro;
- Refletir a história da cidade de Monteiro – PB, pensando as manifestações culturais que giram em torno do município e os processos que ocorreram através da cultura, observando as formas que geram visibilidade ao lugar, às interligações entre passado e presente e os espaços envolvidos nesse processo;
- Problematizar as ações políticas tomadas pelos gestores do município, que “ajudaram” a construir representações que evidenciam Monteiro como uma cidade cultural.
- Entender sobre a integração, olhares e divergências relacionadas às formas de consumo de práticas culturais, principalmente entre jovens e adultos, que permitam justificar uma identidade ligada ao forró e a cultura popular.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O pesquisador elenca como riscos e benefícios da pesquisa:

Riscos:

É possível considerar que a pesquisa a ser realizada apresenta poucos riscos para sua produção, entre os possíveis riscos destaca-se algum constrangimento dos entrevistados, seja dos artistas da terra ou a população, bem como também o vazamento das gravações para além da produção da dissertação. Porém, será feito todo o possível para que os participantes se sintam confortáveis e para que as entrevistas e a pesquisa não seja exposta, sendo essas realizadas em local discreto e de maneira individual, tomando os devidos cuidados com o conteúdo, com a restrição e o acesso as gravações. Nesse sentido apenas o presente pesquisador terá acesso ao material, respeitando todas as normas éticas e o compromisso firmado através da assinatura dos termos. E caso ainda os participantes não se sintam confortáveis, o uso de pseudônimo surgirá como possibilidade para assegurar e preservar o direito do mesmo.

Benefícios:

Endereço: CAESE - Rua Dr. Chateaubriand, s/n.
Bairro: São José **CEP:** 58.107-670
UF: PB **Município:** CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)2101-5545 **Fax:** (83)2101-5523 **E-mail:** cep@huac.ufcg.edu.br

UFCG - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO ALCIDES
CARNEIRO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE CAMPINA
GRANDE / HUAC - UFCG



Continuação do Parecer: 6.174.770

Entender a identidade de uma sociedade não é algo tão simples quanto possa parecer, para isso é preciso um estudo que viabilize uma renovação metodológica e teórica, sendo essa a proposta desse estudo, ou seja, pensar as práticas culturais que giram em torno de uma cidade e os processos que ocorreram através da cultura, identificando através das subjetividades a relação dos moradores com as práticas locais e as formas com que vivenciam e consomem cultura, independente do tempo, sendo esse movimento capaz de revelar sentidos. Através disso é possível que seja construído um caminho que revele pensamentos, intenções, frustrações e possibilidades, sejam para conhecimento ou aporte teórico para outros estudos que façam parte dos domínios da cultura.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa denota relevância científica e social.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram anexados ao sistema:

- Projeto completo
- Termo de Compromisso dos pesquisadores
- Folha de Rosto
- Termo de Anuência Institucional
- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
- Orçamento
- Cronograma
- Instrumento de coleta de dados

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não existem inadequações éticas para o início da pesquisa.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_2090121.pdf	13/04/2023 11:39:52		Aceito

Endereço: CAESE - Rua Dr. Chateaubriand, s/n.
Bairro: São José **CEP:** 58.107-670
UF: PB **Município:** CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)2101-5545 **Fax:** (83)2101-5523 **E-mail:** cep@huac.ufcg.edu.br

**UFCG - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO ALCIDES
CARNEIRO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE CAMPINA
GRANDE / HUAC - UFCG**



Continuação do Parecer: 6.174.770

Declaração de Instituição e Infraestrutura	TERMO_ANUENCIA_CH.pdf	13/04/2023 11:37:01	ROBERTO CARLOS DE FREITAS ALMEIDA	Aceito
Outros	TERMO_ANUENCIA_PREFEITURA.pdf	13/04/2023 11:33:37	ROBERTO CARLOS DE FREITAS ALMEIDA	Aceito
Outros	AUTORIZACAO_PREFEITURA_MONT EIRO.pdf	13/04/2023 11:32:55	ROBERTO CARLOS DE FREITAS ALMEIDA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	13/04/2023 11:31:26	ROBERTO CARLOS DE FREITAS ALMEIDA	Aceito
Declaração de concordância	TERMO_CONCORDANCIA.pdf	13/04/2023 11:28:01	ROBERTO CARLOS DE FREITAS ALMEIDA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TERMO_COMPROMISSO_PESQUISA DORES.pdf	13/04/2023 11:27:23	ROBERTO CARLOS DE FREITAS ALMEIDA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_DETALHADO_UFCG.pdf	13/04/2023 11:25:52	ROBERTO CARLOS DE FREITAS ALMEIDA	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO.pdf	13/04/2023 11:24:14	ROBERTO CARLOS DE FREITAS ALMEIDA	Aceito
Outros	INSTRUMENTO_COLETA_DADOS_UFCG.pdf	23/02/2023 09:19:29	ROBERTO CARLOS DE FREITAS ALMEIDA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_GRAVACAO_VOZ_UFCG.pdf	23/02/2023 09:18:54	ROBERTO CARLOS DE FREITAS ALMEIDA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: CAESE - Rua Dr. Chateaubriand, s/n.
Bairro: São José **CEP:** 58.107-670
UF: PB **Município:** CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)2101-5545 **Fax:** (83)2101-5523 **E-mail:** cep@huac.ufcg.edu.br

UFCG - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO ALCIDES
CARNEIRO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE CAMPINA
GRANDE / HUAC - UFCG



Continuação do Parecer: 6.174.770

CAMPINA GRANDE, 11 de Julho de 2023

Assinado por:
Andréia Oliveira Barros Sousa
(Coordenador(a))

Endereço: CAESE - Rua Dr. Chateaubriand, s/n.
Bairro: São José **CEP:** 58.107-670
UF: PB **Município:** CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)2101-5545 **Fax:** (83)2101-5523 **E-mail:** cep@huac.ufcg.edu.br

ANEXO B - MANIFESTAÇÕES CULTURAIS PROMOVIDAS PELO TURISMO DE MONTEIRO - PB



Apresentação do Evento Som nas Pedras iniciativa da Secretaria de Cultura e Turismo de Monteiro - PB em parceria com o SEBRAE. Fonte: Imagem disponibilizada pela Secretaria de Cultura e Turismo de Monteiro.



Apresentação Musical iniciativa da Secretaria de Cultura e Turismo de Monteiro - PB em parceria com o SEBRAE. Fonte: Imagem disponibilizada pela Secretaria de Cultura e Turismo de Monteiro.



Apresentação de Lucy Alves, artista de grande relevância nacional no Festival de Cultura Popular Zabé da Loba
Fonte: arquivo pessoal do pesquisador



Autoridades municipais reunidas no Festival de Cultura Popular Zabé da Loca, 2024.
Fonte: arquivo pessoal do pesquisador

ANEXO C - DADOS SOBRE VISITAÇÕES PROPORCIONADAS PELO TURISMO DA RENDA RENASCENÇA

CRENÇA –
CENTRO DE REFERENCIA DA RENDA
RENASCENÇA.



www.maosdocariri.com.br @rendasdocariri

Expedição Cariri – Ronaldo Fraga e quevisu

A parada obrigatória em Monteiro é no Centro de Referência da Renda Renascença Paraibana (CRENÇA) onde Ronaldo Fraga, Thiago Buriti e Pablo Buriti desvendam para o mundo as belezas do universo de um ofício artesanal que resiste e persiste nas rendeiras que ali os recebem.

A empresa queVisu tem como premissa a elaboração de viagens e roteiros com proposta mais humana, com foco no turismo de experiência, na atividade de vivência e principalmente, na economia circular. Que tem como ponto importante a geração de renda por onde passa. Quebrando o paradigma de que a região nordeste é pobre, que não tem algo a oferecer e mostrar através da vivência justamente o contrario.

Segue abaixo planilha as respectivas datas que foram realizadas expedições na loja CRENÇA, com dados e resultados de cada vivência.

DATA	DADOS / RESULTADOS
21/12/2021	R\$ 7.910,00
26/01/2022	3.570,00
03/02/2022	R\$ 2.900,00
24/08/2022	R\$ 15.124,00
26/10/2022	R\$ 16.917,00
03/11/2022	R\$ 14.057,40
01/02/2023	R\$ 15.195,00
08/02/2023	R\$ 12.390,00
24/08/2023	R\$ 44.760,00
06/09/2023	R\$ 32.917,00


ELISSANDRA DEODATO SOBRAL
Gerente Administrativa

MONTEIRO – PB, 12 DE SETEMBRO DE 2023.

Dados e explicação referente as expedições da Caravana de Ronaldo Fraga, que traz Turistas para conhecer e apreciar o trabalho das rendeiras do cariri paraibano. Fonte: Dados Fornecidos pela Secretaria de Cultura e Turismo.